



PROJETO

**FAZ
SENTIDO**

DIVERSIDADE, EQUIDADE E INCLUSÃO NA ESCOLA

Uma parceria:



ÍNDICE

 CLIQUE PARA ACESSAR O CAPÍTULO DESEJADO

CAPÍTULO 1 **Introdução**



P. 8

CAPÍTULO 2 **Diversidade, desigualdade e equidade**



P. 25

CAPÍTULO 3 **Reconhecimento e representatividade na escola**



P. 62

CAPÍTULO 4 **Impacto das desigualdades na escola**



P. 75

CAPÍTULO 5 **Abandono e evasão escolar**



P. 98

CAPÍTULO 6 **Papel da escola no enfrentamento das desigualdades, violências e preconceitos**



P. 146

CRÉDITOS



Pesquisa, Conteúdo e Redação

Amanda Sadalla
Fernanda Arantes
Fernanda Carpegiani
Raquel Souza
Thais Schwarzberg Milanello



Revisão

Amanda Sadalla
Bruna Waitman
Camila Castanho Miranda
Caio Valiengo
Carine Nascimento
Fernanda Carpegiani
Gabriel Medina
Lia Roitburd
Mariana Moraes
Thais Schwarzberg Milanello



Design Gráfico

Cleber Sant'Anna
Leandro Pasini
Reane Lisboa
Nix Kloepløek



Ilustrações

Shutterstock
The Noun Project
Flaticon



O que fizemos?

- Pesquisa documental
- Leitura de artigos acadêmicos
- Leitura de literatura publicada sobre juventudes, diversidades e evasão escolar
- Pesquisa de campo com jovens do Ensino Médio
- Rodas de conversa com jovens do Ensino Médio, professores e técnicos de Secretarias de Educação
- Oficinas de reflexão e cocriação com: jovens do Ensino Médio da rede pública, ex-estudantes do Ensino Médio, professores e coordenadores pedagógicos do Ensino Médio e especialistas



Quando?

- Entre agosto e outubro de 2018



O que rolou?

- 1 roda de conversa com estudantes
- 1 roda de conversa com professores e coordenação pedagógica
- 1 oficina de cocriação com estudantes, coordenadores pedagógicos e especialistas
- 1 roda de conversa com técnicos de Secretaria Estadual de Educação



Com quem conversamos?

- Coordenadores pedagógicos, Gestores, Professores, Diretor, alunos e alunas da rede pública de São Paulo - SP
- Técnicos da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte
- Alunas de Administração Pública da FGV (SP), ex-alunas de escolas públicas de São Paulo - SP
- Alunos gestores de grêmios escolares de São Paulo - SP
- Especialistas em Educação e Juventudes
- Gestores, professores e alunos da EE Joaquim Braga de São Paulo - SP



Por onde estivemos?

- Escola Estadual Joaquim Braga de São Paulo - SP
- Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte

ESPECIALISTAS OUVIDOS

- **Anna Penido**, diretora do Instituto Inspirare. Jornalista formada pela UFBA, com especialização em Direitos Humanos pela Universidade de Columbia e em Gestão Social para o Desenvolvimento pela UFBA. Fundou e dirigiu a CIPÓ – Comunicação Interativa. Coordenou o escritório do UNICEF para os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

- **Alexandre Barbosa Pereira**, doutor em Antropologia Social pela USP. Pesquisador associado ao Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, ao Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da UNIFESP e ao Laboratório Interdisciplinar de Ciências Humanas, Sociais e Saúde da UNIFESP.

- **Amélia Artes**, doutora em Educação pela USP e pesquisadora do DPE (Departamento de Pesquisas Educacionais) da Fundação Carlos Chagas. Integra o Grupo de Gênero, Raça, e Direitos Humanos os Projetos: “Equidade na Pós-Graduação” e “Elas nas ciências: um estudo para a equidade de gênero no ensino médio”, desenvolvidos no âmbito do DPE/FCC.

- **Marília Pontes Sposito**, doutora em Educação pela USP e professora titular em Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da USP, tendo realizado pós-doutorado na EHESS/Paris. Desenvolve pesquisa em Sociologia da Educação, Sociologia da Juventude e Sociologia da Ação coletiva e dos Movimentos Sociais.

- **Gabriel Medina**, psicólogo e analista sênior na Gerência de Desenvolvimento e Soluções do Instituto Unibanco. Foi presidente do Conselho Nacional de Juventude (2011/2012). Coordenador de Políticas da Juventude na Prefeitura de São Paulo (2013/2014) e Secretário Nacional de Juventude do Governo Federal (2015-2016).

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS



Centro de Referências em Educação Integral, Cidade Escola Aprendiz



Práticas inspiradoras para abordar os povos oprimidos com seus alunos, Nova Escola



Nossa Escola em Reconstrução, Porvir



Participação do Estudante nas Escolas, Porvir



Gênero e Diversidade na Escola, E-clam



Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS



Cenário da exclusão social no Brasil, UNICEF



O enfrentamento da Exclusão Escolar no Brasil, UNICEF



Engajamento Escolar: Combater a Evasão e o Abandono, GESTA



Políticas Públicas para a Redução do Abandono e Evasão Escolar, Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco e Fundação Brava



O que é educação inclusiva, Diversa e Instituto Rodrigo Mendes



Estatuto da Juventude, Portal da Juventude, Secretaria Nacional da Juventude

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

- Legislação e bases legais
- Juventudes e a construção da identidade
- Juventude X juventudes
- Pelo direito à comunicação e liberdade de expressão
- A construção de uma escola democrática



O debate sobre diversidade, equidade e inclusão está cada vez mais presente em nossa sociedade.

E O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO? **TUDO!**

A GARANTIA DE DIREITOS É FUNDAMENTAL PARA PROMOVER A FORMAÇÃO CIDADÃ E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ESTUDANTES.

“UMA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NÃO PODE PERDER NENHUM BRASILEIRO. TEM QUE ATENDER A TODOS, SEM EXCEÇÃO, COM O COMPROMISSO DE GARANTIR A FORMA E O RITMO DA APRENDIZAGEM DESSAS PESSOAS. TEM QUE SE APROPRIAR DO SENTIDO DE SER DESTE PAÍS”,

Tião Rocha, educador popular.

Fonte: A escola brasileira como projeto de país, Centro de Referência em Educação Integral



REDEMOCRATIZAÇÃO

A história da Educação no país está diretamente relacionada ao seu contexto político e social.

Em 1964, o Brasil sofreu um golpe militar, que anulou o Estado de Direito. Isso se refletiu em um modelo de escola autoritário. Foi só com a retomada da democracia, 20 anos depois, que a bandeira do ensino democrático ganhou força.



“A ESCOLA DEVE RECONHECER A AFIRMAÇÃO POLÍTICA DO SER HUMANO, POIS A DEMOCRACIA PRESSUPÕE A CONVIVÊNCIA ENTRE SUJEITOS. SE O OBJETIVO É FORMAR PESSOAS AUTÔNOMAS, QUALQUER AÇÃO DE DOMINAÇÃO É ANTIPEDAGÓGICA”

Vitor Paro, professor e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar [Gepae], da Universidade de São Paulo [USP]

Fonte: Participação já! A escola aberta ao diálogo, Gestão Escolar

LEGISLAÇÃO E BASES LEGAIS

Construção Democrática

**A CONSTRUÇÃO
DEMOCRÁTICA NO
CONTEXTO ESCOLAR
É MAIS DO QUE UMA
FORMA DE ORGANIZAR
A ROTINA DA ESCOLA.**

É uma maneira
de garantir
o direito à
Educação de
qualidade, a
partir do que
está previsto
na Constituição
e em outras
legislações.

Você conhece esses documentos?

**Sabe o que eles dizem sobre diversidade,
equidade e direitos dos jovens?**



A primeira e mais importante referência nesse sentido é a Constituição Federal de 1988.

Veja o que diz o documento:

Artigo 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

Artigo 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Já viu o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)?

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU também garantem o direito à igualdade e diversidade na educação:

Objetivo 4.5 Educação de Qualidade:

Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade.

Objetivo 5 Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Objetivo 5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte.

Objetivo 5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis.

Desde 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovada na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), fala sobre a luta universal contra a opressão e discriminação. O documento é uma grande referência na defesa da igualdade e da dignidade das pessoas, e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser aplicados a todos, sem exceção.

“NA DECLARAÇÃO, O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ESTUDANTES APARECE NÃO APENAS COMO UM DIREITO MAS TAMBÉM COMO UM MEIO PARA QUE SE ALCANCE OS OBJETIVOS PROPOSTOS NO DOCUMENTO. A ESCOLA, COMO INSTITUIÇÃO DE REFERÊNCIA NA EDUCAÇÃO E CENTRAL NA FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS, NÃO PODE ABRIR MÃO DO DEBATE, PRÁTICA, PROMOÇÃO E GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS”.

Fonte: Centro de Referências em Educação Integral



JUVENTUDES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Muitos enxergam a juventude como uma fase natural e única para todos os jovens, como se todos vivessem esse período da mesma forma. Essa visão considera as mudanças físicas e biológicas, mas pode ignorar o contexto e a vivência pessoal de cada jovem, como o país em que vivem e a cultura na qual estão inseridos.

Assim como outras fases da vida, da infância à velhice, a juventude é uma categoria socialmente e historicamente construída. Isso quer dizer que seu significado é criado a partir de circunstâncias econômicas, sociais, culturais e políticas. Ou seja, a juventude é uma invenção cultural de um determinado tempo.

Por isso, ela não pode ser considerada como uma etapa natural do desenvolvimento humano.

A JUVENTUDE NÃO É UNIVERSAL E NEM NATURAL, MAS SIM SOCIAL E HISTÓRICA.

Fonte: LEVI; SCHMITT, 1996, Bock, 2003



Da infância até o início da adolescência, os indivíduos ampliam seu repertório de habilidades e vivências. Começam a dar um sentido único para cada experiência, criando uma perspectiva sobre sua própria vida. Passam também a confrontar a imagem que constroem de si próprios com as imagens que os outros constroem sobre eles.

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
ACONTECE JUSTAMENTE NO
JOGO ENTRE O “EU” E OS OUTROS.
NESSE ESTUDO, VAMOS FALAR
SOBRE O PAPEL DA ESCOLA
NO RECONHECIMENTO DA
IDENTIDADE DOS JOVENS.**



JUVENTUDE X JUVENTUDES



A DIVERSIDADE
QUE EXISTE NA
JUVENTUDE VAI
ALÉM DA FAIXA
ETÁRIA.

Os jovens têm particularidades criadas a partir das diferenças que surgem de experiências e fatores como classe social, etnia, gênero, inserção ou não no mundo do trabalho e na escola, ter ou não filhos, local de moradia (urbano, periferia, rural, quilombos), situação familiar, entre outros.

O termo juventudes, no plural, garante a expressão de uma pluralidade de vozes e reconhece que não existe uma juventude, e sim muitas, a partir de diferentes formas de experimentar esse período da vida.

SAIBA MAIS: ESTUDO FAZ SENTIDO: JUVENTUDES E ENSINO
MÉDIO CAPÍTULO 1 JUVENTUDE E JUVENTUDES

Você sabe o que diz o Estatuto da Juventude?

A **Lei 12.852/2013** determina os direitos dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo governo brasileiro, em todas as suas gestões. Ao todo, são 11 direitos previstos no Estatuto

- | | |
|--|--|
| 01. Direito à Diversidade e à Igualdade | 07. Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil |
| 02. Direito ao Desporto e ao Lazer | 08. Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda |
| 03. Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão | 09. Direito à Saúde |
| 04. Direito à Cultura | 10. Direito à Educação |
| 05. Direito ao Território e à Mobilidade | 11. Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente |
| 06. Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça | |

Fonte: Portal da Juventude, Governo Federal

Veja o que diz o Artigo 17:

O jovem tem direito à diversidade e à igualdade de oportunidades e não será discriminado por motivo de:

- I - etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo;
- II - orientação sexual, idioma ou religião;
- III - opinião, deficiência e condição social ou econômica.

PELO DIREITO À COMUNICAÇÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A seção VII do Estatuto da Juventude, chamada “Dos Direitos Culturais e à Comunicação e à Liberdade de Expressão”, fala sobre a valorização da capacidade criativa da juventude. Também garante a liberdade de expressão e o acesso às tecnologias de comunicação e informação e às vias de difusão.

Fonte: Estatuto de Bolso, Portal da Juventude

Você sabia?

A UNESCO trabalha para promover a comunicação e liberdade de expressão como um direito humano fundamental por meio de atividades de sensibilização e monitoramento. Em 2018, a organização lança o projeto “Espaços para jovens”, para envolvê-los na elaboração de programas e na tomada de decisões. O objetivo é fazer com que os jovens sejam atores-chave na vida social e política.

Fonte: Espaços seguros para jovens, UNESCO

“É ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO QUE VAMOS CONSEGUIR PROVAR AQUILO QUE A GENTE É, JÁ QUE NÃO TEMOS ESPAÇO NA MÍDIA E NEM NA SOCIEDADE. É ATRAVÉS DELA QUE A GENTE VAI PODER FALAR DE TUDO QUE A GENTE PASSA NA FAVELA.”



- Gizele Martins é jornalista e moradora da favela da Maré, no Rio de Janeiro. Lá, ela edita o jornal O Cidadão, que conta com a participação dos jovens na criação de espaços alternativos aos meios de comunicação existentes.

Fonte: Direito à Comunicação é garantido ao jovem no Estatuto, Portal Aprendiz

Respeitar os tempos, espaços e expressões da juventude permite que os jovens exerçam seus direitos fundamentais e vivam plenamente essa etapa única e singular da vida.

Para a professora Cicília M. Krohling Peruzzo, dar aos jovens o acesso à informação, comunicação e liberdade de expressão facilita o exercício da cidadania. Isso porque reconhece qualquer pessoa não somente como consumidora de informação, mas também como produtora de história e cultura.

Rádio, rap e educação

Hamilton de Oliveira, o DJ Branco, é arte educador e promove a interação da rádio com escolas públicas de Salvador, na Bahia. Ele comanda o programa “Evolução Hip Hop”, que acessa 13 mil ouvintes por segundo na Rádio Educadora FM, emissora pública do estado. Além de apresentar canções do Hip Hop nordestino, o DJ discute temas de importância cidadã. “Funcionamos como um programa que faz, informalmente, monitoramento de políticas públicas, de direitos humanos, cidadania, direito à cidade, o que é consumo, violência e Estado”, explica.

Fonte: Evolução Hip Hop, Portal Aprendiz



MÍDIA JOVEM NA ESCOLA

Nas páginas do Facebook, Twitter, YouTube e Instagram da Escola Estadual Baltazar de Oliveira Garcia, a mensagem que ecoa é a mesma: Ouça Minha Voz! O recado é dado por um grupo de jovens de 16 a 18 anos. No bairro Protásio Alves, na periferia de Porto Alegre (RS), a produção de mídia foi a ferramenta usada por alunos para quebrar o paradigma de que só os adultos falam, questionam e participam das decisões.

PRÁTICA INSPIRADORA

COM A PROPOSTA DE TRAZER A VOZ DO JOVEM PARA O CENTRO DO DEBATE, O GRUPO PRODUZ FANZINES, CARTAZES, VÍDEOS E TEXTOS QUE DENUNCIAM OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA PRESENTES NO SEU DIA A DIA. DA INSEGURANÇA PROVOCA DA PELA FALTA DE ILUMINAÇÃO NO ENTORNO DA ESCOLA À DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO VIVIDO POR ELES, OS CONTEÚDOS TRAZEM SEMPRE A PERSPECTIVA E A LINGUAGEM DA JUVENTUDE. “SÃO TEMAS QUE VEMOS TODOS OS DIAS NO COTIDIANO”, DIZ O ESTUDANTE FELIPE DEMARTINI, 17.

Fonte: Especial Participação, Porvir



Outra referência importante é o Plano Nacional de Educação, uma regra geral prevista no artigo 214 da Constituição Federal. O PNE é válido por dez anos a partir de 25/06/2014 e estabelece diretrizes, metas e estratégias de concretização no campo da Educação.

Veja o que diz o artigo 12.5:

“Fomento à diversidade

Ampliar as **políticas de inclusão e de assistência estudantil** dirigidas aos estudantes de instituições públicas, bolsistas de instituições privadas de Educação Superior e beneficiários do Fundo de Financiamento Estudantil – FIES, de que trata a Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001, na Educação Superior, de modo a **reduzir as desigualdades étnico-raciais** e ampliar as taxas de acesso e permanência na Educação Superior de estudantes egressos da escola pública, afrodescendentes, indígenas e de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a apoiar seu sucesso acadêmico.”

Fonte: Fomento à diversidade, Observatório do PNE

A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA

A educação democrática precisa ser construída com a participação de todos os envolvidos: gestores, educadores, estudantes, pais e comunidade. Para isso, precisamos nos perguntar: quem são as pessoas que estão na escola? Quais diversidades e identidades constituem a comunidade escolar? Um caminho que deve, necessariamente, valorizar e incluir as diversas e desiguais realidades brasileiras.

ASSIM, É POSSÍVEL FAZER DA ESCOLA UM PROJETO DE PAÍS.

“AO INVESTIGAR NOSSA CULTURA, ENCONTRAMOS NOSSOS MAIORES PROBLEMAS, E TEMOS QUE ASSUMI-LOS. SÓ ASSIM CRIAREMOS PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES PARA UM PROJETO DE BRASIL MELHOR, O QUE AINDA NÃO FOI FEITO A SÉRIO.”

- Helena Singer, socióloga e educadora

“OMITIR-SE EM RELAÇÃO AO RACISMO, MACHISMO E SEXISMO É POSSIBILITAR SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR. EM LUGAR DISSO, A ESCOLA DEVERIA OFERECER FORMAÇÃO DE IGUALDADE E RESPEITO A TODAS AS CULTURAS E PESSOAS, OFERECER O DIREITO DE CONHECER O OUTRO.”

- Suelaine Carneiro, socióloga e integrante do Geledés Instituto da Mulher Negra

Fonte: A escola brasileira como projeto de país, Cidade Escola Aprendiz



CAPÍTULO 2

DIVERSIDADE, DESIGUALDADE E EQUIDADE



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

- Os conceitos de desigualdade, diversidade e equidade
- A educação para todos
- Juventudes e diversidades
- Juventudes e direitos Humanos
- As múltiplas identidades dos jovens do Ensino Médio
- Os processos de identidade, reconhecimento e exclusão
- Interseccionalidade: quando as discriminações se somam
- O impacto das relações de gênero nas relações dos jovens com a escola



O QUE É DESIGUALDADE

A desigualdade social se mostra nas dinâmicas e relações da nossa sociedade que limitam ou prejudicam determinado grupo ou círculo de pessoas.

"A DESIGUALDADE NÃO É NATURAL, ELA É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. QUANDO A DESIGUALDADE É NATURALIZADA, ELA PASSA A INSTITUIR O PODER DA OPRESSÃO SOCIAL. OS MECANISMOS QUE REPRODUZEM AS DESIGUALDADES DEVEM SER REVELADOS DE FORMA QUE SE POSSIBILITE SEU ENFRENTAMENTO PELA SOCIEDADE CIVIL POR MEIO DA CIDADANIA ATIVA, BUSCANDO A GARANTIA DA JUSTIÇA DE GÊNERO, DA IGUALDADE RACIAL, DOS DIREITOS HUMANOS E O APROFUNDAMENTO DA DEMOCRACIA."

- Kátia Maia,
Presidente Oxfam Brasil

Por exemplo: acesso desigual à escolaridade e à renda, disparidades regionais e entre campo e cidade (bairros periféricos e bairros centrais), tratamento diferente entre homens e mulheres.



DESIGUALDADE X LIBERDADE

A desigualdade também está diretamente ligada à falta de liberdade.

É o que acredita o indiano Amartya Sen, professor de economia e filosofia. Ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998, é um dos idealizadores do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e fundador do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento (Universidade da ONU).

Para ele, a desigualdade faz com que alguns indivíduos não tenham a oportunidade de desenvolver suas capacidades. E isso acaba por influenciar em sua renda e seu espaço na sociedade.

POR OUTRO LADO, O ACESSO À EDUCAÇÃO PODE AJUDAR A DIMINUIR A DESIGUALDADE.

GARANTIR EDUCAÇÃO DE QUALIDADE A TODAS AS CRIANÇAS DO BRASIL É O CAMINHO MAIS EFICIENTE PARA REDUZIR A ENORME DESIGUALDADE DE RENDA E OPORTUNIDADES.

- Andreas Schleicher, Diretor de educação e de competências da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE]



O QUE É DIVERSIDADE

É o conjunto de diferenças e valores compartilhados pelos seres humanos na vida social. A diversidade mostra que as pessoas não são iguais entre si. Cada um tem sua bagagem, sua história e suas experiências, que devem ser igualmente respeitadas.

Somos diversos! Em gênero, etnia, religião, orientação sexual e também características físicas, emocionais e cognitivas, entre outras dimensões.

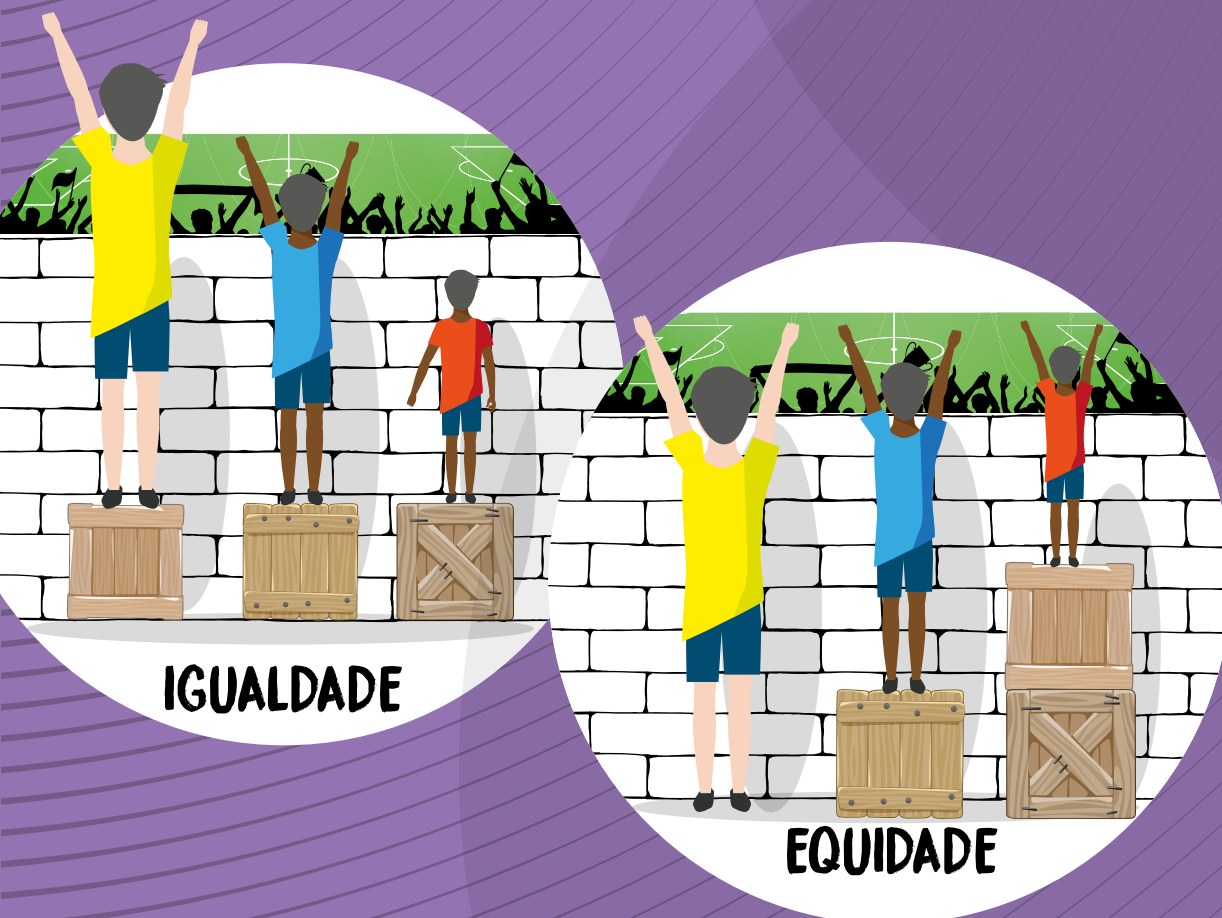
Muitas vezes a diferença é vista como problemática ou inadequada diante dos padrões estabelecidos por um determinado grupo social ou cultural dominante. Isso faz com que alguns grupos sejam inferiorizados, o que gera discriminação, preconceito e intolerância, e atrapalha o desenvolvimento e relacionamento entre as pessoas.

**PENSE NISSO:
NÃO ACEITAR E COMPREENDER
A DIVERSIDADE PODE LEVAR À
VIOLÊNCIA E À EXCLUSÃO SOCIAL.**



VOCÊ SABE O QUE É EQUIDADE?

Equidade é uma forma de buscar a igualdade considerando que nem todos têm as mesmas oportunidades. A desigualdade social é muito presente no Brasil e por isso cada um parte de um lugar muito diferente.



“DESIGUAIS PRECISAM SER TRATADOS DIFERENTES, CASO CONTRÁRIO AS DESIGUALDADES NÃO SERÃO SUPERADAS. A PERSPECTIVA DA EQUIVALÊNCIA REPRESENTA UMA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS, A DOS DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS, QUE SE DIFERENCIA DA PRIMEIRA GERAÇÃO (DIREITOS INDIVIDUAIS), E DA SEGUNDA GERAÇÃO (OS DIREITOS SOCIAIS E ECONÔMICOS). ESSA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS TRAZ CONJUNTAMENTE PRINCÍPIOS COMO CONFIANÇA, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA E SÓ PODEM SER RESPONDIDOS EM UMA ÓTICA COMUNITÁRIA.”

-Gabriel Medina, Instituto Unibanco

“TEMOS O DIREITO DE SER IGUAIS QUANDO A NOSSA DIFERENÇA NOS INFERIORIZA; E TEMOS O DIREITO DE SER DIFERENTES QUANDO A NOSSA IGUALDADE NOS DESCARACTERIZA. DAÍ A NECESSIDADE DE UMA IGUALDADE QUE RECONHEÇA AS DIFERENÇAS E DE UMA DIFERENÇA QUE NÃO PRODUZA, ALIMENTE OU REPRODUZA AS DESIGUALDADES”.

- Boaventura Sousa Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick



A EDUCAÇÃO PRECISA SER PARA TODOS



Uma abordagem inclusiva parte do princípio de que o normal é ser diferente. E de que ser diferente é normal.

“A EDUCAÇÃO INCLUSIVA PODE SER ENTENDIDA COMO UMA CONCEPÇÃO DE ENSINO CONTEMPORÂNEA QUE TEM COMO OBJETIVO GARANTIR O DIREITO DE TODOS À EDUCAÇÃO. ELA PRESSUPÕE A IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS HUMANAS, CONTEMPLANDO, ASSIM, AS DIVERSIDADES ÉTNICAS, SOCIAIS, CULTURAIS, INTELECTUAIS, FÍSICAS, SENSORIAIS E DE GÊNERO DOS SERES HUMANOS. IMPLICA A TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA, DAS PRÁTICAS E DAS POLÍTICAS VIGENTES NA ESCOLA E NOS SISTEMAS DE ENSINO, DE MODO A GARANTIR O ACESSO, A PARTICIPAÇÃO E A APRENDIZAGEM DE TODOS, SEM EXCEÇÃO.”

Fonte: O que é educação inclusiva?, Diversa.org

As práticas escolares inclusivas não implicam em um ensino adaptado para alguns alunos, mas sim, um ensino diferente para todos.

Dessa forma, é possível garantir que todos os estudantes tenham condições de aprender, segundo suas próprias capacidades, sem discriminações e adaptações.

“TODOS, NÃO SOMENTE OS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA, PRECISAM SER VISTOS POR SEUS PROFESSORES E PELA ESCOLA COMO ÚNICOS. NÃO BASTA, PORTANTO, DIVERSIFICAR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS OU ADAPTAR O CURRÍCULO PARA ALGUNS SOMENTE. TEMOS VIVENCIADO INÚMERAS EXPERIÊNCIAS QUE DEMONSTRAM QUE A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA PROMOVE UM CICLO VIRTUOSO DE APRENDIZAGEM QUE NÃO DEIXA NINGUÉM PARA TRÁS”, DIZ LAILLA MICAS, DO INSTITUTO RODRIGO MENDES.

Isso não significa ignorar necessidades específicas que possam interferir no processo de aprendizagem e sim saber quando e como usar recursos e apoios especializados para assegurar que todos aprendam.



CAPÍTULO. 2

CAPÍTULO. 2

CAPÍTULO. 2



CAPÍTULO. 2

JUVENTUDES E DIVERSIDADE

Como a diversidade chega na escola? Quem são os jovens do Ensino Médio? De que realidades e histórias estamos falando?

“A JUVENTUDE É UM CONCEITO AMPLO, QUE NÃO SE RESTRINGE À BIOLOGIA, DEPENDENDO TAMBÉM DE FATORES CULTURAIS, SOCIAIS E HISTÓRICOS.”

Fonte: Estudo Juventudes e o Ensino Médio, Plataforma Faz Sentido

A seguir vamos conhecer um pouco mais sobre as diversas identidades dos estudantes.

jovem com deficiência
jovem do campo
jovem quilombola
jovem indígena
jovens e questões de gênero
jovens e religiosidade



JUVENTUDES E DIREITOS HUMANOS

A construção dos Direitos Humanos passa por diferentes contextos históricos e se adequa às necessidades de cada época. Com isso, esses direitos carregam uma noção de evolução que acontece a cada geração. Para analisar esse processo, um jurista chamado Karel Vasak criou a classificação de “**gerações de direitos**”. Sem pretensões científicas, isso ajuda a situar as diferentes categorias de direitos no contexto histórico em que surgiram.

As três gerações dos direitos fundamentais

- a) Direitos Humanos de Primeira geração: direitos civis e políticos, compreendem as liberdades clássicas – realçam o princípio da **LIBERDADE**;
- b) Direitos Humanos de Segunda Geração: direitos econômicos, sociais e culturais. Identificam-se com as liberdades positivas, reais ou concretas e acentuam o princípio da **IGUALDADE**;
- c) Direitos Humanos de Terceira Geração: titularidade coletiva. Consagram o princípio da **FRATERNIDADE** ou **SOLIDARIEDADE**. Englobam o direito ao meio ambiente equilibrado, uma saudável qualidade de vida, progresso, paz, autodeterminação dos povos e outros direitos difusos.

Fonte: As três gerações dos direitos humanos, Politize



De acordo com o historiador Júlio Ribeiro, estamos em uma terceira geração de Direitos Humanos, o que explica a necessidade de falar de diversidades e desigualdades na escola.

“ESTAMOS AGORA NUMA TERCEIRA GERAÇÃO DE DIREITOS: O RESPEITO À DIVERSIDADE. QUE O ALUNO COMPREENDA O MUNDO A PARTIR DA REALIDADE EM QUE ESTÁ INSERIDO: CAMPO, QUILOMBO, PERIFERIA, MEIO URBANO... TRATA-SE DE UM APROFUNDAMENTO NA QUESTÃO DA QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO.”

- Júlio Ribeiro, historiador, pedagogo, coordenador pedagógico da EMEF Eugênio Trovatti

“AQUI JÁ TEVE JAPONÊS, AFRICANO. QUANDO ENTRA ALGUÉM NOVO, A GENTE ACOLHE. TEVE UMA MENINA QUE APRENDEU LIBRAS SÓ PARA SE COMUNICAR COM UMA COLEGA SURDA-MUDA.”

- Estudante do Ensino Médio



JOVENS COM DEFICIÊNCIA

No Brasil, temos 13.737.099 de jovens entre 15 e 19 anos com algum tipo de deficiência. Isso representa 11,88% dos brasileiros.

Fonte: Censo Demográfico de 2010

PARE E PENSE: QUANTOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VOCÊ CONHECE?

A verdade é que eles ainda não estão totalmente integrados na nossa sociedade. Isso inclui o acesso à escola.

Até pouco tempo, quem tinha deficiência era considerado incapaz, e por isso era mantido em ambientes privados. A partir dos anos 80 e 90, um conjunto de forças e movimentos sociais, institucionais e políticos passou a reivindicar os direitos dessas pessoas.

Um deles era o direito à educação, que começou com a criação de “salas especiais”. Mas logo ficou claro que separar esses estudantes dos outros ainda era uma forma de exclusão.



23,9%

dos brasileiros têm algum tipo de deficiência: 27.706.048 pessoas

11,88%

são jovens entre 15 e 19 anos

Fonte: Censo Demográfico de 2010

Pessoas com deficiência: o que diz a Convenção de direitos?

Muitas vezes usamos termos que minimizam e diluem as diferenças, como “pessoas com capacidades especiais”, “pessoas com eficiências diferentes”, “pessoas com habilidades diferenciadas”, “pessoas deficientes”, “pessoas com disfunção funcional”.

Para enfrentar essa questão, a **Declaração de Salamanca**, de 1994 e a **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**, adotado pela ONU em 2006, são alguns dos marcos que determinam que o termo mais adequado é “pessoa com deficiência”.

Os princípios básicos que apoiam essa decisão são:

- Não esconder ou camuflar a deficiência;
- Mostrar com dignidade a realidade da deficiência;
- Valorizar as diferenças e necessidades decorrentes da deficiência;
- Defender a igualdade entre pessoas com deficiência e sem deficiência em termos de direitos e dignidade, o que exige a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência.

Fonte: Portal Diversa e Instituto Rodrigo Mendes

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA AINDA NÃO CHEGA PARA TODOS

O censo escolar de 2017 computou 1.066.446 milhões de matrículas na educação para pessoas com deficiência, sendo 896.809 em classes comuns e 169.637 em classes especiais.

Dos matriculados em classes comuns, foram registradas:

93.231

Ensino Médio

7.308

Ensino Técnico

11.031

Ensino Médio na
Educação de
Jovens e Adultos

DO TOTAL DE MATRÍCULAS EM 2017, SOMENTE 159.576 DE JOVENS COM IDADE ENTRE 15-17 ANOS ESTAVAM MATRICULADOS EM CLASSES COMUNS.

SAIBA MAIS: PARA CONHECER BOAS PRÁTICAS DE INCLUSÃO DESENVOLVIDAS EM ESCOLAS DE TODO O BRASIL, ACESSE O DIVERSA, PLATAFORMA QUE REÚNE ESTUDOS DE CASOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA.



JOVENS DO CAMPO

- Existem quase oito milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos que vivem no campo
- 53% são homens
- Cerca de quatro milhões do total dessa população vive na região Nordeste
- Mais de 58% estão em situação de pobreza e extrema pobreza, segundo dados da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania

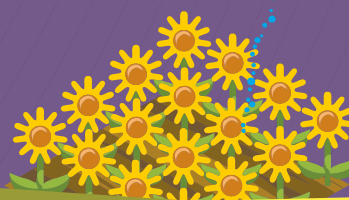
Fonte: CENSO de 2010

UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DESSES JOVENS É O ACESSO À ESCOLA. ISSO PORQUE NÃO HÁ ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUFICIENTES NO MEIO RURAL.

Das mais de 100 mil escolas rurais que existiam no Brasil em 2002, 17 mil foram fechadas, segundo pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Enquanto isso, as matrículas no ensino médio aumentaram de 289.101 mil para 359.353 mil, segundo o censo escolar.



Por outro lado, os jovens do campo muitas vezes não têm sua identidade reconhecida e valorizada na escola, seja ela rural ou não. e isso prejudica o seu desenvolvimento integral.



“A DESVALORIZAÇÃO É REFORÇADA PELA ESCOLA, MESMO AS QUE ESTÃO LOCALIZADAS NO MEIO RURAL: MUITOS PROFESSORES, AO BUSCAR INCENTIVAR OS ALUNOS A ESTUDAREM, OS FAZEM REFLETIR QUE A FALTA DE ESTUDO IRÁ FAZER COM QUE SEJAM AGRICULTORES, DESASSOCIANDO EDUCAÇÃO DE AGRICULTURA E RELACIONANDO O AGRICULTOR COM O IGNORANTE”.

- Maria de Assunção, professora da Universidade Federal de Campina Grande [UFCG] [2016/2017]

Uma das soluções para esse desafio é incluir na proposta de educação conteúdos que valorizem os saberes e tradições do campo. Isso mostra que o meio rural é um lugar onde vivem pessoas com diferentes dinâmicas de trabalho, de cultura, de relações sociais, e não apenas um espaço que reproduz os valores da cidade e práticas do meio urbano.

A Escola Família Agrícola Riacho de Santana, a 846 quilômetros de Salvador, aplica a Alternância de 5^a a 8^a série, com conteúdo adicional de iniciação à agricultura, à zootecnia e à administração rural. Foi isso que fez Paulo Cezar Souza Calado, 16 anos, voltar a estudar depois de ter desistido na 7^a série, há dois anos:

“EU TINHA AULAS NO CENTRO E PERDIA MAIS DE DUAS HORAS SÓ PARA IR E VOLTAR. NÃO VIA SENTIDO. AQUI APRENDI A FAZER POCHILGA E HORTA. QUERO FAZER UM CURSO DE TÉCNICO AGRÍCOLA E TRABALHAR COM ISSO.”

Fonte: Pedagogia de alternância na Educação rural, Nova Escola



JOVENS NEGROS: PRETOS E PARDOS

O mito da democracia racial foi reproduzido por muitos anos no Brasil. É aquela visão de que não existe diferença de cor ou raça. Esse discurso que parece ser de igualdade na verdade impede o reconhecimento do racismo.

“O PAÍS SE CONSTRUIU À CUSTA DO TRABALHO DOS ESCRAVIZADOS E ISSO SE MANTÉM PRESENTE AO LONGO DOS PROCESSOS. ESSES GRUPOS FORAM MANTIDOS AFASTADOS DAS ESCOLAS, DOS MELHORES EMPREGOS. A MANUTENÇÃO DE ESCOLAS POBRES PARA OS POBRES É UMA RAIZ ESTRUTURAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA”

- Lucimar Dias, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Fonte: Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira, Centro de Referências em Educação Integral; Cinco relatos que dão a dimensão do racismo no Brasil hoje, Nexo Jornal



Você sabia que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão?

O longo período de colonização europeia explica a forma como lidamos com o racismo.

“A QUESTÃO DA ESCRAVIDÃO É UMA MARCA HISTÓRICA. DURANTE ESSE PERÍODO, OS NEGROS NÃO TINHAM NEM A CONDIÇÃO DE HUMANIDADE E, PÓS-ABOLIÇÃO, NÃO HOUVE NENHUM PROJETO DE INSERÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. MESMO DEPOIS DE LIBERTOS, OS NEGROS FICARAM À PRÓPRIA SORTE. ENTÃO, O BRASIL VAI SE ESTRUTURAR SOBRE AQUILO QUE CHAMAMOS DE RACISMO INSTITUCIONAL.”

- Otair Fernandes, professor, doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Leafro/UFRRJ]



Desde 2003, a **Lei nº 10.639** obriga escolas públicas e privadas a ensinar história e cultura africana e afro-brasileira.

24% das escolas não abordam o racismo em projetos temáticos. Isso representa 12 mil escolas do país.

Fonte: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades [Ceert]

Mas, na prática, a gestão escolar e os pais dos estudantes têm dificuldade de debater o tema.

A discussão sobre racismo costuma ficar restrita às reuniões pedagógicas. Quando chega em sala de aula, é com pouca força e frequência.

A COR NA ESCOLA

ENSINO MÉDIO

71% dos **brancos** matriculados **57,8%** dos **pardos** são matriculados **56,8%** dos **pretos** são matriculados

PORTUGUÊS

37,5% dos **brancos** e cerca de **22%** dos **negros** têm aprendizado adequado no 3º ano do Ensino Médio.

MATEMÁTICA

12,2% dos **brancos** terminam a escola com aprendizagem adequada. Entre os **negros**, são **5%** no máximo.

MATRÍCULAS NA EJA

36% são **negros**, somente **15%** são **brancos** e **43%** não declaram cor.

ESCOLARIDADE MÉDIA

dos **negros** de 18 a 29 anos: **9,5** anos. Entre os **brancos**: **10,8** anos.

Fonte: Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais, Paula Louzano [2013]



JOVENS QUILOMBOLAS



No Brasil, segundo mapeamento realizado pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, existem mais de três mil comunidades quilombolas, compostas por população negra, afro descendente e agregados.

As escolas quilombolas foram regulamentadas em 2012 com a criação das Diretrizes Curriculares Específicas.

A Educação Escolar Quilombola segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, e portanto:

- deve ser desenvolvida em unidades educacionais dentro de suas próprias terras
- é baseada na cultura dos ancestrais quilombolas
- tem pedagogia própria e adequada à realidade étnico-cultural de cada comunidade

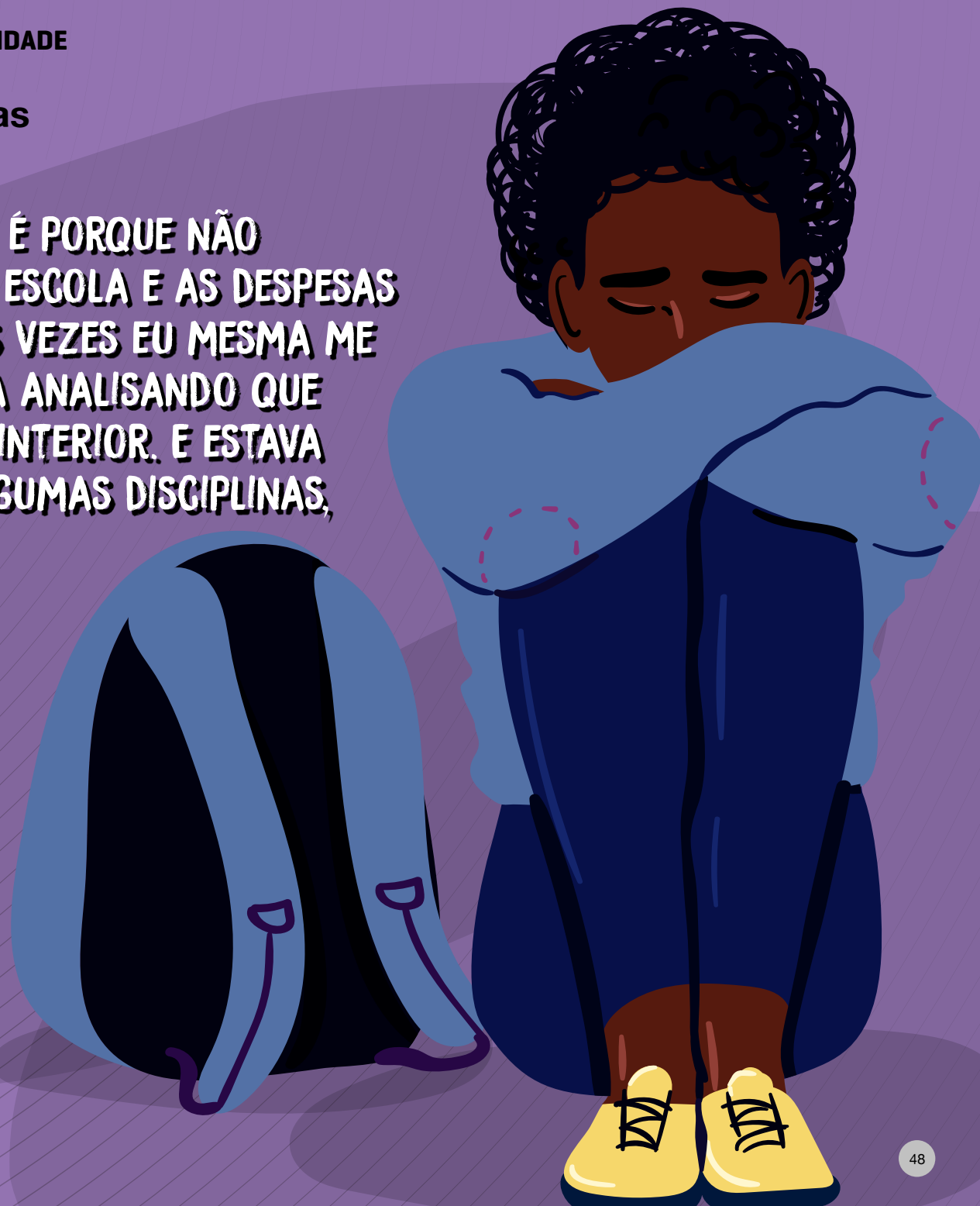
Fonte: A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil, Margarida Cássia Campos e Tainara Sussai Gallinari

Na prática, muitos jovens quilombolas enfrentam dificuldades para estudar.

“AS DIFICULDADES QUE EU MAIS TINHA É PORQUE NÃO CONSEGUIA MANTER AS DESPESAS DA ESCOLA E AS DESPESAS DE CASA. [...] ME SENTIA EXCLUÍDA. ÀS VEZES EU MESMA ME EXCLUÍA DO GRUPO PORQUE EU FICAVA ANALISANDO QUE TODOS ERAM DE CIDADE E EU ERA DO INTERIOR. E ESTAVA TENDO BASTANTE DIFICULDADE EM ALGUMAS DISCIPLINAS, PRINCIPALMENTE EM MATEMÁTICA”

- Francimara Delgado Nunes,
estudante quilombola, em entrevista à EBC

Fonte: Quilombolas enfrentam barreiras
para concluir ensino médio e entrar na universidade, EBC



JOVENS INDÍGENAS

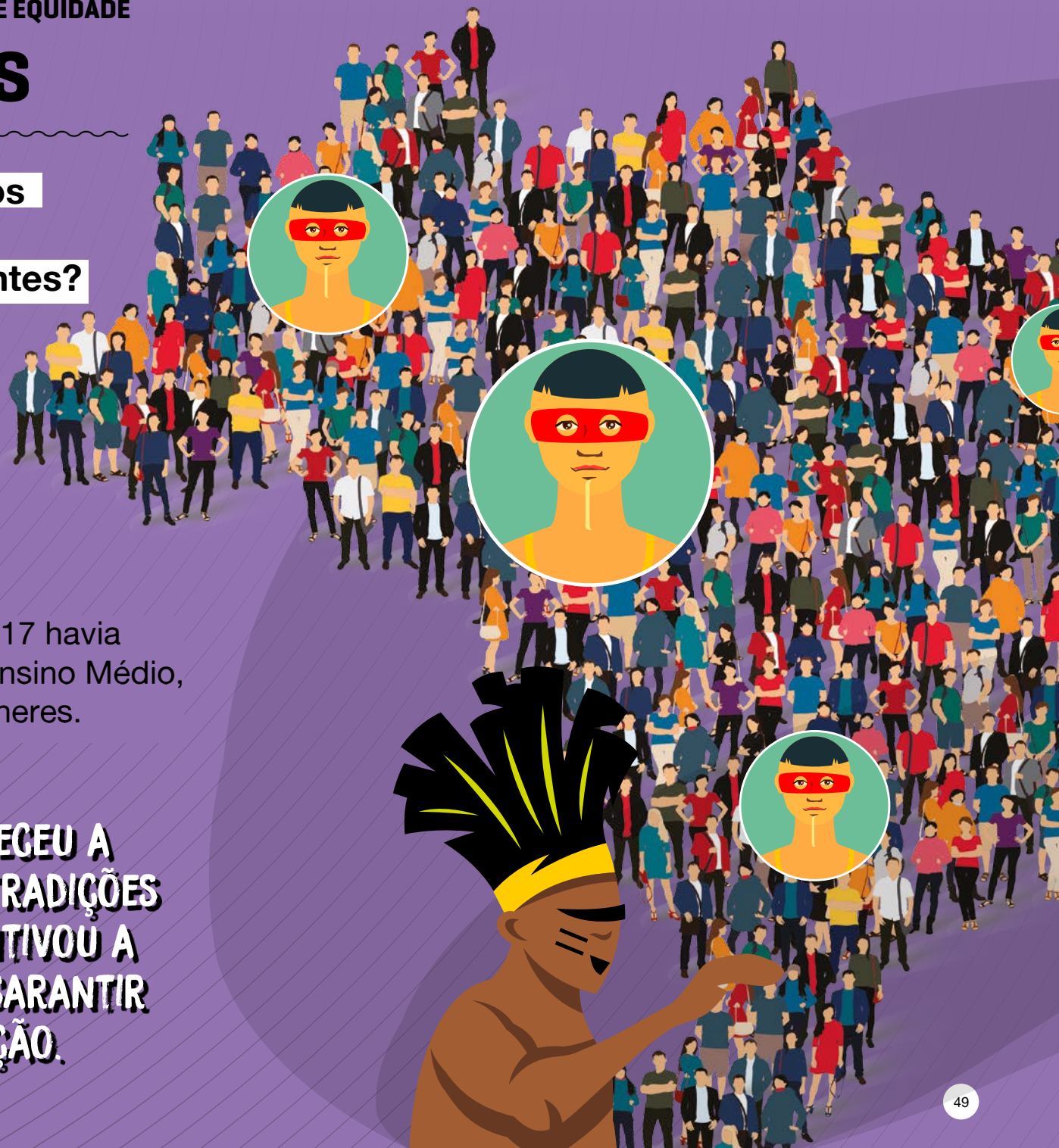
Você sabia que existem 254 povos indígenas no Brasil? E que eles falam mais de 150 línguas diferentes?

Dos 896.917 indígenas brasileiros 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais.

Segundo o Censo Escolar de 2017, existem 3.218 escolas em terras indígenas em 26 estados brasileiros.

Os dados revelam que, no Brasil em 2017 havia 35.302 mil indígenas matriculados no Ensino Médio, sendo 17.857 homens e 17.445 de mulheres.

A CONSTITUIÇÃO DE 1988 RECONHECEU A ORGANIZAÇÃO SOCIAL, LÍNGUA E TRADIÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS. ISSO INCENTIVOU A IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES PARA GARANTIR DIREITOS BÁSICOS A ESTA POPULAÇÃO.



Os jovens indígenas enfrentam dificuldades em sua trajetória escolar, como infraestrutura inadequada e falta de materiais didáticos bilíngues que dialoguem com suas realidades.

“SOFREMOS PRESSÃO DE MADEIREIROS E GARIMPEIROS QUE DESEJAM EXPLORAR DE MANEIRA ILLEGAL AS RIQUEZAS NATURAIS DE NOSSA TERRA. POR ISSO, DECIDI REALIZAR O PROJETO LAP GUP (NOSSA CASA, NOSSO LAR) PARA FORTALECER A IDENTIDADE INDÍGENA DOS ESTUDANTES, NÃO COMO SUJEITOS À PARTE DA HISTÓRIA NACIONAL E MUNDIAL, MAS COMO POVOS QUE FAZEM PARTE DOS PROCESSOS HISTÓRICOS. O MOTIVO PRINCIPAL QUE ME LEVOU A REALIZAR ESSE TRABALHO FOI SUPERAR PRECONCEITOS E BUSCAR NOVAS ALTERNATIVAS DE SOBREVIVÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO ETNOCONHECIMENTO DO POVO PAITER.”

- Luiz Weymilawa Surui, pertencente ao clã Ġapġir, do povo indígena Paiter Surui, situada a 60 quilômetros do município de Cacoal [RO]. Professor das disciplinas de história, geografia e filosofia na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio José do Carmo Santana

Fonte: Escola indígena resgata tradição em aulas inclusivas de geografia, Diversa

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas.

Fonte: Educação Escolar Indígena, Funai



JOVENS E RELIGIOSIDADE

A religião faz parte não só do dia a dia dos jovens, mas também da história da humanidade. E por isso não pode ser ignorada ou excluída do ambiente escolar.



“DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO, A RELIGIÃO É MUITO IMPORTANTE PORQUE PERPASSA TODA A HISTÓRIA DOS POVOS E É FUNDAMENTAL ABORDAR ISSO NAS AULAS”.

- Maria Alice Setubal, socióloga, em entrevista ao Jornal da CBN

A escola tem um papel importante de educar para a tolerância religiosa. Para isso, é preciso reconhecer a diversidade religiosa e buscar informações sobre as diferentes religiões.

NÃO SE TRATA DE ENSINAR A RELIGIÃO NAS ESCOLAS, MAS SIM DE TER CONDIÇÕES DE DIALOGAR COM TODAS AS RELIGIÕES DE FORMA IGUAL.

Mas, na prática, a escola muitas vezes é um espaço de intolerância religiosa.

“A ESCOLARIZAÇÃO PÚBLICA EM NOSSO PAÍS FOI E CONTINUA SENDO MARCADA PELO ESPÍRITO DE GATEQUESE. [...] DENTRO DESSA LÓGICA A ESCOLA NÃO ACOLHE AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS. EM MAIS DE 20 ANOS DE PESQUISA TODAS AS CRIANÇAS E JOVENS DE CANDOMBLÉ SÃO UNÂNIMES QUANDO AFIRMAM QUE TODOS OS ESPAÇOS DA SOCIEDADE SÃO CRUEIS, MAS NENHUM LUGAR É TÃO CRUEL QUANTO A ESCOLA.”

– Stela Guedes, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (PROPED-UERJ) e autora do livro “Educação nos terreiros – e como a escola se relaciona com crianças de candomblé”

“A LAICIDADE É A MAIOR GARANTIA DA LIBERDADE RELIGIOSA. UM ESTADO LAICO DIZ QUE A RELIGIÃO É DA ESFERA PRIVADA E QUE NÃO TEM LUGAR PARA ELA NA ESFERA PÚBLICA. ISSO PERMITE QUE TODAS AS FÉS SEJAM EXERCIDAS, PORQUE O ESTADO NÃO OPTA POR UMA DELAS”

– Yves de La Taille, professor e especialista em psicologia moral da Universidade de São Paulo

Fontes: Escola é o espaço onde crianças de religiões afro mais se sentem discriminadas, afirma pesquisadora, Portal Aprendiz; Os desdobramentos do ensino religioso confessional nas escolas públicas, Centro de Referências em Educação Integral

É IMPORTANTE LEMBRAR QUE O ESTADO LAICO GARANTE A LIBERDADE DE RELIGIÃO NO BRASIL.



O IMPACTO DAS QUESTÕES DE GÊNERO NA RELAÇÃO DOS JOVENS COM A ESCOLA

O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS JÁ MOSTROU QUE QUESTÕES DE SEXO E GÊNERO SÃO CONSTRUÇÕES SOCIAIS. MESMO ASSIM, AINDA É COMUM PRESENCIARMOS DESRESPEITO, INTOLERÂNCIA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIAS CONTRA A DIVERSIDADE.

O ambiente escolar tem um papel importante na percepção e construção de referências sociais. De acordo com o estudo da UNIFESP - Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (2015) temos que explicitar e desinvisibilizar diferenças e desigualdades. Isso porque, parar de invisibilizar estudantes com certos conteúdos escolares, por exemplo, meninos gostam de matemática e meninas de português, pode auxiliar na não reprodução de estigmas e preconceitos.



ACESSE TAMBÉM:
ESTUDO JUVENTUDES E
ENSINO MÉDIO: CAPÍTULO
3, QUESTÕES DE GÊNERO

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE AUTONOMIA E LIBERDADE PARA AS MENINAS

Adriano Souza Senkevics (2015) em pesquisa sobre Gênero, Família e Escola, observou como os constrangimentos enfrentados pelas meninas, especialmente em casa, faziam da escola um dos principais domínios de expressão e de sociabilidade.

Ainda que existam desigualdades de gênero no ambiente escolar, esse é um espaço de maior autonomia e liberdade para as jovens, que muitas vezes ficam restritas ao mundo doméstico e às tarefas da casa.

O PESQUISADOR TAMBÉM IDENTIFICOU QUE AS MENINAS TÊM MAIS PLANOS DE FUTURO PROFISSIONAL QUE DEPENDEM, POR EXEMPLO, DA PASSAGEM PELO ENSINO SUPERIOR.



E os meninos?

A pesquisa mostrou que o foco dos meninos é muito maior em obter recursos financeiros para si próprios ou para ajudar suas famílias. Ao mesmo tempo, a vivência fora de casa, com os amigos da rua ou do bairro, leva à construção de relações mais frágeis com a escola, que deixa de ter um papel importante tanto na perspectiva de futuro quanto na questão da sociabilidade.

FEMINISMO E IGUALDADE DE GÊNERO

MALALA YOUSAFZAI É FEMINISTA, SÍMBOLO DA LUTA PELO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS MENINAS E SOBREVIVENTE DA VIOLÊNCIA EXTREMISTA DO TALIBÃ.

MALALA LEVOU UM TIRO QUANDO VOLTAVA PARA CASA EM UM ÔNIBUS ESCOLAR POR DESAFIAR OS TALIBÃS LOCAIS QUE IMPEDEM AS JOVENS DE IR À ESCOLA. ELA É A MAIS JOVEM VENCEDORA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ.

Como isso chega na escola?

A ONU Mulheres tem um currículo sobre igualdade de gênero com seis planos de aula. O objetivo é apoiar os educadores na conscientização de meninos e meninas sobre os direitos das mulheres.

Por meio da iniciativa “O Valente não é Violento”, a organização propõe o fim de estereótipos de gênero e comportamentos machistas para que as mulheres possam viverem uma vida livre de violências e discriminações.

CONHEÇA A PROPOSTA O VALENTE NÃO É VIOLENTO, ONU MULHERES, CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL



SAIBA MAIS:

**QUEM É MALALA YOUSAFZAI?
A PRÊMIO NOBEL EM SUAS PRÓPRIAS
PALAVRAS, CENTRO DE REFERÊNCIA
EM EDUCAÇÃO INTEGRAL**

POR QUE O MOVIMENTO FEMINISTA É IMPORTANTE?

Durante muito tempo as violências contra a mulher foram chamadas de casos “passionais”. Esses ataques muitas vezes acontecem dentro de casa, na família, e são diferentes da violência que atinge os homens. Eles morrem por diversos motivos, mas nunca por serem homens.

Representatividade feminina

As mulheres são sub-representadas não só em cargos gerenciais, mas também na vida política, como no Congresso Nacional e cargos ministeriais, segundo estudo do IBGE Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil.

O Brasil ocupa a 152ª posição entre 190 países, em relação ao percentual de cadeiras em suas câmaras de deputados ocupadas por mulheres em exercício.

A cada **2 segundos**, uma mulher é vítima de violência verbal ou física.

A cada **10 minutos**, uma mulher é estuprada.

A cada **120 minutos** uma mulher é assassinada.

Fonte: 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017, Fórum Brasileiro de Segurança Pública

No Brasil, as mulheres ainda ganham em média 25% a menos do que os homens, de acordo com uma pesquisa do IBGE, 2018.

INTERSECCIONALIDADE: QUANDO AS DISCRIMINAÇÕES SE SOMAM

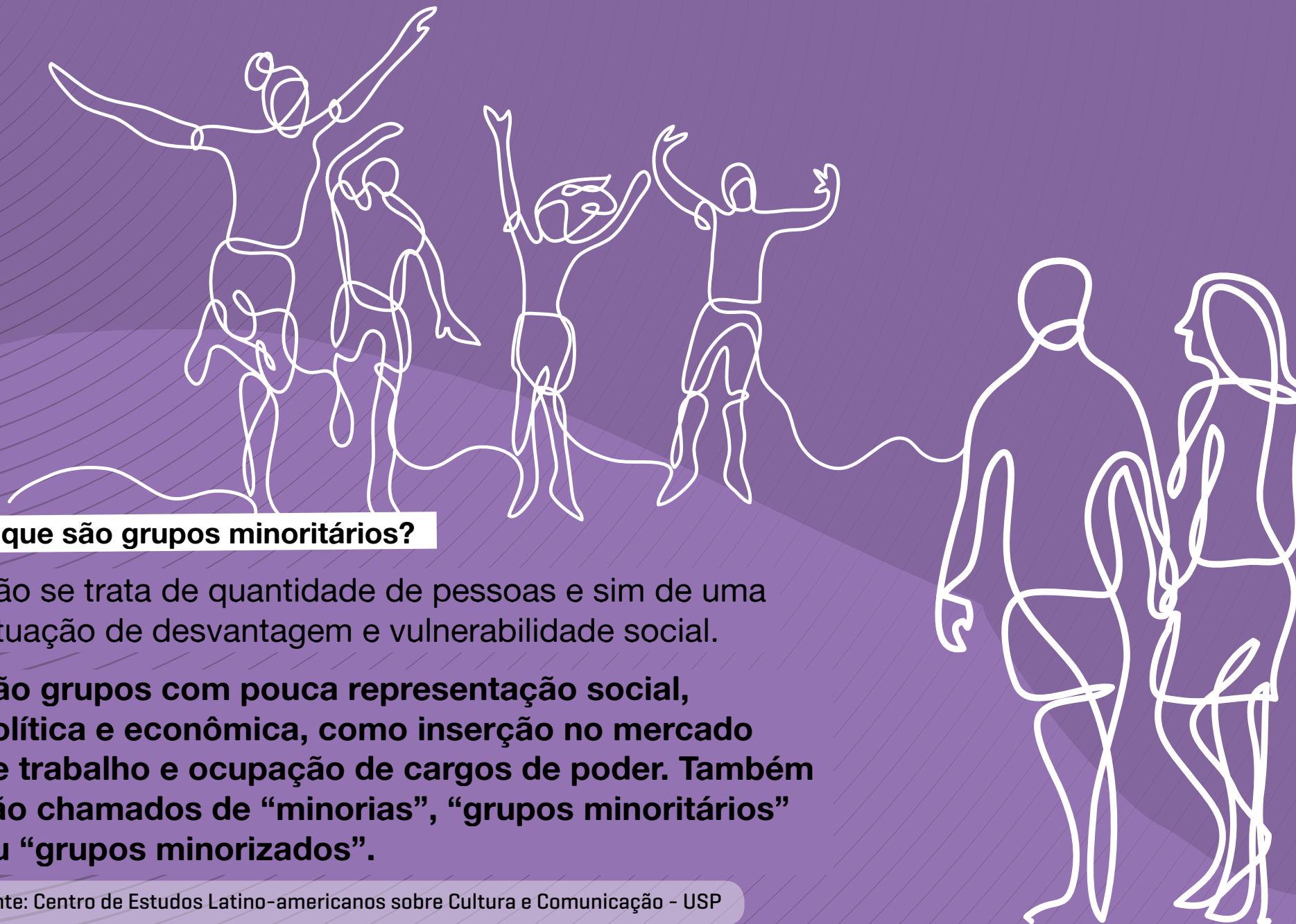
Você já deve ter reparado que a desigualdade e a discriminação afetam de maneiras diferentes jovens que pertencem a mais de um grupo minoritário.

Por exemplo, um homem homossexual branco sofre o preconceito de uma forma. Já um homem homossexual e negro sofre duplamente: com a discriminação sobre sua orientação sexual e as discriminações raciais.

“TODO PRECONCEITO SOFRIDO É REFLEXO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DESSE INDIVÍDUO, E ESSAS CARACTERÍSTICAS SE SOMAM E FORMAM UM NOVO TIPO DE OPRESSÃO. NÃO É UMA QUESTÃO DE HIERARQUIZAR SOFRIMENTOS, TODOS JÁ PASSAMOS POR SITUAÇÕES DE OPRESSÃO E PRECISAMOS NOS SENTIR REPRESENTADOS NESSAS LUTAS, A INTERSECCIONALIDADE SURTIU PARA ISSO.”

- Janine Gonçalves - membra do Coletivo Geni de Feminismo Interseccional





O que são grupos minoritários?

Não se trata de quantidade de pessoas e sim de uma situação de desvantagem e vulnerabilidade social.

São grupos com pouca representação social, política e econômica, como inserção no mercado de trabalho e ocupação de cargos de poder. Também são chamados de “minorias”, “grupos minoritários” ou “grupos minorizados”.

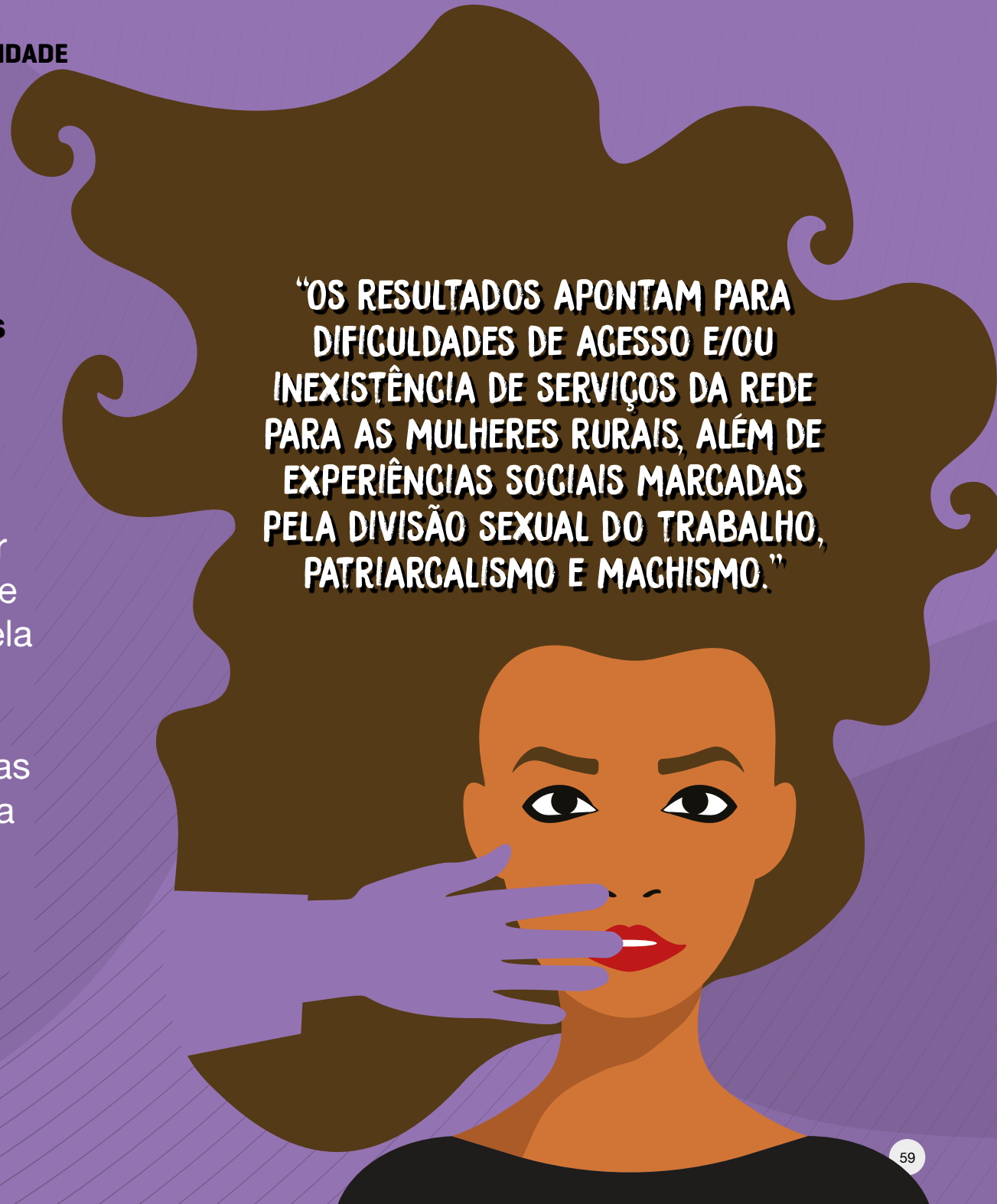
Fonte: Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação - USP

Da mesma forma, uma jovem do campo sofre preconceitos diferentes de um jovem do campo, pelo fato de ser menina.

Isso acontece porque as violências e privações que ela pode sofrer por estar no meio rural, assim como o menino, se somam às violências e privações que ela pode sofrer por ser menina.

Foi o que constatarem as pesquisadoras Patricia Krieger Grossi e Ana Rita Costa Coutinho, da PUCRS, em seu estudo “Violência contra a mulher do campo: desafios às políticas públicas.”

“OS RESULTADOS APONTAM PARA DIFICULDADES DE ACESSO E/OU INEXISTÊNCIA DE SERVIÇOS DA REDE PARA AS MULHERES RURAIS, ALÉM DE EXPERIÊNCIAS SOCIAIS MARCADAS PELA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, PATRIARCALISMO E MAGHISMO.”



O nome disso é **interseccionalidade**, que significa o estudo da sobreposição ou cruzamento de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão. O termo foi criado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw, em 1989.

“AS LEIS E AS POLÍTICAS NEM SEMPRE PREVÊEM QUE SOMOS, AO MESMO TEMPO, MULHERES E NEGRAS. POR ESSA RAZÃO, ESSE PROJETO PROCURA ESTABELEGER UMA PONTE ENTRE O QUE É VIVENCIADO NA PRÁTICA E COMO UMA POLÍTICA PÚBLICA PREVÊ ESSES PROBLEMAS. UMA DAS RAZÕES PELAS QUAIS A INTERSECCIONALIDADE CONSTITUI UM DESAFIO É QUE, FRANCAMENTE, ELA ABORDA DIFERENÇAS DENTRO DA DIFERENÇA.”

– Kimberlé Crenshaw, A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero



“Mulheres negras têm três vezes mais chances de sofrer feminicídio do que mulheres brancas

- Violência doméstica contra mulheres negras cresce no país, fundo fale sem medo. Esse dado expressa como a interseccionalidade entre gênero e raça impacta na violência contra a mulher.

VEJA TAMBÉM: A URGÊNCIA DA INTERSECCIONALIDADE, TED

O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie ficou mundialmente conhecida depois de participar da série de conferências TED com a palestra “O perigo de uma única história”.

Chimamanda nasceu em Abba, na Nigéria, e usa seu exemplo de vida para falar sobre a importância de enxergar a complexidade de cada pessoa. E de como, muitas vezes, reduzimos a história de alguém, ou de um povo, a uma história única. Apesar de ter nascido na África, ela demorou para conhecer a literatura africana, porque suas principais referências na infância eram livros ingleses.

“A ÚNICA HISTÓRIA CRIA ESTEREÓTIPOS. E O PROBLEMA COM ESTEREÓTIPOS NÃO É QUE ELES SEJAM MENTIRA, MAS QUE ELES SEJAM INCOMPLETOS. (...) EU SEMPRE ACHEI QUE ERA IMPOSSÍVEL ME RELACIONAR ADEQUADAMENTE COM UM LUGAR OU UMA PESSOA SEM ME RELACIONAR COM TODAS AS HISTÓRIAS DAQUELE LUGAR OU PESSOA. A CONSEQUÊNCIA DE UMA ÚNICA HISTÓRIA É ESSA: ELA ROUBA DAS PESSOAS SUA DIGNIDADE. FAZ O RECONHECIMENTO DE NOSSA HUMANIDADE COMPARTILHADA DIFÍCIL. ENFATIZA COMO NÓS SOMOS DIFERENTES AO INVÉS DE COMO SOMOS SEMELHANTES.

- Chimamanda Ngozi Adichie, assista aqui o TED



CAPÍTULO 3

RECONHECIMENTO E REPRESENTATIVIDADE NA ESCOLA



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

- Identidade, reconhecimento e representatividade
- Participação e representação juvenil na escola
- Espaços verticais e horizontais de participação
- A voz da juventude e a força dos coletivos
- Participação Juvenil: está na lei!
- Exercício da cidadania e avanço da democratização no espaço escolar



IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTATIVIDADE

A identidade é um processo de construção do que se é e do que se quer ser. A construção da identidade vai além do particular. Ela acontece também de forma coletiva.

E isso acontece de forma muito intensa na juventude e vem acompanhado de uma busca por reconhecimento.

SAIBA MAIS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE - ESTUDO JUVENTUDES E O ENSINO MÉDIO, PLATAFORMA FAZ SENTIDO.

VOCÊ SABIA?
SEGUNDO A TEORIA POLÍTICA, RECONHECIMENTO É QUANDO UM INDIVÍDUO OU GRUPO SOCIAL REIVINDICA O DIREITO A TER SUA IDENTIDADE RECONHECIDA. ISSO PODE ACONTECER DE FORMA DIRETA OU ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DE UM CONJUNTO DE INSTITUIÇÕES.

POR QUE É IMPORTANTE RECONHECER A IDENTIDADE DOS JOVENS?

“O DEVIDO RECONHECIMENTO NÃO É UMA MERA CORTESIA QUE DEVEMOS CONCEDER ÀS PESSOAS. É UMA NECESSIDADE HUMANA VITAL”

- TAYLOR, 2000, p. 241-242

O filósofo e autor canadense Charles Taylor diz que a formação das identidades depende do reconhecimento dos outros. Então, se um indivíduo ou grupo social não é reconhecido, a construção da sua identidade fica comprometida.

Na prática, isso faz com que alguns grupos se sintam inferiores ou menos importantes de acordo com a sua identidade. O resultado é a opressão e a exclusão social.

SAIBA MAIS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE - ESTUDO JUVENTUDES E O ENSINO MÉDIO, PLATAFORMA FAZ SENTIDO.



O PROFESSOR DOS “PERIGOSOS”

Com o projeto “A construção da identidade, professor ganha prêmio Educador Nota 10

PRÁTICA INSPIRADORA

O PROFESSOR DESCE O MORRO COM O PÉ NO FREIO. “Ô, PERIGOSO!”, E BUZINA PARA UM JOVEM. ACELERA O CARRO, FREIA NA PRÓXIMA CURVA. “FALA, PERIGOSO!” OS DOIS ADOLESCENTES RESPONDEM COM A MÃO LEVANTADA E UM “SALVE, FESSORI!”.

OS DOIS SÃO ALUNOS DE FABIO AUGUSTO MAGHADO, PROFESSOR DA EMEF PROFESSORA MARILI DIAS NA VILA DOS PALMARES, UMA ÁREA POBRE, DENTRO DE UM BAIRRO AINDA MAIS POBRE (O MORRO DOGE), NUMA DAS REGIÕES COM ALGUNS DOS PIORES INDICADORES SOCIAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO. ELE É UM DOS EDUCADORES NOTA 10 POR CAUSA DE UM PROJETO SINGELO E PODEROSO: MOSTRAR QUE A ESCOLA VALE A PENA E QUE ELES PODEM SER MAIS DO QUE ADOLESCENTES LIMITADOS PELO BAIRRO – OU PERIGOSOS PARA O RESTANTE DA CIDADE, UM RÓTULO QUE OS MENINOS E MENINAS DE LÁ GARREGAM.

Fonte: A Construção da Identidade, Revista Nova Escola



E O QUE É REPRESENTATIVIDADE?

REPRESENTATIVIDADE SIGNIFICA REPRESENTAR POLITICAMENTE OS INTERESSES DE UM GRUPO, DE UMA CLASSE OU DE UMA NAÇÃO. ISSO ACONTECE POR MEIO DA AÇÃO, ADESÃO E PARTICIPAÇÃO DOS REPRESENTADOS.

Uma pesquisa do portal Porvir chamada “Nossa Escola em Reconstrução” ouviu 132 mil jovens e revelou que eles gostariam de ter mais voz no ambiente escolar. O levantamento foi feito em 2016, um ano depois do primeiro movimento das ocupações de escolas em São Paulo.

65% dos estudantes acreditam que não pode faltar participação na escola dos sonhos, como grêmio estudantil, conselho escolar e integração professores-pais-alunos

SAIBA MAIS: NOSSA ESCOLA EM RECONSTRUÇÃO, PORVIR



Você conhece a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas?

A UBES, em conjunto das entidades secundaristas estaduais e municipais, organiza e mobiliza as vontades, as insatisfações e os anseios de todos os secundaristas brasileiros.

A UBES organiza-se, basicamente, em três instâncias deliberativas: o Encontro de Grêmios, que reúne os grêmios estudantis do Brasil; o Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg), que agrega as entidades municipais e estaduais secundaristas; e o Congresso Nacional da UBES (Conubes), formado por todas as entidades e também por todos os estudantes que quiserem, de maneira livre, participar.

RELEMBRANDO...
REPRESENTATIVIDADE: REPRESENTAR
OS INTERESSES DE DETERMINADO GRUPO.
RECONHECIMENTO: LEGITIMAR INTERESSES
E IDENTIDADES DE GRUPOS.

Alguns dos desafios enfrentados no ambiente escolar são:

- como favorecer espaços que lidem com a diversidade de forma inclusiva
- como acolher as reivindicações por reconhecimento e direitos vindas dos estudantes

Estudos sugerem que a escola precisa ajudar os jovens a incorporar no dia a dia o respeito, bem como conhecer e se apropriar de seus direitos. Assim, podem defendê-los e reivindicá-los.

Você sabia?

Em escolas com mais atitudes preconceituosas o desempenho dos alunos é inferior. É o que indica o estudo Silêncio na Escola.

Fonte: Silêncio na Escola, Instituto Unibanco

Em 2011, a Universidade de Illinois fez um estudo com 10 mil estudantes que mostrou que jovens gays, lésbicas e bissexuais são os principais grupos vítimas de agressões e manifestações discriminatórias.

PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO JUVENIL NA ESCOLA

Respeitar os direitos fundamentais dos jovens é promover a formação cidadã e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Espaços verticais e horizontais

Entre os modelos de participação estudantil, existem espaços verticais, que são institucionalizados, ou seja, fomentados pela escola para a representação e participação dos estudantes. Por exemplo, grêmios e conselhos escolares.

E também espaços horizontais, que surgem a partir dos próprios jovens, como a formação de **coletivos autônomos e grupos de interesses específicos**. Cabe aos educadores promover um espaço de diálogo e acolhimento para essas diferentes vozes e expressões dentro da escola.

A escola é um espaço de inclusão, expressão e sociabilidade.

Nesse processo, a participação dos estudantes é essencial. Na medida em que tomamos a democracia como valor e a participação social como fundamento, a construção de uma gestão democrática na escola passa pelo reconhecimento e fortalecimento da representatividade juvenil.



Participação Juvenil: está na lei!

Desde 1985 a Lei 7.398 garante a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º grau. Confira!

“**Art . 1º** - Aos estudantes dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus fica assegurada a organização de Estudantes como entidades autônomas representativas dos interesses dos estudantes secundaristas com finalidades educacionais, culturais, cívicas esportivas e sociais.”

O direito à participação também está no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990. O artigo inciso IV do 53º assegura “o direito dos estudantes de se organizar e participar de entidades estudantis.”

SAIBA MAIS: ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, LEI Nº 8.069

Permitir que os jovens participem da tomada de decisão na escola é um exercício de cidadania para todos. Isso é o que chamamos de gestão escolar democrática. Essa abordagem promove a educação como formação humana mais ampla, já que garante a participação, o acesso às instâncias de poder e o pluralismo de ideias.

**Democracia
e a participação
são inseparáveis!**



ESPAÇOS VERTICAIS DE PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL

NA REPORTAGEM PARTICIPAÇÃO JÁ! A ESCOLA ABERTA AO DIÁLOGO, A REVISTA NOVA ESCOLA DIGITAL TRAZ EXEMPLOS E RELATOS DE DIFERENTES FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA ESCOLA. CONHEÇA ALGUNS DELES!

Grêmio estudantil

O que é Organização formada por alunos eleitos diretamente pelas turmas. É um importante espaço de aprendizagem política, convivência, responsabilidade e luta por direitos.

Atribuição Representar os interesses desse segmento na escola.

Atenção! Há escolas que inviabilizam a criação do grêmio sob a justificativa de que os estudantes não têm maturidade política para participar das discussões. Contudo, um dos papéis dessa agremiação é criar condições para a aprendizagem da atuação política.

Na prática

Na E.E. Dr. Murtinho Nobre, na zona sul de São Paulo, a turma que representa o grêmio “Jovens Juntos pela Escola”, chapa que foi eleita pelos estudantes da unidade, tem movimentado a rotina de todos. “Nós desenvolvemos projetos de combate ao bullying, de preservação do patrimônio público, para conscientizar os alunos de que a escola é nossa e não podemos destruí-la. Além disso, produzimos o jornal da escola, algumas festas, como a comemoração de fim de ano e do Halloween”, conta Camila Ferreira, vice-presidente do Grêmio Estudantil.



Assembleia

O que é Encontro que reúne todos os segmentos da comunidade escolar: pais, alunos, professores, funcionários, gestores e instituições locais parceiras.

Atribuição Deliberar sobre um assunto de interesse geral.

Atenção! Nem tudo precisa ser levado à assembleia. Assuntos que digam respeito a uma turma, por exemplo, devem ser prioritariamente resolvidos em sala de aula.



Conselho escolar

O que é Colegiado composto de representantes de todos os segmentos da escola: pais, alunos, professores, gestores e funcionários.

Atribuição Propor, acompanhar e fiscalizar as ações realizadas na escola. Na pauta de reunião, entram questões pedagógicas, de infraestrutura, de clima e outras.

Atenção! Os membros devem ser eleitos por seus pares e não escolhidos apenas pelo alinhamento político que possuem com os gestores.

PRÁTICA INSPIRADORA

DEPOIS DE ENFRENTAR PROBLEMAS DE INDISCIPLINA, VANDALISMO E VIOLÊNCIA, CARLOS ROBERTO MEDEIROS CARDOSO, DIRETOR DA EMEF DEPUTADO CAIO SÉRGIO POMPEU DE TOLEDO, NA CAPITAL PAULISTA, PROPÔS ABANDONAR O MODELO DE PROFESSORES REPRESENTANTES DE CADA TURMA – NO QUAL O PODER ERA CENTRADO NA FIGURA DO ADULTO – E DAR MAIS VOZ AOS ALUNOS, QUE PASSARAM A ELEGER OS REPRESENTANTES DENTRO DO PRÓPRIO GRUPO. DESDE 2010, AS DEMANDAS SÃO DISCUTIDAS SEMANALMENTE EM SALA DE AULA E LEVADAS PELOS ESCOLHIDOS PARA OUTRA ASSEMBLEIA, QUINZENAL, DA QUAL PARTICIPAM TAMBÉM DOCENTES, GESTORES E FUNCIONÁRIOS.

ESPAÇOS HORIZONTAIS DE PARTICIPAÇÃO: OS COLETIVOS E GRUPOS INDEPENDENTES

PRÁTICA INSPIRADORA

A Escola Estadual de Educação Profissional Professor José Augusto Torres, localizada em Senador Pompeu (município de 26,5 mil habitantes a 273 km da capital Fortaleza/CE) viu surgir o coletivo Crespianinas durante discussões da semana da Consciência Negra de 2015. Na pauta levantada por Giselle Viana, Yasmin Lima e Joyce Silva estava o combate à discriminação às meninas que tinham o cabelo crespo, o empoderamento feminino e a luta por representatividade na mídia.

“DESDE O COMEÇO, SEMPRE PENSAMOS EM IR ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA, TER UMA VISÃO AMPLA DAS COISAS.”

- Giselle, 17 anos, estudante do 3º ano do ensino médio.

O COLETIVO CRESPIANINAS FOI O PRIMEIRO QUE SURTIU DE **MANEIRA INDEPENDENTE** NA ESCOLA. PORÉM, A ESCOLA APOIA O GRUPO DE MENINAS ATRAVÉS DE PARCERIA COM PROFESSORES E E O USO DO HORÁRIO DE ALMOÇO PARA AS ALUNAS REALIZAREM RODAS DE DICUSSÃO “TEMOS JOVENS QUE ESTÃO SE DESENVOLVENDO NA MÚSICA, GRUPOS DE LEITURA E DE ROBÓTICA QUE SÃO SUGERIDOS PELA ESCOLA. AGORA ESSE FOI SUGERIDO PELAS PRÓPRIAS ALUNAS”

- Zeneide Gonçalves, diretora da Escola.

Fonte: Especial Participação, Porvir

“OS JOVENS QUE PARTICIPAM DE COLETIVOS SE UNEM POR CAUSA DO AFETO, DA IDEOLOGIA, DA VONTADE POLÍTICA DE MUDAR A REALIDADE E POR AGREDITAREM EM UMA MOBILIZAÇÃO NÃO SUBORDINADA AO ESTADO E ÀS INSTITUIÇÕES. PARA ELES, A POLÍTICA NÃO É FEITA ATRAVÉS DE INSTITUIÇÕES. MAS, SIM, DE UMA MUDANÇA DO COTIDIANO, DE UMA MUDANÇA MIÚDA, DE AÇÕES DO DIA A DIA.”

- Livia Abdalla, pesquisadora em coletivos culturais



A VOZ DA JUVENTUDE E A FORÇA DOS COLETIVOS

Escola de Notícias: ONG que ensina comunicação – e cidadania – para jovens da periferia

A Escola de Notícias é uma iniciativa social do Campo Limpo, zona sul de São Paulo, que usa as Tecnologias de Informação e Comunicação para o acesso e a ampliação de direitos sociais, culturais e econômicos da juventude. Liderada por jovens do Campo Limpo, a Escola de Notícias atuou como coletivo desde 2011 e foi fundada em 2014. Com metodologia própria, criou uma jornada de aprendizagem aplicada na Escola Comunitária de Comunicação – ECOMCOM, um programa de 3 ciclos que envolve jovens entre 16 e 24 anos, moradores e moradoras ou estudantes de escolas públicas e particulares da região do Campo Limpo e Taboão da Serra.

“A COMUNICAÇÃO É UM MEIO, UMA DESCULPA PARA DISCUTIRMOS NÍVEIS DE COMUNIDADE E AS RELAÇÕES HUMANAS. NÃO APRENDEMOS A TÉCNICA PELA TÉCNICA”

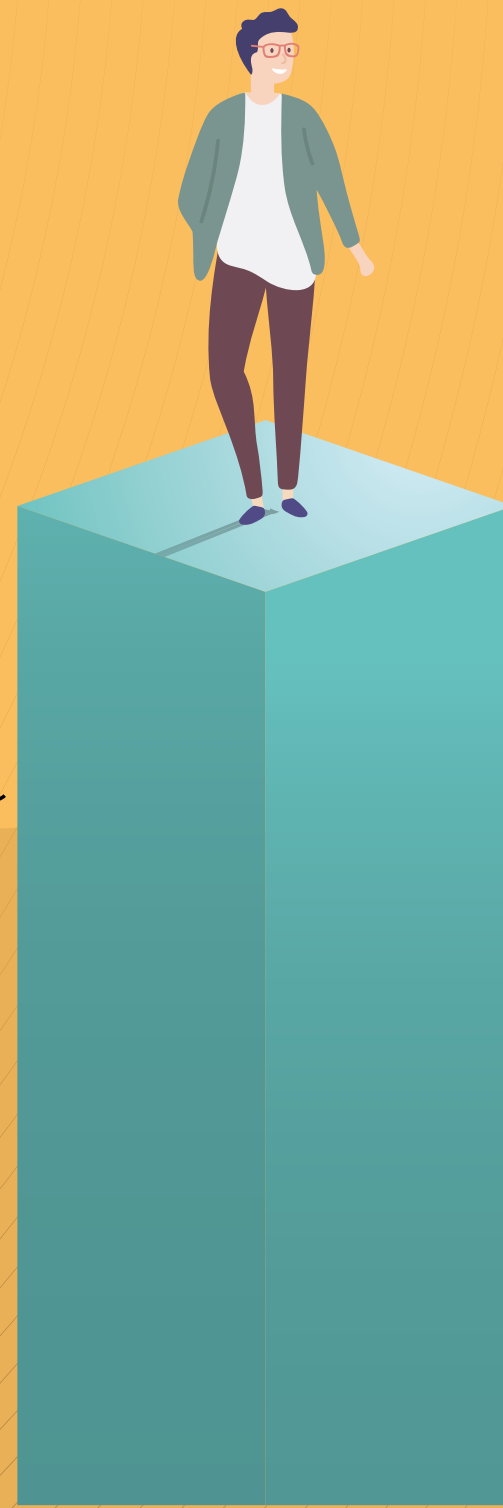
“NÓS ENXERGAMOS A PRODUÇÃO COMUNICATIVA NÃO APENAS COMO FERRAMENTA IMPORTANTE DE RESSIGNIFICAÇÃO DA RELAÇÃO E DA LEITURA DA REALIDADE DO TERRITÓRIO, MAS TAMBÉM COMO UM PASSO IMPORTANTE PARA ENTENDER E HABITAR A LÓGICA DA ECONOMIA CRIATIVA, EM QUE TODOS NÓS SOMOS CRIATIVOS E CRIADORES.”

Fonte: Como funciona a Escola de Notícias, Projeto DRAFT



CAPÍTULO 4

IMPACTO DAS DESIGUALDADES NA ESCOLA



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

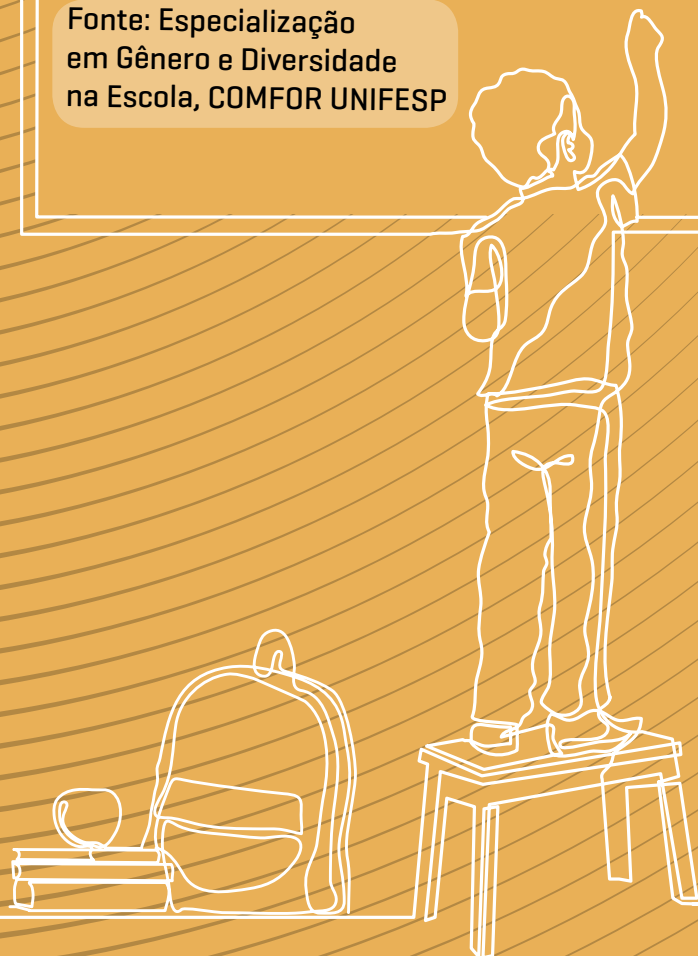
- Desigualdades no ambiente escolar
- Atitudes discriminatórias, preconceitos e desigualdades na escola
- Racismo na escola
- As desigualdades de gênero na escola
- A escola e as violências contra a mulher
- Como ajudar uma mulher que sofreu violência de gênero
- Identidade de gênero e orientação sexual na escola
- A relação entre o ensino noturno e as desigualdades



DESIGUALDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

“O SILÊNCIO EM RELAÇÃO A FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO É UM PROBLEMA QUE DEVE SER ENFRENTADO NO CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ QUE RESPEITE E VALORIZE A DIVERSIDADE.”

Fonte: Especialização
em Gênero e Diversidade
na Escola, COMFOR UNIFESP



O ambiente escolar muitas vezes reproduz em seu dia a dia desigualdades sociais. Isso acontece quando gestores e educadores não reconhecem as singularidades dos estudantes.

Assim como outras instituições sociais, a escola é uma das responsáveis pela manutenção dos mecanismos de poder que reproduzem desigualdades, preconceitos e exclusão social. É o que afirma a pesquisadora Meiryelle Paixão Menezes, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A escola é um lugar de encontros, conflitos e vínculos. por isso, pode ser tanto um ambiente de reprodução de preconceitos como um espaço privilegiado para reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças.

QUANDO A ESCOLA NÃO RECONHECE AS DIVERSIDADES E DESIGUALDADES, A DISCRIMINAÇÃO GANHA ESPAÇO

“QUESTÕES DE GÊNERO, RELIGIÃO, RAÇA/ETNIA OU ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUA COMBINAÇÃO DIRECIONAM PRÁTICAS PRECONCEITUOSAS E DISCRIMINATÓRIAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. SE O ESTEREÓTIPO E O PRECONCEITO ESTÃO NO CAMPO DAS IDEIAS, A DISCRIMINAÇÃO ESTÁ NO CAMPO DA AÇÃO, OU SEJA, É UMA ATITUDE. É A ATITUDE DE DISCRIMINAR, DE NEGAR OPORTUNIDADES, DE NEGAR ACESSO, DE NEGAR HUMANIDADE. NESSA PERSPECTIVA, A OMISSÃO E A INVISIBILIDADE TAMBÉM SÃO CONSIDERADAS ATITUDES, TAMBÉM SE CONSTITUEM EM DISCRIMINAÇÃO.”

Fonte: Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, e-Clam



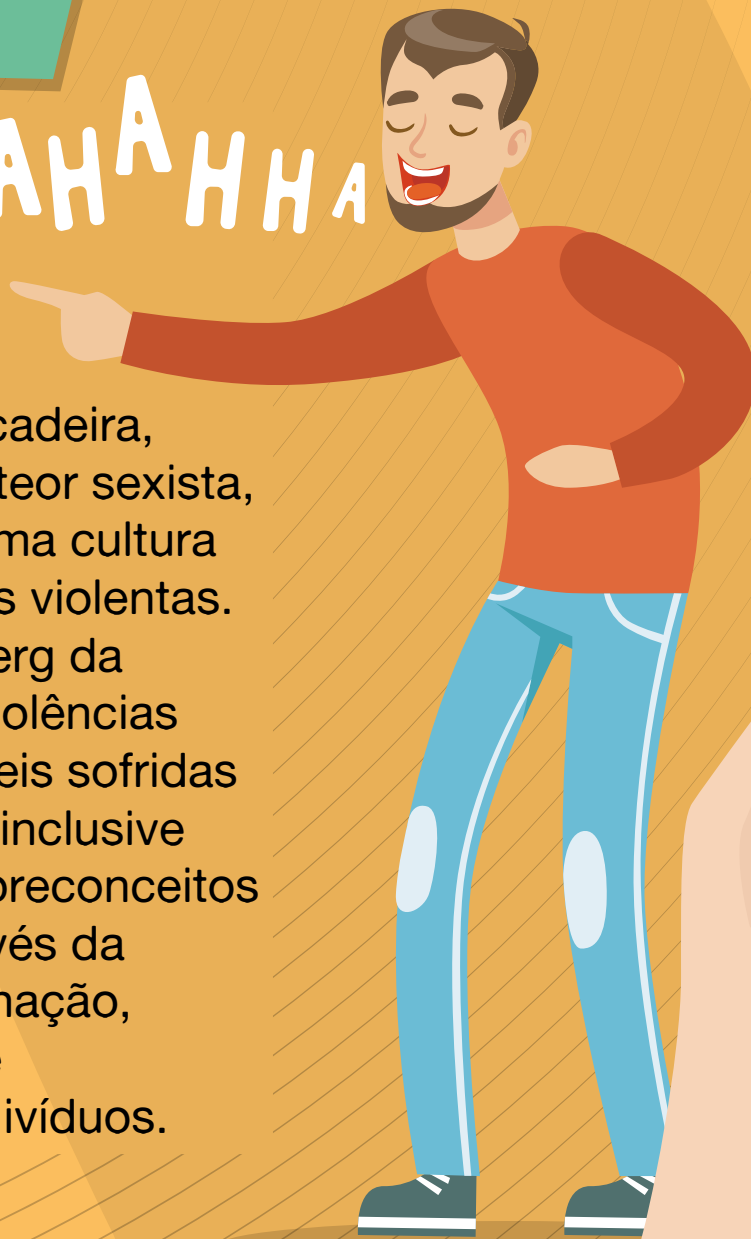
O QUE DÁ ORIGEM A ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS?

“É só uma piada!”

Essa é uma resposta comum quando alguém questiona uma fala carregada de estereótipos e preconceitos.

Pode parecer só uma brincadeira, mas ditados e frases com teor sexista, por exemplo, fortalecem uma cultura de discriminação e atitudes violentas. Isso é explicado pelo Iceberg da Violência, que apresenta violências de gênero invisíveis e visíveis sofridas diariamente por mulheres, inclusive na escola. Estereótipos e preconceitos geram discriminação, através da negação de acesso, humilhação, omissão e invisibilidade de determinados grupos e indivíduos.

AHAHAHA



O BULLYING TAMBÉM É UMA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO



Agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetida por um ou mais alunos contra um ou mais colegas são chamadas de bullying. Em inglês, bully significa valentão, brigão. Ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato são palavras em português que também definem o bullying.

Em entrevista à Nova Escola, a educadora Cléo Fante, autora do livro *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz* (Ed. Verus), explica que o bullying acontece em diversos contextos sociais, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho.

Sabe aquele apelido que um estudante dá para outro? Parece inofensivo, mas pode afetar emocional e fisicamente o jovem que é alvo da ofensa. Jovens que sofrem humilhações atitudes difamatórias podem se isolar e ter queda no rendimento escolar, além de desenvolver doenças psicossomáticas e traumas.

Fonte: 21 perguntas e respostas sobre o bullying, Revista Nova Escola

RACISMO É CRIME

Racismo é crime inafiançável

A Lei 7.716/1989 caracteriza racismo como um crime contra a coletividade e não contra uma pessoa ou grupo. Envolve desde xingamentos aos negros em geral até negar acesso a locais públicos e privados, como o elevador social de um prédio. Além de inafiançável, o racismo é um crime que não perde a validade. A pena é multa e prisão por um a três anos.

Existe também o crime de injúria racial, quando alguém ofende uma ou mais pessoas por meio de “elementos referentes à raça, cor, etnia, religião e origem”. Está previsto no artigo 140 do Código Penal, terceiro parágrafo. Além de multa, existe pena de reclusão de um a três anos.

Fonte: O que diz a lei brasileira sobre racismo e injúria racial, Nexo Jornal



RACISMO E ACESSO À EDUCAÇÃO

Em 2015, **30%** da população negra (pretos ou pardos) não completava o Ensino Fundamental antes dos 16 anos

56,8% da população preta e **57,8%** parda entre 15 e 17 anos continuava no Ensino Médio.

Os dados são de um levantamento do Todos pela Educação realizou com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE)

Fonte: Agência IBGE [2018]



JOVENS DE 15 A 17 ANOS NO ENSINO MÉDIO

Brancos
Negros

Desde 2001, o percentual de **jovens negros** estudando no Ensino Médio dobrou, tendo crescido **26 pontos percentuais**

No mesmo período, a proporção de **jovens brancos** no Ensino Médio aumentou **14 pontos percentuais**



Fonte: Tabulações a partir do Pnad/IBGE, Instituto Unibanco

“EU NÃO SEI QUANDO O RACISMO COMEÇOU, EU SÓ SEI QUE ELE ACABA QUANDO O RESPEITO COMEÇA”

– Estudante do Ensino Fundamental

“EU FUI PRIVADA DE RECONHECER A MINHA NEGRITUDE DE MANEIRA POSITIVA, OU ERA HIPERSEXUALIZADA OU EMBRANQUECIDA”

– Estudante do Ensino Médio

COMO O RACISMO SE EXPRESSA NA ESCOLA

Muitos casos de violência, desrespeito e discriminação nas escolas têm aparecido na internet e nos veículos de comunicação. Eles mostram a necessidade e a urgência de analisar essas situações para entender suas causas e criar soluções.



“TODO DIA, TODO SANTO DIA, TODO DIA MESMO, ELES MEXEM COM MEU CABELO, MEXEM COMIGO, E QUANDO EU VOU FALAR PRA PROFESSORA, [ELA] NÃO DÁ ATENÇÃO, NÃO FALA NADA, FINGE QUE NÃO OUVIU (...) TODO DIA, NA ESCOLA, NA RUA, DENTRO DA MINHA SALA DE AULA, DEBOCHAM DO MEU CABELO, NÃO SEI POR QUÊ (...) O PROBLEMA É MEU, O CABELO É MEU. ÀS VEZES ME BATEM, ME AGRIDEM, QUERIA QUE PARASSEM COM ISSO, ENTENDEU? NÃO TÔ AGUENTANDO, NÃO DÁ, NÃO DÁ... TODO DIA, MUITAS VEZES SÃO ‘UM MONTE’ ME ‘ZOANDO’, ‘5 MARMANJÃO’ DO TAMANHO DA MINHA MÃE”.

- Kauan Alvarenga, estudante negro de 11 anos que fez um vídeo-desabafo sobre as perseguições racistas que sofre diariamente na escola

PRECISAMOS FALAR SOBRE RACISMO

Um quarto das escolas públicas não abordam o racismo no currículo.

Fonte: Censo Escolar 2015

“DEBATER O TEMA NA ESCOLA NÃO É TAREFA SIMPLES PARA OS EDUCADORES. ENTRE AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA ESTIMULAR ATITUDES MAIS INCLUSIVAS E O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS, DESTACAM-SE DEBATES, BRINCADEIRAS, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM BONECOS, O RECONHECIMENTO DE SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIAS, BEM COMO A INCORPORAÇÃO DE NARRATIVAS QUE TRAGAM OS NEGROS COMO PROTAGONISTAS.”

“SOU UMA JOVEM NEGRA E NÃO ME VEJO REFLETIDA NOS LIVROS DIDÁTICOS. AS FIGURAS FEMININAS, QUANDO EXISTEM, SÃO TODAS BRANCAS. A HISTÓRIA OFICIAL SÓ RETRATA O POVO NEGRO NO PERÍODO DA ESCRAVIDÃO, SEMPRE FALAM DA PASSIVIDADE E NUNCA DA RESISTÊNCIA, E, SE LEMBRAM QUE RESISTIMOS, FINDAM A CONVERSA FALANDO DE ZUMBI. SOU MULHER E SOU NEGRA, NÃO SOU UMA COISA OU OUTRA, SOU AS DUAS JUNTAS. NÃO É SÓ A ESCOLA QUE NÃO SABE LIDAR COM A MINHA CONDIÇÃO DE RAÇA E GÊNERO, MAS NELA ESPERAVA PELO MENOS QUE TENTASSEM.”

- Relato de estudante do Ensino Médio no estudo “Por que discutir gênero na escola”, Ação Educativa

PROFESSORES E A PLURALIDADE NA ESCOLA

O estudo Formação de Educadores no Ensino Médio, da plataforma Faz Sentido, aponta caminhos para preparar os professores para lidar com a pluralidade da sala de aula com sensibilidade e empatia.

SAIBA MAIS: FAZ SENTIDO FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO ENSINO MÉDIO

“O PRECONCEITO DOS JOVENS PODE SER ENTENDIDO COMO UM REFLEXO DAS ATITUDES DOS ADULTOS. CONCLUI-SE QUE O COMBATE À DISCRIMINAÇÃO TAMBÉM DEVE CHEGAR AOS PROFESSORES E DEMAIS PROFISSIONAIS DIRETA E INDIRETAMENTE ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCATIVO. A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE SEUS PRÓPRIOS PRECONCEITOS E A ABERTURA PARA APRENDER COM OS ALUNOS SÃO ÓTIMAS VIAS. DESSA FORMA, É POSSÍVEL NÃO APENAS ENSINAR AO ESTUDANTE A SER TOLERANTE COMO AINDA SERVIR DE MODELO PARA QUE ELE TOME CERTAS ATITUDES NO SEU DIA A DIA.”

- Eduarda Rozemberg, Plataforma Educacional Somos Par, Preconceito em sala de aula: como o professor pode ajudar a superar?

SAIBA MAIS: O PORTAL DO PROFESSOR, MEC



AS DESIGUALDADES DE GÊNERO TAMBÉM SE EXPRESSAM NA ESCOLA

“Feche as pernas”, “fale baixo”, “acho que você precisa emagrecer”. Essas frases são ditas para as meninas desde muito cedo, tanto em casa quanto na escola. Existe uma pressão social para que elas sigam um comportamento e um padrão construído como feminino.

Essas regras também se aplicam aos meninos, só que ao contrário. Se eles choram, usam rosa, se recusam a ser violentos ou não reproduzem comportamentos machistas a sua masculinidade é questionada. Enquanto a masculinidade se opõe ao dito feminino, os meninos escondem sentimentos, medos e dores. E isso prejudica o seu desenvolvimento integral como ser humano.

“QUANDO MENINAS BRINCAM DE BONECA ESTÃO APRENDENDO A CUIDAR DE OUTRO SER. NORMALMENTE MENINOS NÃO SÃO ESTIMULADOS A ISSO, O QUE VAI TER REFLEXOS EM TODOS OS SEUS RELACIONAMENTOS, INCLUSIVE NA MANEIRA DE ENXERGAR A PATERNIDADE.”

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

PRÁTICA INSPIRADORA

“Os alunos do 8º e do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Manoel Martins dos Anjos, localizada em Estrela de Alagoas (AL), utilizaram técnicas do Teatro do Oprimido para trazer à tona uma situação comum à comunidade de Ipueiras, onde está localizada a escola. Na região, é comum que adolescentes vivam relacionamentos abusivos e, por conta deles, acabem deixando suas famílias ou os estudos”

Para construir a peça, os alunos buscaram levantar histórias reais e, para isso, contaram com o apoio da comunidade para definir as cenas. Ao longo do processo, a escola organizou várias rodas de conversa e debates abertos.

Fonte: 5 escolas combatem a violência contra as mulheres, Carta Educação



Você sabe o que é desqualificação?

Desqualificar ou realizar ou piadas ofensivas baseadas em estereótipos de gênero em sala de aula é uma das formas de violência contra a mulher.

Fonte: Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas, Plan International

A solidão da maternidade

As estudantes que são mães têm um desafio ainda maior e muitas vezes não são acolhidas pela escola

“A ESCOLA NÃO DÁ APOIO ÀS MÃES ESTUDANTES, AO CONTRÁRIO, AJUDA A CULPABILIZÁ-LAS”

– Estudante do Ensino Médio

“A SOLIDÃO DA MATERNIDADE QUASE MATA MEUS SONHOS”

– Julia Miranda, formada no Ensino Médio



“AS MENINAS GOSTAM DA ESCOLA, SENTEM-SE BEM QUANDO ESTÃO NA ESCOLA. VEJO QUE ESTE DIREITO À EDUCAÇÃO ESTÁ BEM COMPREENDIDO, APESAR DE FAZER-SE NECESSÁRIO AVANÇAR NA GARANTIA DA PERMANÊNCIA COM A APRENDIZAGEM DE TODOS E TODAS”

– Lêda Gonçalves coautora do livro Ser Menina no Brasil Contemporâneo

Fonte: Marcações de Gênero em Contexto de Desigualdades

“UM EXEMPLO É A RECORRENTE CENSURA À VESTIMENTA DAS MENINAS, QUE REVELA A INSISTÊNCIA NO CONTROLE DE SUAS SEXUALIDADES. OUTRO FOI UM EPISÓDIO QUE OUVI DE UM CASAL QUE ESTAVA SE BEIJANDO NA ESCOLA. A DECISÃO DA DIREÇÃO FOI SUSPENDER A MENINA E NENHUMA REPRESÁLIA FOI FEITA AO MENINO”

– Viviane Santiago, Plan International Brasil

VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NA ESCOLA

Revitimização e culpabilização

Muitas mulheres e meninas deixam de buscar ajuda por medo de serem desacreditadas, discriminadas e humilhadas (culpabilização). A escola precisa acolher a vítima e não culpabilizá-la ou fazê-la relembrar o trauma sofrido, por exemplo, fazendo diversas perguntas sobre o que aconteceu (revitimização).

Invisibilização, supersexualização e estereótipos

A mídia de forma geral invisibiliza e distorce a participação das mulheres na sociedade, em especial das negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, transexuais e gordas. É a chamada violência midiática, que reproduz crenças, valores e comportamentos heteronormativos e que reforçam desigualdades. Nas revistas e nos programas de TV o lugar social da mulher é limitado pela objetificação de seu corpo, pela supersexualização da sua imagem, pelo enquadramento em estereótipos que limitam as possibilidades de “ser mulher” e as reduzem como seres humanos.



Revenge porn (pornografia da vingança) é o ato de expor fotos e/ou vídeos de conteúdo sexual explícito ou com nudez sem consentimento das pessoas envolvidas.

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

ASSÉDIO SEXUAL

“DESDE O COMEÇO DO ANO EU FICAVA CONSTRANGIDA COM OS OLHARES DAQUELE PROFESSOR. ATÉ QUE UM DIA, QUANDO EU ESTAVA NO CORREDOR ESPERANDO A AULA, ELE PASSOU POR MIM, OLHOU PRA MINHA BUNDA E FALOU, NA FRENTE DOS MENINOS: “ESSA CALÇA DEVERIA SER PROIBIDA AQUI NA ESCOLA, NÃO VÊ COMO TIRA A ATENÇÃO DOS ALUNOS E DOS PROFESSORES?” FIQUEI COM TANTA RAIVA QUE APENAS CRITEI: “E ESTÁ OLHANDO POR QUÊ, SEU SAFADO?”. ELE ME MANDOU PARA A DIRETORIA, EU LEVEI SUSPENSÃO E AINDA FUI ZOADA PELA TURMA. MAS ELES QUE ESTÃO ERRADOS. O CORPO É MEU, A ROUPA É MINHA E O QUE ELES FIZERAM É CRIME!”

– Estudante do Ensino Médio

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Avanço nos direitos das mulheres

Em 2018 foi sancionada a Lei 13.718, que criminaliza os atos de importunação sexual (como beijo forçado, “encoxar”, passar a mão, cantadas invasivas, entre outros) e divulgação de cenas de estupro, nudez, sexo e pornografia. A pena é de um a cinco anos de prisão.

SAIBA MAIS: AGÊNCIA BRASIL

“COMO SE NÃO BASTASSE A HUMILHAÇÃO DE TER FOTOS MINHAS ÍNTIMAS DIVULGADAS NA INTERNET POR UM GAROTO DA ESCOLA, PERCEBI O QUANTO PROFESSORES/AS E A COORDENAÇÃO NÃO SABIAM O QUE FAZER NESSAS SITUAÇÕES. FUI PUNIDA COM SUSPENSÃO JUNTO COM O GAROTO, MESMO EU SENDO A VÍTIMA. DESCOBRI QUE O QUE ELE FEZ COMIGO CHAMA REVENGE PORN. NINGUÉM ME DISSE QUE ISSO É CRIME, ESTAVAM MUITO OCUPADOS ME CULPABILIZANDO POR EU TER CONFIADO NELE.”

– Estudante do Ensino Médio

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

VOCÊ CONHECE OS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER RECONHECIDOS PELA LEI MARIA DA PENHA?

A violência contra as mulheres se manifesta de várias maneiras:

Violência psicológica

- ▶ humilhações
- ▶ ridicularizações
- ▶ ameaças
- ▶ vigilância constante
- ▶ perseguição
- ▶ chantagens
- ▶ controle da vida social

Violência sexual

- ▶ sexo forçado
- ▶ sexo forçado com outras pessoas
- ▶ sexo em troca de dinheiro ou bens
- ▶ obrigar a ver pornografia
- ▶ impedir o uso de método contraceptivo (camisinha, pílula, etc.)
- ▶ forçar uma gravidez
- ▶ forçar um aborto

Violência “virtual”

- ▶ divulgar/compartilhar fotos e vídeos íntimos pela internet e/ou redes sociais sem autorização da mulher com o propósito de humilhá-la ou chantageá-la.
- ▶ utilizar redes sociais e celulares para propagar comentários depreciativos em relação à mulher.

Violência física

- ▶ tapas
- ▶ socos
- ▶ chutes
- ▶ apertar o pescoço
- ▶ agressões com armas ou outros objetos
- ▶ queimaduras
- ▶ amarras
- ▶ tortura
- ▶ feminicídio (assassinato)

Violência moral

- ▶ xingamentos
 - ▶ injúrias
 - ▶ calúnias
 - ▶ difamações
- Ex. chamar de louca, “vadia”, prostituta, acusar de traição.

Violência patrimonial

- ▶ quebrar celulares e objetos pessoais
- ▶ rasgar fotos
- ▶ quebrar móveis
- ▶ rasgar roupas
- ▶ estragar objetos de trabalho

Fonte: Mulher, Vire a Página
Ministério Público de São Paulo

COMO AJUDAR UMA MULHER QUE SOFREU VIOLÊNCIA DE GÊNERO?



- Se você foi informado ou presenciou um caso de violência de gênero ofereça ajuda para a vítima.
- Escute o que ela tem a falar, sem julgamentos.
- Apresente a ela as soluções institucionais e legais que você conhece e que estão disponíveis.
- Diga que ela não está sozinha.
- Afirme que ela não é culpada de nada e que, juntos(as), vocês vão achar uma solução.

Busque ajuda e denuncie em delegacias da mulher ou delegacias comuns, Conselho Tutelar, serviços como Centro de Referência de Assistência Social (CREAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRAS).

A escola precisa deixar claro onde e com quem alunas vítimas de violência de gênero podem buscar ajuda! E o mais importante, elas precisam sentir confiança nos educadores para conversar sobre esse assunto sem se sentirem expostas.

NUNCA REALIZE O TESTEMUNHO SEM O CONSENTIMENTO DA PESSOA QUE FOI VÍTIMA DA VIOLÊNCIA.

NUNCA FAÇA PERGUNTAS QUE CULPABILIZAM A MULHER.

VOCÊ CONHECE O LIGUE 180 CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER?

É um serviço gratuito e 24h que recebe denúncias ou relatos de violência e reclamações sobre os serviços da rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher. Também orienta mulheres sobre seus direitos, encaminhando-as para os serviços quando necessário.

A LIGAÇÃO PODE SER ANÔNIMA!

PRÁTICA INSPIRADORA

"UMA DAS TURMAS DO CENTRO EDUCACIONAL O2 DE SOBRADINHO, NO DISTRITO FEDERAL, FOI A PRIMEIRA COLOCADA DO PROJETO CURTA MARIA, INICIATIVA PARA COMEMORAR OS 10 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA.

OS ALUNOS PARTICIPANTES ELABORARAM CURTAS METRAGENS SOBRE FORMAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. OS VÍDEOS APRESENTADOS FORAM JULGADOS POR 100 MULHERES QUE SOFRERAM EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA.

O TRABALHO VENCEDOR, INTITULADO 'FOI SÓ UMA VEZ', ABORDOU DADOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, ALÉM DE CENAS GRAVADAS PELOS PRÓPRIOS ESTUDANTES PARA ILUSTRAR OS CASOS DAS ESTATÍSTICAS."

Fonte: 5 escolas combatem a violência contra as mulheres, Carta Educação



IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



60 % dos estudantes se sentem inseguros(as) na escola por causa de sua orientação sexual

48 % ouviram com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus colegas

73 % foram agredidos(as) verbalmente por causa de sua orientação sexual

27 % dos (as) estudantes LGBT foram agredidos(as) fisicamente

Falta acolhimento por parte das instituições escolares

64% dos/das estudantes diz que não existia nenhuma disposição no regulamento da escola (ou desconheciam a existência) a este respeito

8,3% dos/das estudantes afirmaram que o regulamento da escola tinha alguma disposição sobre orientação sexual, identidade/expressão de gênero, ou ambas

Esses dados são da Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional do Brasil de 2016, que mapeou as experiências de adolescentes e jovens LGBTQ+ no espaço escolar. Participaram da pesquisa 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, com a exceção do estado do Tocantins.

QUAL BANHEIRO A SOPHIA PODE USAR?

No país onde mais se mata transexuais e travestis, existem vários relatos de pessoas trans que sofrem violência cotidiana.

O caso de Sophia não é diferente:

“Quando eu cursava o último ano do Ensino Médio era a única e primeira transexual da escola. Eles não sabiam como lidar com questões da transexualidade ou qualquer outra diversidade. Professores insistiam em me chamar pelo nome civil sempre com piadas transfóbicas. Fui proibida pela direção de usar o banheiro feminino, a única opção que tinha era de usar o banheiro das pessoas com deficiência e ainda era o masculino. Usaram como desculpa que minha presença iria incomodar as alunas, mas eu tinha um bom relacionamento com elas e muitas ficaram ao meu favor. Sempre soube que esse preconceito e conservadorismo lá partiam de pessoas que tinham graduação e é duro saber que pessoas “estudadas” têm esse pensamento. Foi um momento difícil na escola. Em vez de eu ter uma boa convivência e troca de experiência, me excluíram ainda mais, fazendo com que outros alunos, que ainda não têm alguma noção de diversidade, tratassem com preconceito qualquer pessoa que não fosse ‘igual’ a eles.”

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

O NAMORADO
DA SOPHIA É
HETEROSSEXUAL?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO
- ☐ TALVEZ
- ☒ Não é da minha conta, MAS...

O namorado da Sophia é heterossexual, afinal, não sente atração por pessoas de identidade masculina, mas sim feminina. Ele se apaixonou por uma mulher independente de ela ter sido considerada assim ou não quando nasceu.



Toda a comunidade escolar precisa entender e enfrentar as diversas formas de discriminação que podem acontecer na escola. Esse esforço coletivo é fundamental para apoiar estudantes que sofrem com o preconceito e garantir o respeito às diferenças.

“NÓS, ESTUDANTES, LGBT+, QUEREMOS DIREITOS COMO QUALQUER OUTRO CIDADÃO. É PRECISO FAZER ISSO LOGO, O MUNDO NÃO PERCEBE, MAS SOMOS TÃO HUMANOS QUANTO OS OUTROS, PORÉM ESTAMOS MORRENDO. O PRECONCEITO ESTÁ NOS MATANDO.”

– Estudante do Ensino Médio

Fonte: Por que discutir gênero na escola, Ação Educativa



A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO NOTURNO E AS DESIGUALDADES

Quando o acesso ao Ensino Médio foi ampliado, na década de 90, grande parte dos estudantes foi alocada no período noturno (CORTI, 2015). Dados mostram que 6 em cada 10 estudantes matriculados no Ensino Médio em 1996 frequentavam a escola à noite.

O Ensino Médio noturno tem um papel fundamental na garantia do direito à educação para estudantes que não podem frequentar as aulas no período diurno, seja porque trabalham ou por outros motivos.

Ao mesmo tempo, também não há dados e pesquisas que comprovem a capacidade da rede pública em atender a demanda pelo Ensino Médio exclusivamente no turno diurno.

A GRANDE QUESTÃO É: QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DE TER TANTOS ESTUDANTES NO HORÁRIO NOTURNO?



OS DESAFIOS DO ENSINO NOTURNO

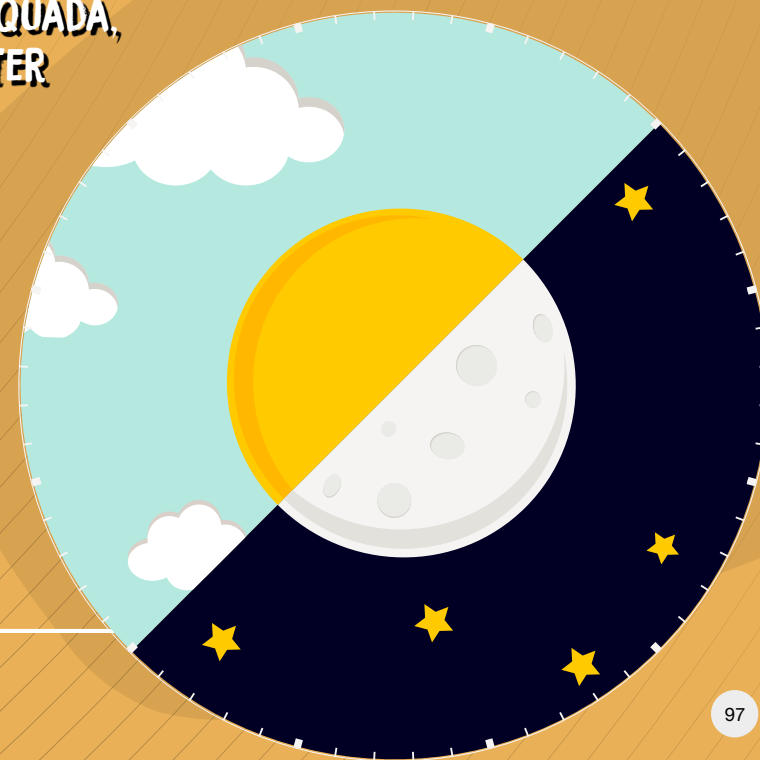
A pesquisadora Daniela Maria Schmitz (2011) ressalta que, durante o período noturno, tanto professores quanto estudantes estão cansados demais, por terem trabalhado durante o dia. Uma série de indicadores educacionais mostra que os estudantes desse turno encontram limites para se familiarizar com os conhecimentos e competências apreendidas durante sua passagem pela escola.

As pontuações obtidas pelos estudantes do curso diurno de Ensino Médio no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) são em média 24,5 pontos maiores do que as de quem frequenta aulas à noite. Enquanto a taxa de distorção idade/série é de 33% na rede pública do ensino médio, olhando separadamente para cada turno, chega-se à taxa de 23% dos alunos diurnos e 53% dos noturnos.

"O PROBLEMA É URGENTE, JÁ QUE SE TRATA DE 2,4 MILHÕES DE JOVENS MATRICULADOS NO PERÍODO, OU SEJA, 33% DO TOTAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO. COM BASE NO CENSO ESCOLAR, 67% DELES EXERCEM ALGUM TIPO DE TRABALHO E, SE NÃO TIVEREM FORMAÇÃO ADEQUADA, NÃO CONSEGUIRÃO MANTER O EMPREGO EM FACE DAS FREQUENTES DESCONTINUIDADES TECNOLÓGICAS"

- Mozart Neves Ramos,
Instituto Ayrton Senna

Fonte: O drama do ensino médio noturno, Instituto Ayrton Senna, 2015



CAPÍTULO 5

ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR



NESTE CAPÍTULO VAMOS FALAR SOBRE:

- As diferenças entre abandono e evasão
- Os fatores se sobrepõem: a multicausalidade do abandono e evasão
- O caleidoscópio das diferenças: quando as causalidades se encontram com as múltiplas identidades
- Abandono e evasão em números
- Quem são os jovens que estão fora da escola?
- Fatores externos ao abandono e evasão
- Fatores internos ao abandono e evasão
- Caminhos possíveis para superar os desafios do abandono e evasão



ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR SÃO COISAS DIFERENTES

Muitas vezes, os termos abandono e evasão escolar são usados como se fossem sinônimos. Embora as duas situações sejam exclusões escolares, cada uma tem um significado. Entenda:

Abandono escolar:

É quando um estudante não conclui o ano letivo, ou seja, deixa de frequentar a escola sem terminar uma determinada série ou ano escolar.

Evasão escolar:

É quando o jovem conclui o ano letivo e não retorna à escola no ano seguinte, ou seja, não efetua a matrícula para dar continuidade aos estudos.



OS FATORES SE SOBREPÕEM: A MULTICAUSALIDADE DO ABANDONO E DA EVASÃO

A evasão e o abandono escolar são multicausais e acontecem por diversos fatores, que ultrapassam os muros da escola.

Uma série de obstáculos impedem que todas as crianças, adolescentes e jovens estejam nas salas de aula. Depois de matriculados, os estudantes também enfrentam desafios para ter assegurado o direito de permanecer na escola, progredir nos estudos e concluir toda a educação básica na idade certa.

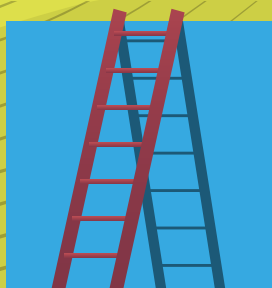
As barreiras podem ser socioculturais e econômicas, estar vinculadas à oferta educacional ou ainda ter como pano de fundo questões políticas, financeiras e técnicas.



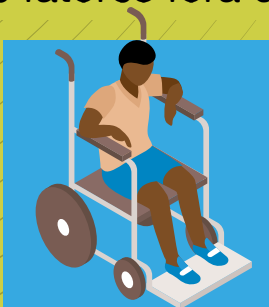
OS FATORES SE SOBREPÕEM: A MULTICAUSALIDADE DO ABANDONO E DA EVASÃO

Contexto: Fatores Externos

Impedimentos e fatores fora do âmbito escolar que colaboram para a evasão e o abandono.



ACESSO LIMITADO



PESSOA COM
DEFICIÊNCIA



GRAVIDEZ E
MATERNIDADE



MERCADO DE
TRABALHO



POBREZA



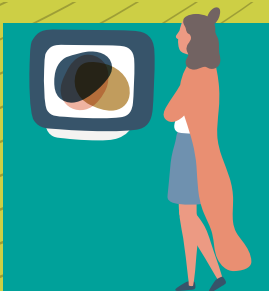
VIOÊNCIA

Motivação: Fatores Internos

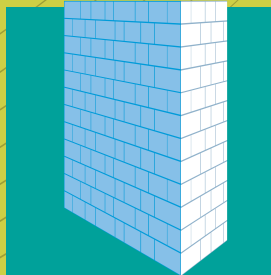
Estudantes que encontram impeditivos na escola e optam sair de forma racional.



DÉFICIT DE
APRENDIZAGEM



SIGNIFICADO



FLEXIBILIDADE



QUALIDADE DA
EDUCAÇÃO



CLIMA ESCOLAR



PERCEPÇÃO DA
IMPORTÂNCIA



DESAFIOS
EMOCIONAIS

CALEIDOSCÓPIO DAS DIFERENÇAS

Desigualdades + diferenças = diferentes graus de vulnerabilidade

Os motivos da exclusão são muitos, entre eles:

DESIGUALDADES

- Renda
- Escolaridade
- Disparidades regionais
- Campo e cidade

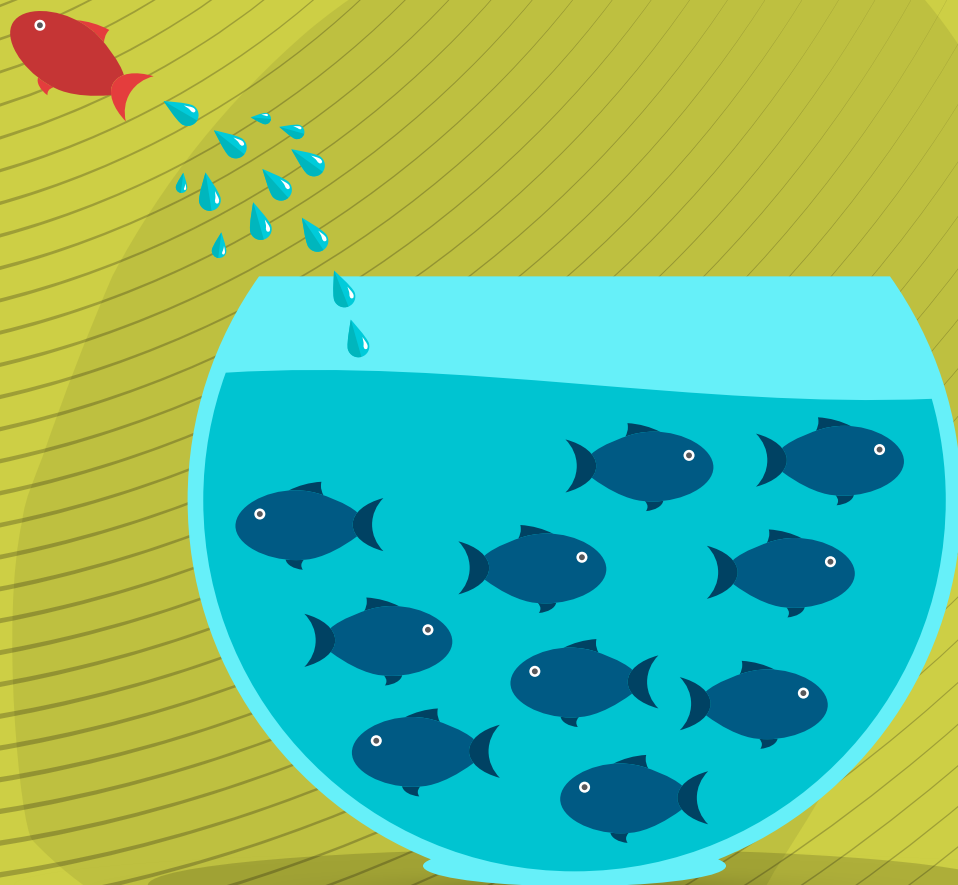
DIFERENÇAS

- Gênero
- Orientação sexual
- Raça e etnia
- Deficiências: emocionais, cognitiva, físicas, visuais, auditivas etc.
- Religião

Como apresentado nos capítulos anteriores, a soma das desigualdades com as diferenças resulta na **interseccionalidade de fatores do abandono e evasão**. Por exemplo, o caso de um estudante de escola em zona rural que evade pelas desigualdades regionais que o afetam somadas às discriminações que sofre por ser negro.

Quando as causalidades se encontram com as múltiplas identidades juvenis

Viver situações de discriminação, opressão e violência no ambiente escolar pode “empurrar” os jovens para fora da educação formal. Deixar a escola passa a ser uma maneira de fugir da violência e da falta de pertencimento. Essa é uma das formas com que a desigualdade se relaciona com a evasão e o abandono escolar.



“A ESCOLA NUNCA ME DEU NENHUM TIPO DE PROTEÇÃO. CHEGOU UMA HORA EM QUE ESTAVA INSUPORTÁVEL. TINHA MENINO QUE FALAVA QUE IA CORTAR MEU CABELO, QUE IA ME BATER, QUE ME XINGAVA DE VIADINHO. ATÉ QUE CHEGOU AO PONTO EM QUE EU REPROVEI, MEIO QUE PROPOSITAMENTE, PORQUE EU NÃO ME IMAGINAVA PASSANDO POR AQUILO TUDO MAIS UM ANO”

- Rafaella Coelho, aluna transsexual que saiu da escola aos 16 anos

Fonte: Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo, Correio Braziliense

“O PROJETO DE ESCOLA PÚBLICA DO BRASIL FOI CONSTRUÍDO EM TORNO DE UM PADRÃO SIMBÓLICO DE ESCOLA REFERENTE A QUEM SEMPRE ESTEVE NELA, E ONDE NÃO CABEM RIBEIRINHOS, INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, GIGANOS, ENTRE OUTROS”

- Elizabeth Macedo, docente no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro [UERJ]

Fonte: Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira, Centro de Referências em Educação Integral

ABANDONO E EVASÃO EM NÚMEROS

Em **10 anos**, aumentou a porcentagem de jovens que concluem o Ensino Médio na idade certa – até os 17 anos –, passando de **5%**, em 2004, para **19%**, em 2014.

Os dados estão em um estudo do Instituto Unibanco, feito com base nos últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Por outro lado, 1,7 milhão** de jovens entre 15 e 17 anos deixaram a escola sem concluir os estudos. Desses, **52%** não concluíram sequer o Ensino Fundamental.

“Este é o subgrupo mais vulnerável, pois são brasileiros que, caso não voltem a estudar, terão altíssima probabilidade de inserção precária no mercado de trabalho, além de não terem tido seu direito à educação básica assegurado”, diz a publicação.

MAIS DE 500 MIL

jovens que estavam matriculados no Ensino Médio público abandonaram a escola em 2016

ATUALMENTE, EXISTEM CERCA DE 1,7 MILHÃO DE JOVENS FORA DA ESCOLA DE 15 A 17 ANOS, O EQUIVALENTE A 16% DESTA FAIXA ETÁRIA.

Fonte: Aprendizagem em Foco, IU, fev/2016

SE SEGUIRMOS COM A TENDÊNCIA DE QUEDA DA TAXA DE ABANDONO DE 2007 A 2015, ESSE PROBLEMA SERÁ ELIMINADO EM 2024.

TERRITÓRIO: OS DILEMAS DO URBANO

É preciso compreender e reconhecer o lugar que os jovens frequentam e onde vivem. O território é fundamental para que eles entendam sua história e construam sua identidade.

Segundo o estudo “Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole”, publicado pela Ação Educativa, crianças com um mesmo nível sociocultural têm desempenhos diferentes de acordo com o nível de vulnerabilidade social do entorno da escola onde estudam. Outro fator que influencia é a falta de equipamentos culturais nestas regiões.

Existem 2.141.148 meninos e meninas fora da escola em cidades do Brasil, o que corresponde a 6% dessa população. Muitos vivem nas periferias dos centros urbanos, convivendo com as desigualdades dentro das próprias cidades.

Fonte: Cenário da Exclusão Escolar no Brasil, Unicef 2017

“AQUI OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NÃO EXISTEM OU NÃO FUNCIONAM. EU VIVO NO BAIRRO COM UM DOS MAIORES ÍNDICES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E ONDE NÃO HÁ UMA DELEGACIA DA MULHER. O HOSPITAL MAIS PRÓXIMO ESTAVA A 1 HORA DE DISTÂNCIA. E A ESCOLA FICA NESSE LIMBO. O PAI LEVA O FILHO PARA A ESCOLA, QUE NÃO SABE O QUE FAZER COM ESSE MENINO QUE JÁ VIVEU DIVERSAS VIOLÊNCIAS”

– Marcelo Palmares, ator e diretor do Instituto Pombas Urbanas, que há 14 anos atua em Cidade Tiradentes [SP]



TERRITÓRIO: OS DESAFIOS DO CAMPO

A zona rural têm os maiores percentuais de abandono e evasão escolar. Nessas regiões, **8,3%** das crianças e jovens estão longe das salas de aulas. São **661.110** meninos e meninas de todo o país que não têm vagas em escolas próximas, sofrem problemas no transporte escolar ou enfrentam outros fatores que impedem o acesso e a permanência escolar.

Muitos vivem na Região Amazônica e no Semiárido brasileiro, espalhados por mais de 2 mil municípios.

Fonte: Cenário da Exclusão Escolar no Brasil, Unicef 2017

“A ESCOLA É MUITAS VEZES A ÚNICA PRESENÇA DO ESTADO NESTES LOCAIS. HÁ UMA DISTRIBUIÇÃO DESIGUAL DE BENS DE ACORDO COM O TERRITÓRIO. TUDO FICA CONCENTRADO NA REGIÃO CENTRAL”, EXPLICA ANTÔNIO GOMES BATISTA, CONSELHEIRO E PESQUISADOR DO CENPEC – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA.

Segundo dados coletados em 2016 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mais de 40 mil escolas rurais foram fechadas no País nos últimos 15 anos.

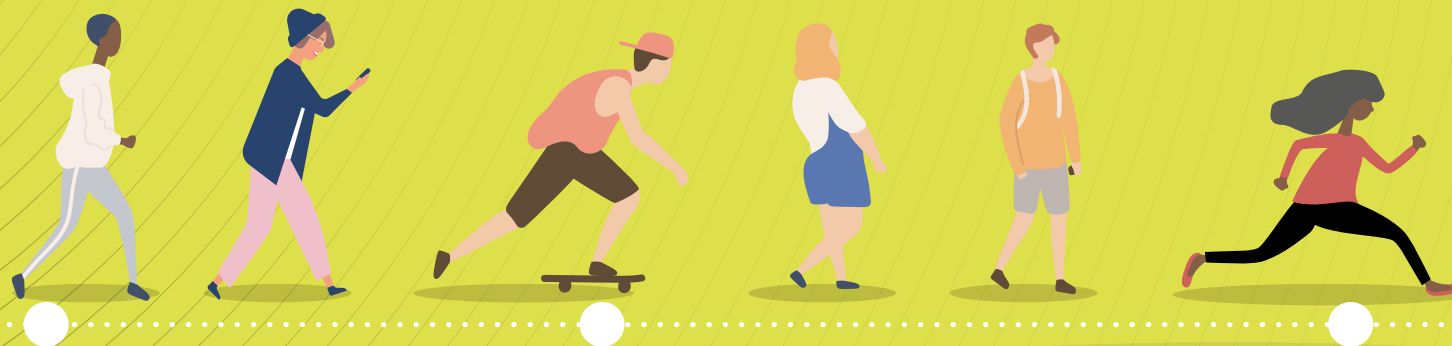
A EVASÃO É MAIOR NAS ESCOLAS RURAIS, EM TODAS AS ETAPAS DE ENSINO.

O PARÁ TEM A MAIS ALTA TAXA DE EVASÃO EM TODAS AS ETAPAS DE ENSINO, CHEGANDO A 16% NO ENSINO MÉDIO.

Fonte: Instituto Unibanco - Taxa de Abandono do Ensino Médio Público em 2016.



PERFIL PREDOMINANTE DO JOVEM QUE ABANDONA



CARACTERÍSTICA DO ABANDONO NA ESCOLA

RURAL

1ª SÉRIE

NOTURNO

JOVEM QUE ABANDONA

19 ANOS
OU MAIS

NEGRO

HOMEM

PÚBLICO POTENCIAL DO ENSINO MÉDIO REGULAR (15 A 19 ANOS)

NEGRO

HOMEM

POBRE

NÃO
OCUPADO

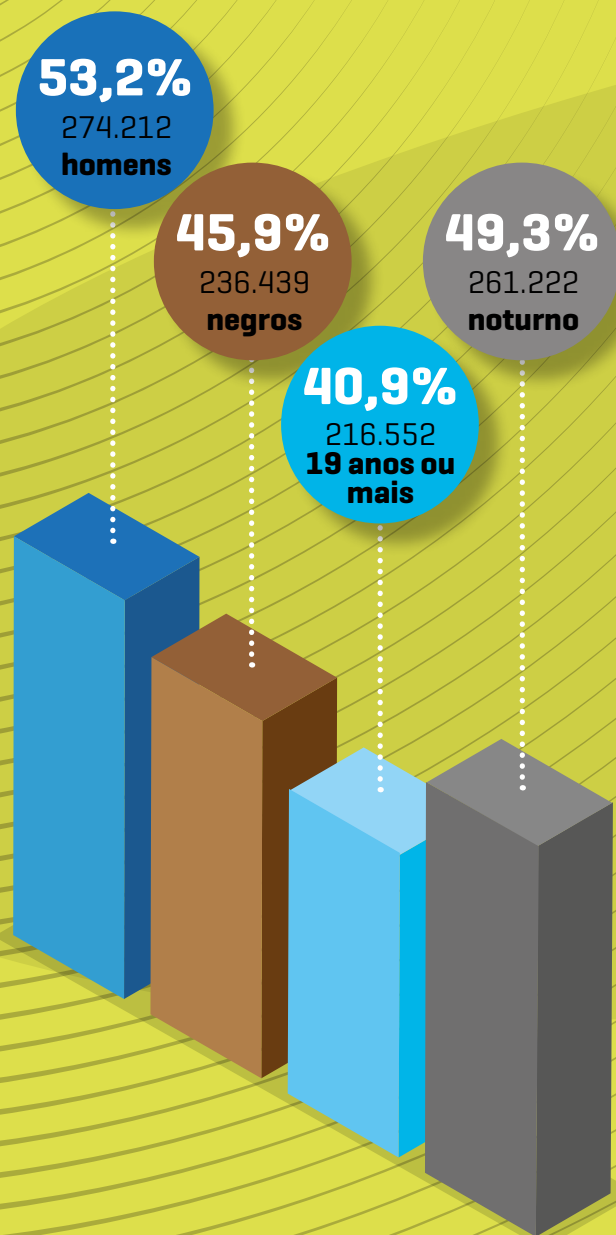
SEM
FILHOS

NÃO
CHEFE

NÃO
CÔNJUGE

Material adaptado de Instituto Unibanco - Taxa de Abandono por turno do Ensino Médio da rede pública em 2016.

QUEM É O JOVEM QUE ABANDONA?



A taxa de abandono é maior nas regiões Norte e Nordeste do país. Nessas áreas há mais jovens negros e a oferta de Ensino Médio é menor.

O abandono é mais comum entre os jovens moradores de áreas rurais (8,63%) do que os de áreas urbanas (7,43%).

Fonte: Instituto Unibanco - Taxa de Abandono por área em 2016

A taxa de abandono é maior no ensino noturno, chegando a **15%**. No vespertino esse índice é de **7,5%** e no matutino é de **4,1%**.

Fonte: Instituto Unibanco, 2018 - Taxa de Abandono por turno do Ensino Médio da rede pública em 2016.

7%

37.781

Jovens que abandonaram o Ensino Médio da rede pública em 2016 eram **homens negros de 19 anos ou mais** do turno **noturno**

12,3% de evasão e 2,2% de migração EJA

Parcela dos jovens que em algum momento do ano letivo deixam de frequentar e não se matriculam novamente no ano seguinte (sendo 14,2%, 13,7% e 7,6% na 1ª, 2ª e 3ª séries, respectivamente). **Apenas 2,2% migram para o EJA** no ano letivo seguinte.)

De acordo com o relatório “O Cenário da Exclusão Social no Brasil, publicado pelo UNICEF em 2017, a exclusão escolar afeta principalmente crianças e adolescentes vindos das camadas mais vulneráveis da população, já privados de outros direitos constitucionais. **Do total fora da escola, 53% vivem em domicílios com renda per capita de até 1/2 salário mínimo.**

Esses jovens – que fazem parte de populações vulneráveis – não estão apenas fora da escola. Estão excluídos de todo um sistema de garantia de direitos. São sujeitos com menos acesso a direitos básicos, como registro civil, atendimento de saúde e vacinação. Estão mais expostos a formas extremas de violência, exploração e abuso sexual. E, muitas vezes, se tornam invisíveis às políticas públicas porque simplesmente não conseguem acessá-las.

“A EVASÃO ESCOLAR CUSTA AO PAÍS R\$ 100 BILHÕES POR ANO, ALÉM DE COMPROMETER A VIDA DOS JOVENS E DE SUAS FAMÍLIAS. NO RITMO ATUAL DE ENGAJAMENTO E REDUÇÃO DA EVASÃO, O BRASIL PRECISARÁ DE 200 ANOS PARA ALCANÇAR A META DE 100% DOS JOVENS EM IDADE ESCOLAR NA ESCOLA.”

Fonte: Relatório Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens, Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco e Fundação BRAVA, 2017.

ABANDONO E EVASÃO: FATORES EXTERNOS À ESCOLA

Os desafios para além dos muros da escola...

De acordo com o estudo Políticas Públicas para a Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens, fatores externos à escola e ao aprendizado são condições que não resultam de características próprias às escolas que os jovens frequentam. Da mesma forma, esses fatores também não estão relacionados com a capacidade e a competência dos estudantes.

Fonte: Relatório Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens, Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco e Fundação BRAVA, 2017.



O UNICEF (2017) citou obstáculos além dos muros da escola que contribuem para a evasão e o abandono escolar:

BARREIRAS ECONÔMICAS:

A pobreza, que inclui o trabalho infantil e outras privações de direitos, e problemas relacionados ao abuso e à exploração sexual.



BARREIRAS SOCIOCULTURAIS:

A discriminação racial, o preconceito, o bullying, a homofobia e a transfobia, a exposição dos meninos e meninas à violência e a gravidez na adolescência, entre outras questões.



BARREIRAS DE OFERTA EDUCACIONAL:

A apresentação de conteúdos distantes da realidade dos alunos, a não valorização dos profissionais de educação, o número insuficiente de escolas, a falta de acessibilidade para alunos com deficiência, condições precárias de infraestrutura e de transporte escolar.



BARREIRAS POLÍTICAS, FINANCEIRAS E TÉCNICAS:

A insuficiência de recursos destinados à educação pública brasileira.



Fonte: Cenário da exclusão escolar no Brasil, UNICEF, 2017

POBREZA, ABANDONO E EVASÃO

“O ADEQUADO ENGAJAMENTO DOS JOVENS EM ATIVIDADES ESCOLARES REQUER TANTO A SATISFAÇÃO DE UMA SÉRIE DE NECESSIDADES BÁSICAS (COMO ALIMENTAÇÃO, HIGIENE E VESTUÁRIO), QUANTO O ACESSO A DETERMINADOS SERVIÇOS PÚBLICOS (COMO ENERGIA ELÉTRICA E INTERNET) E A BENS CULTURAIS (COMO BIBLIOTECAS E MUSEUS). MUITAS DESSAS CONDIÇÕES, INDISPENSÁVEIS A UM PLENO ENGAJAMENTO DOS JOVENS NAS ATIVIDADES ESCOLARES, NÃO SÃO GARANTIDAS ÀQUELES JOVENS ADVINDOS DE FAMÍLIAS MUITO POBRES.”

Fonte: Relatório Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens, Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco e Fundação BRAVA.

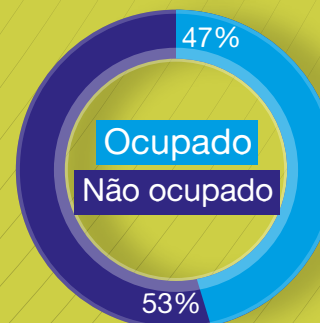
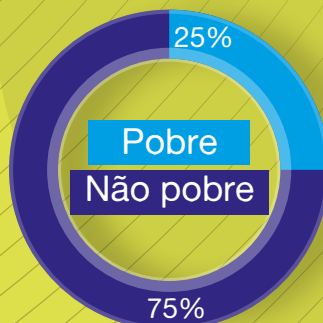
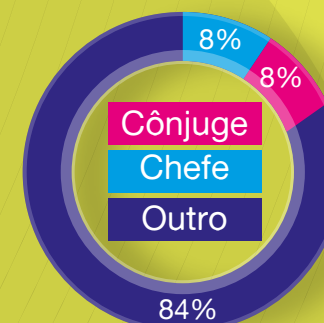
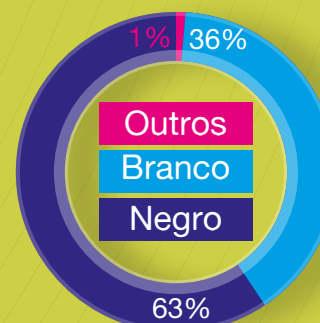
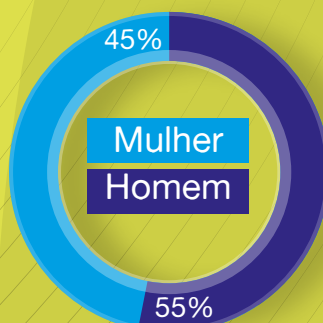
6.040.798

jovens de 15 a 19 anos estão fora da escola.

1.615.997

26%

destes jovens de 15 a 19 anos estão fora da escola, concluíram o Ensino Fundamental, mas não concluíram o Ensino Médio.



Cerca de 50 milhões de brasileiros (25,4% população brasileira) vive na linha de pobreza e têm renda familiar equivalente a R\$ 387,07 – ou US\$ 5,5 por dia –, valor adotado pelo Banco Mundial.

Fonte: Estudo “Desigualdade Social” Relatório Brasil, Instituto Unibanco 2018.

Fonte: IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza, Agência Brasil.

GRAVIDEZ E EVASÃO DAS MÃES ADOLESCENTES

Os direitos sexuais e reprodutivos dos e das jovens são reconhecidos por diversos compromissos assumidos pelo governo brasileiro. São eles:

- Conferência Mundial de Direitos Humanos, Viena, 1993
- Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), Cairo 1994
- Convenção para Erradicar, Sancionar e Punir a Violência contra as Mulheres (CEDAW), 1994

Esses direitos devem receber atenção especial também no debate Saúde e Juventude no SUS. **Isso porque afirmar esses direitos envolve o fortalecimento da autonomia e o empoderamento dos indivíduos.**

Fonte: Relatório “O Sus e A Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens no Brasil” Governo Federal 2013

A pesquisa “Juventudes na escola sentidos e buscas: Por que frequentam?” (Flacso e OEI, 2015) apontou que a gravidez é um dos motivos mais mencionados para alguma vez jovens terem deixado a escola.

- **O Brasil tem 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos.**
- **O índice brasileiro está acima da média latino-americana, estimada em 65,5.**
- **No mundo, a média é de 46 nascimentos a cada mil.**
- **Os dados são do Relatório da Organização Mundial da Saúde, divulgado em 2018.**
- **31% do total de partos realizados nos hospitais do SUS são de mães adolescentes - IBGE [2013].**

Fonte: ONU Brasil



“UMA VEZ QUE A JOVEM ENGRAVIDA, A MATERNIDADE DEMANDA MUITO DE SEU TEMPO E, COM ISSO, SÃO NECESSÁRIAS AÇÕES ESPECÍFICAS QUE VIABILIZEM A CONTINUIDADE DOS ESTUDOS. DURANTE A GESTAÇÃO E NOS MOMENTOS IMEDIATAMENTE ANTERIOR E POSTERIOR AO PARTO, A MÃE ADOLESCENTE PRECISA DE ATENÇÃO ESPECIAL DA ESCOLA. SUAS OBRIGAÇÕES ESCOLARES E AVALIAÇÕES PODEM PRECISAR SER REPROGRAMADAS E, DEPENDENDO DOS RISCOS E COMPLICAÇÕES ASSOCIADAS AO PARTO, O ATENDIMENTO À DOMICÍLIO OU NO HOSPITAL PODE TAMBÉM SER NECESSÁRIO.”

Fonte: Políticas Públicas para a Redução do Abandono e Evasão Escolar de Jovens.

“ALÉM DA DESIGUALDADE DE GÊNERO MUITAS E MUITOS JOVENS TÊM RELACIONAMENTOS PREGOCES E SEM PROTEÇÃO, POIS FALTA UM ENSINO DE QUALIDADE QUE DIALOGUE COM A SEXUALIDADE”

Por que discutir gênero na escola? Ação Educativa

“SE EU TIVESSE TIDO ESSE ESPAÇO E OS MECANISMOS DE PARTICIPAÇÃO E DE ESPAÇO PARA A MINHA VOZ, NÃO TERIA EXISTIDO MINHA EXCLUSÃO COMO MÃE ADOLESCENTE DE ESCOLA PÚBLICA NA PERIFERIA”

– Julia Miranda,
estudante Ensino Médio.



FALTA DE CRECHE: MAIS UM DESAFIO PARA AS MÃES ADOLESCENTES

Um dos limitadores para as jovens mães frequentarem a escola é não ter com quem deixar seus filhos. Isso porque existe um déficit de vagas em creches públicas.

Entre as crianças de 0 a 3 anos que pertencem aos **20%** com a renda domiciliar per capita mais baixa do país, **33,9%** estão fora da escola porque não existe vaga ou creche perto delas, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad).

Fonte: Pnad 2017 Educação/IBGE



A EVASÃO E AS VIOLÊNCIAS EXTERNAS À ESCOLA

“Outro fator que infelizmente continua a afastar jovens da sala de aula é a violência, tanto a doméstica quanto aquela praticada na própria escola, na comunidade ou no entorno da escola.

Em parte por esse motivo, existe uma variedade de ações de prevenção à violência, promoção de resoluções construtivas e pacíficas de conflitos e garantia de atendimento adequado às vítimas de diferentes tipos de violência.”

Fonte: Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens - Instituto Unibanco, IAS, Insper, Fundação Brava, 2017



“EU QUERIA QUE A ESCOLA ME DESSE SUPORTE (...) NÃO POSSO SAIR DE CASA PARA APRENDER E FICAR À MERCÊ DA VIOLÊNCIA”

- Estudante do 8º ano, registrada como “desistente” após dois meses de ausência.

Fonte: Evasão e Violência lidera preocupações de jovens, diz Unicef. O Globo.

A VIOLÊNCIA PIORA O APRENDIZADO

Uma pesquisa feita por Joana Monteiro (PUC-RJ) e Rudi Rocha (UFRJ) mostra que o desempenho de alunos em favelas cariocas cai significativamente em anos em que os tiroteios são mais intensos.

Os alunos de escolas que tiveram nove ou mais dias de conflitos durante o ano letivo apresentaram desempenho duas vezes pior que os de escolas expostas à violência durante dois ou mais dias. A pesquisa mostra que, quanto mais próxima de uma favela, maior o impacto. Em anos com conflitos na região onde o colégio está inserido, os professores faltam 5,8% mais.

Fonte: Escolas buscam formas de educar em meio a cotidiano de violência, O Globo.



“ÀS VEZES, TEMOS MESMO QUE PARAR DE TRABALHAR O PEDAGÓGICO PARA CUIDAR DO EMOCIONAL. DAR UM ABRAÇO FORTE EM CADA ALUNO. AGALMÁ-LOS PRIMEIRO, DEIXÁ-LOS À VONTADE PARA QUE POSSAM FALAR SOBRE O QUE ACONTECEU.”

– Maria de Fátima da Costa, professora reconhecida em 2015 pela prefeitura como uma das 11 melhores alfabetizadoras da rede.

JOVEM E A RELAÇÃO COM O TRABALHO

A necessidade de trabalhar é uma das principais causas da falta de engajamento dos jovens nas atividades escolares, segundo o relatório “Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens”.

Jovens entre 15 e 17 anos que trabalham têm uma frequência escolar 15% menor em comparação àqueles que não trabalham.

Segundo Neri (2009), mais de $\frac{1}{4}$ dos jovens que abandonaram os estudos declaram que a necessidade de trabalhar foi a causa imediata.

**A ESCOLA PRECISA
PENSAR EM COMO
ACOLHER ESTUDANTES
QUE TRABALHAM!**

**“EU SEMPRE CHEGAVA ATRASADO
NA ESCOLA PORQUE EU TRABALHAVA
LONGE DAQUI E DORMIA NA HORA DA
AULA. IR PARA A ESCOLA PARA FIGAR
DORMINDO? MELHOR SAIR
DA ESCOLA. MELHOR PARA
A ESCOLA E MELHOR
PARA MIM”**

Valmir, 28 anos

Vídeo: Quantos
Valmires você conhece?
- Fundação GESTA



JUVENTUDE TRABALHADORA

Em 2015, mais da metade da juventude brasileira estava ocupada, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

“A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL É MARGADA POR VÁRIOS DESAFIOS, COMO INFORMALIDADE, BAIXA REMUNERAÇÃO, ALTO ÍNDICE DE ROTATIVIDADE, PREGARIZAÇÃO DA RELAÇÃO DE TRABALHO E DIFICULDADE DE CONCILIAÇÃO ENTRE ESTUDOS, RESPONSABILIDADES FAMILIARES E TRABALHO. O DESEMPREGO ENTRE OS JOVENS BRASILEIROS É DE DUAS A TRÊS VEZES MAIOR DO QUE O DESEMPREGO ENTRE OS ADULTOS.”

Fonte: Emprego juvenil no Brasil, OIT

Cerca de **52%** dos jovens de 15 a 24 anos estão ocupados. Quase um terço deles recebe até um salário mínimo.

Em países emergentes e em desenvolvimento, **16,7%** dos jovens trabalhadores vivem com rendas inferiores à linha da extrema pobreza (US\$ 1,90 por dia).

Em 2011, o Brasil lançou uma Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude. Entre 2012 e 2014, o escritório da OIT no Brasil fez uma grande pesquisa nacional sobre a transição dos jovens da escola para o mundo do trabalho. O resultado foi a série de estudos “Trabalho Decente e Juventude”.



SEM ESTUDO, SEM TRABALHO

Em 2016, o Banco Mundial fez uma pesquisa qualitativa com 77 jovens de 18 a 25 anos de áreas urbanas e rurais de Pernambuco. O resultado é o estudo “Se já é difícil, imagina para mim”, lançado em março de 2018 pelas pesquisadoras Miriam Müller e Ana Luiza Machado. O material mostra uma série de barreiras estruturais enfrentadas pelos jovens.

Para as pesquisadoras, a expressão “nem-nem”, que ficou popular nos últimos anos, ignora as diferentes realidades dos jovens. Isso pode gerar uma visão de que nem trabalhar nem estudar é uma escolha.

“A CULPA NÃO É DOS JOVENS.” O ESTUDO REVELA QUE ALGUMAS CONDIÇÕES RELACIONADAS COM A POBREZA E O GÊNERO PRODUZEM UM CONJUNTO DE BARREIRAS DIFÍCEIS DE SUPERAR.

– Miriam Müller, responsável pela pesquisa

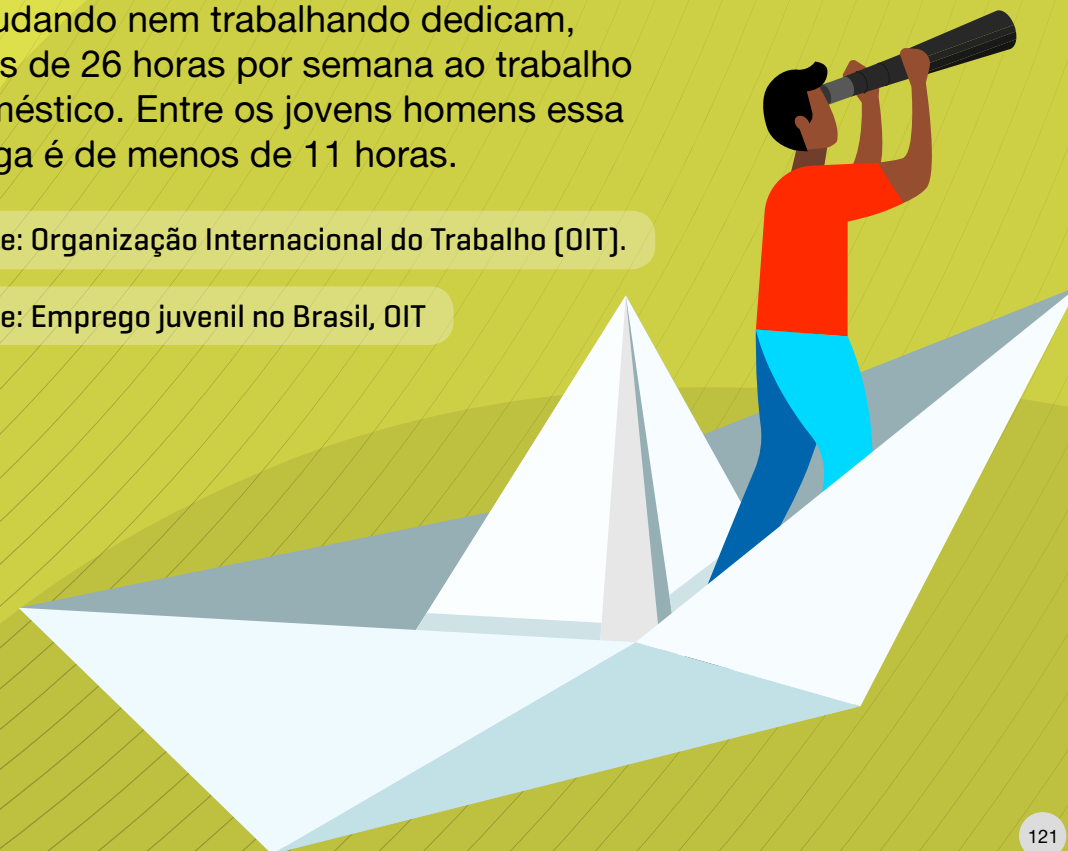
De acordo com estudos da OIT, o desemprego entre os jovens no Brasil atingiu no final de 2017 a maior taxa em 27 anos, com 30% das pessoas de 15 a 24 anos em busca de uma ocupação.

Cerca de 22% dos jovens nem estuda nem trabalha. A maioria é mulher e, negros ou pardos.

As jovens mulheres que não estão estudando nem trabalhando dedicam, mais de 26 horas por semana ao trabalho doméstico. Entre os jovens homens essa carga é de menos de 11 horas.

Fonte: Organização Internacional do Trabalho [OIT].

Fonte: Emprego juvenil no Brasil, OIT



COMO FALAR SOBRE SAÚDE EMOCIONAL E MENTAL NA ESCOLA?

Os estudantes precisam ter espaço para discutir questões relacionadas às emoções e à saúde mental. Isso significa poder falar sobre dificuldades de aprendizagem, estresse, ansiedade, raiva, tristeza e até problemas de relacionamento com professores, colegas e familiares.

Estimular a reflexão sobre sonhos e projetos de vida também contribui para construção e ampliação de perspectivas de futuro.

O mais importante é manter o diálogo sempre. Para Adriana Fóz, psicopedagoga do Laboratório de Neurociência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), falar sobre violência, depressão e suicídio na escola ajuda a desmistificar a saúde mental. Os jovens precisam se sentir seguros para tratar de suas emoções e desenvolver habilidades de relacionamento e autoconhecimento.

Fonte: Depressão na Adolescência: é preciso falar sobre o problema, Instituto Unibanco, 2017.

Casos de depressão, automutilação e até suicídio são cada vez mais comuns entre adolescentes.

Cerca de 350 milhões de pessoas de todas as idades sofrem de depressão, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Menos da metade recebe o tratamento adequado.

Nos casos mais graves, a depressão pode levar ao suicídio e, entre jovens de 15 a 29 anos, essa já é a segunda principal causa de morte no mundo.

"AS PERDAS, AS TRISTEZAS, NÃO SÃO ADMITIDAS E ELABORADAS NA NOSSA SOCIEDADE. TEMOS QUE ESTAR SEMPRE FELIZES, E FRENTE A QUALQUER PROBLEMA MEDICALIZAMOS O SOFRIMENTO. NA JUVENTUDE, ENTÃO, ISSO SE INTENSIFICA, POIS É O MOMENTO DA VIDA DO SAUDÁVEL E DA PLENITUDE."

- Gabriel Medina, Instituto Unibanco.



Os transtornos mentais ainda são um tabu em nossa sociedade, e muitos jovens sofrem em silêncio com vergonha de pedir ajuda. Por isso, é fundamental que a escola promova atividades de conscientização para o acesso à informação sobre doenças mentais, além formas de prevenção e tratamento.



“EU IA PARA O CANTO E NÃO FALAVA PARA NINGUÉM.”

– Estudante do Ensino Médio que conviveu três anos com síndrome do pânico sem buscar ajuda.

Fonte: Juventude é o melhor momento para tratar transtorno mental, Escola da Inteligência.

Vamos falar sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na juventude?

Normalmente, a adolescência é marcada pelo início dos desejos sexuais e as curiosidades em relação ao sexo. Por isso, também a importância de se abordar a educação sexual na escola de forma responsável e sem tabus.

Apesar da grande quantidade de informação a respeito do assunto, muitos alunos não conhecem as formas de transmissão e acabam, infelizmente, expondo-se a situações de risco.

- Dicas para abordar DST, Canal do Educador.

ACESSIBILIDADE NA ESCOLA

Uma pesquisa feita pelo Instituto Unibanco com dados do Censo 2015 apontou que nos primeiros anos do Ensino Fundamental os estudantes com deficiência correspondem a **2,9%** dos alunos.

Nos anos finais, a porcentagem cai para **1,8%**. Já no Ensino Médio, esse grupo representa apenas **0,8%** das matrículas.



“NÃO É UM PROBLEMA DOS ALUNOS NÃO QUEREREM CONTINUAR NA ESCOLA, É UM PROBLEMA DE SÓ ALGUMAS ESCOLAS CONSEGUIREM ACOLHER. O BRASIL TEM UMA AGENDA EXPLÍCITA DE ESCOLA INCLUSIVA, MAS O ESFORÇO E O RESULTADO ESTÃO MUITO AQUÉM DO QUE NECESSITAMOS. AVANÇAMOS NO CAMPO REGULATÓRIO E FALHAMOS NO PONTO VISTA DE TORNAR ESSA INCLUSÃO EFETIVA.”

– Ricardo Henriques, Instituto Unibanco.

Fonte: Crianças com deficiência são vítimas da exclusão nas escolas, O Globo, 2016.

ABANDONO E EVASÃO: FATORES INTERNOS À ESCOLA

Mesmo que o jovem tenha acesso a uma escola de qualidade, ele pode abandonar ou evadir por conta de falta de pertencimento causada por dificuldades de aprendizado, ausência de sentido da escola, descompasso e consequente desapontamento com o resultado das avaliações realizadas, situações de preconceitos e discriminações, ou mesmo desentendimentos com os colegas, professores ou outros funcionários da escola.

Fonte: Políticas públicas para a redução e o abandono escolar de jovens - Instituto Unibanco, IAS, INSPER, Fundação Brava - 2017.



OS DESAFIOS DA ESCOLA

A inadequação dos serviços oferecidos pela escola é um dos fatores que contribui para a evasão e o abandono:

- Ausência de sentido e pertencimento
- Os jovens não compartilham dos valores e objetivos da escola
- O currículo e os conteúdos ensinados não se adequam às necessidades de aprendizados do jovem, que possui insuficiências em sua formação
- Os jovens apresentam dificuldades de relacionamento com algum de seus professores ou colegas. Isso gera situações de *bullying*, assédio, racismo, homofobia e machismo, e, conseqüentemente, o desinteresse em permanecer na escola
- Seguidas reprovações, que podem impactar a confiança dos jovens em sua capacidade de aprender



O PRIMEIRO FATOR É A FALTA DE SENTIDO DA ESCOLA

A Fundação Victor Civita perguntou para estudantes de baixa renda o que ele acham da escola. O resultado: falta conexão entre o mundo deles e a escola.

A pesquisa foi feita com jovens matriculados no Ensino Médio ou que estudaram pelo menos seis meses nessa etapa.

Foram entrevistados 100 jovens de 15 a 19 anos de São Paulo e Recife com renda familiar de até R\$2.500.

- Um em cada cinco estudantes disse que só vai à escola para conseguir um diploma

- 78,8% veem utilidade em língua portuguesa, 77,6% em matemática e 19,1% em literatura

Fonte: Porvir e Fundação Victor Civita



MÉTODOS DE AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

Outro importante fator de desengajamento dos jovens é a deficiência de aprendizado acumulada ao longo da vida escolar. Esse déficit tende a ser maior na adolescência do que na infância, geralmente na transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

“AO REFLETIR SOBRE O TERMO AVALIAÇÃO NO AMBIENTE EDUCATIVO, A CONCEPÇÃO QUE NORMALMENTE PENSAMOS COMO EDUCADORES É DE CLASSIFICAR, MEDIR E QUANTIFICAR POR MEIO DE PROVAS ENTRE OUTROS INSTRUMENTOS. POR INTERMÉDIO DESTES PROCESSOS AVALIATIVOS INTENSIFICAMOS VALORES DE NOSSA SOCIEDADE ONDE PRECONIZAMOS O SUCESSO INDIVIDUAL, DE COMPETIÇÃO, ACIMA DE TUDO. ESTES INSTRUMENTOS DE MEDIÇÃO DE APRENDIZAGEM REFORÇAM UMA CULTURA DE AVALIAÇÃO QUE VISA “PREMIAR E PUNIR”, INTENSIFICAR PROCESSOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO E COMPETIÇÃO, DIFICULTANDO A ORGANIZAÇÃO DOS AGENTES ESCOLARES A PARTIR DE PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS E COLETIVOS.”

Fonte: “Avaliação ou Punição” - portal Ensino Médio em Diálogo



AVALIAÇÃO OU PUNIÇÃO?



Segundo dados do INEP, o número de reprovações no país diminui mais rapidamente no Ensino Fundamental do que no Ensino Médio. Permanecem as diferenças históricas entre as taxas de aprovação dos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação aos anos finais e também em relação ao Ensino Médio.

Em 2007, a média geral de alunos reprovados entre o 1º e o 5º ano foi de 11% e entre o 6º e o 9º ano, de 13,5%. Já em 2016, esses índices recuaram para 5,9% e 11,4%, respectivamente. **No Ensino Médio, no mesmo período, a média geral caiu de 12,7% para 11,9%.**

Fonte: Aprendizagem em Foco - Reprovação não contribui para aprendizagem - ago/2017

O portal Ensino Médio em Diálogo traz o seguinte olhar da pesquisadora Jussara Hoffmann:

“GERALMENTE OS PROFESSORES SE UTILIZAM DA AVALIAÇÃO PARA VERIFICAR O RENDIMENTO DOS ALUNOS, CLASSIFICANDO-OS COMO BONS, RUINS, APROVADOS E REPROVADOS. NA AVALIAÇÃO COM FUNÇÃO SIMPLEMENTE CLASSIFICATÓRIA, TODOS OS INSTRUMENTOS SÃO UTILIZADOS PARA APROVAR OU REPROVAR O ALUNO, REVELANDO UM LADO RUIM DA ESCOLA, A EXCLUSÃO.”

EFEITO NEGATIVO DA REPROVAÇÃO SOBRE A APRENDIZAGEM

Existe uma certa crença de que a reprovação tem caráter “pedagógico”, mas diversas pesquisas apontam que a medida, na verdade, pode atrapalhar a aprendizagem.

Uma revisão de estudos científicos produzidos em diversos países realizada por José A. S. Rebelo, da Universidade de Coimbra, em 2009, mostrou os efeitos que a retenção de alunos tem sobre a aprendizagem, a personalidade e o comportamento dos estudantes. O especialista destaca que a maioria das pesquisas classifica a **reprovação como medida “ineficaz, do ponto de vista pedagógico, e até mesmo prejudicial ao desenvolvimento global dos alunos”**.

A reprovação afeta a confiança do jovem e gera um desajuste de idade-série. Embora o déficit de aprendizado possa estar relacionado a dificuldades cognitivas, raramente essa é a única causa. É preciso observar o contexto sócio-cultural do jovem (questões como escolaridade dos pais ou a qualidade da escola) e seu papel na dificuldade de reter conteúdo.

“QUEM TEM MAIS CONHECIMENTO SOBRE OS EFEITOS DA REPROVAÇÃO NO ALUNO VAI TENDER A SER CONTRÁRIO. O PROFESSOR PODE ATÉ ACHAR QUE O ALUNO GANHOU ALGUMA COISA, MAS AS PESQUISAS MOSTRAM QUE AO LONGO DO TEMPO ESSE GANHO SE PERDE E O PROBLEMA DA AUTOESTIMA PERMANECE”

- Vanda Ribeiro, pesquisadora do Cenpec e professora da pós-graduação em educação da UNICID.

Fonte: O que professores brasileiros pensam sobre reprovação, Porvir.



A DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE

Distorção idade-série é a proporção de estudantes com mais de dois anos de atraso escolar.

Quando um jovem é **reprovado** ou **abandona** os estudos por dois anos ou mais, ele acaba repetindo uma mesma série. Isso faz com que ele siga os estudos com **defasagem em relação à idade considerada adequada para cada ano escolar**, segundo o que propõe a legislação educacional brasileira.

O cálculo da distorção idade-série é realizado a partir de dados coletados no Censo Escolar.



87,2% dos jovens-adolescentes com 15-17 anos estão na escola,

mas apenas 68,4% dessa população estavam na série de estudo adequada, ou seja, cursando o Ensino Médio.

Isso significa que cerca de **1,3 milhão**

de adolescentes dessa faixa etária estão fora da escola, enquanto outros

2 milhões estão atrasados.

O problema afeta mais os homens: entre a população masculina de 15 a 17 anos, apenas

63,5% estavam na série adequada.

Para as mulheres, a taxa é maior, de **73,5%**

63,5% dos pretos ou pardos de 15 a 17 anos estão fora da série adequada.

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2017.

CLIMA ESCOLAR

Pesquisadores apontam dois aspectos para a falta de engajamento dos jovens com a escola:

- O caráter rígido, austero e pouco dinâmico do cotidiano escolar, muitas vezes incompatível com as demandas mais expressivas dos jovens.
- A aparente dificuldade da escola em ajudar os estudantes na construção de um sentido para as atividades realizadas na escola.



SAIBA MAIS: ESTUDO CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, PLATAFORMA FAZ SENTIDO.

ESTUDO AMBIENTE DA ESCOLA - ARQUITETURA, INFRAESTRUTURA E ACLIMATAÇÃO, PLATAFORMA FAZ SENTIDO.

ESCOLA OU PRISÃO?

ESTUDO REALIZADO NA CIDADE DE SÃO PAULO PELO ANTROPÓLOGO ALEXANDRE BARBOSA PEREIRA (2016) OBSERVOU QUE OS ESTUDANTES ASSOCIAM AS ESCOLAS A PRESÍDIOS. ISSO ACONTECE PELA PRESENÇA DE GRADES E PELA PROIBIÇÃO DO USO DE CELULARES.

VALE LEMBRAR QUE HÁ CASOS EM QUE OS JOVENS FICAM CONFINADOS NOS HORÁRIOS LIVRES AO PÁTIO. E MUITAS VEZES EXISTE RESTRIÇÃO NO ACESSO A OUTROS ESPAÇOS FÍSICOS DA ESCOLA, COMO LABORATÓRIOS.

A QUESTÃO DA AUTORIDADE

O gerenciamento da autoridade em sala de aula é muito presente nos relatos de professores do Ensino Médio.

Eles descrevem um cotidiano escolar marcado pela presença de estudantes que, de diferentes maneiras e graus variados, resistem às regras, ao trabalho e às atividades educativas propostas.

Mas, afinal, o que é autoridade?

“AUTORIDADE (...) NÃO PODE SER CONFUNDIDA DIRETAMENTE COM PODER. EMBORA A AUTORIDADE PRESSUPONHA A EXISTÊNCIA DE PODER, HÁ UMA DIFERENÇA FUNDAMENTAL ENTRE AMBOS QUE DIZ RESPEITO À FORMA PELA QUAL ESSE PODER É EXERCIDO. POR EXEMPLO: SE UM POLICIAL APONTA UMA ARMA PARA VOCÊ E PEDE SEUS DOCUMENTOS, ELE TEM AUTORIDADE? NÃO. ELE TEM PODER. AUTORIDADE DISPENSARIA O USO DA ARMA. UMA PESSOA COM AUTORIDADE NÃO PRECISA COAGIR OUTRA A MOSTRAR UM DOCUMENTO. BASTA PEDIR.”

– José Sérgio de Carvalho, professor de Filosofia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo [USP].



DO “DITADO” PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA

Até o século XIX a atividade de ensino se resumia ao trabalho de um docente que lia e ditava em voz alta o conteúdo para os estudantes. Essa realidade mudou.

HOJE, QUANDO OS PROFESSORES ENTRAM EM SALA DE AULA, A DISPOSIÇÃO DOS JOVENS PARA ESCUTÁ-LO E REALIZAR AS ATIVIDADES PROPOSTAS NÃO É IMEDIATA. ANTES DE SUPOR QUALQUER MOBILIZAÇÃO POR PARTE DOS ESTUDANTES, OS DOCENTES PRECISAM CONSTRUIR AS CONDIÇÕES PARA O SEU TRABALHO.

ISSO SÓ PODE ACONTECER COM A PARTICIPAÇÃO DOS PRÓPRIOS JOVENS.



EXPRESSÕES E CULTURAS JUVENIS

Para resgatar o sentido da escola, é preciso incluir e respeitar as transformações políticas, culturais e sociais das novas gerações. Isso envolve lidar com as múltiplas expressões das culturas juvenis na escola.

Um caminho é escutar os próprios jovens sobre como gostariam de ser tratados no ambiente escolar e que tipo de relações esperam estabelecer com professores e gestores. É um passo em direção ao reconhecimento de demandas que os estudantes apresentam, às vezes, de maneira desordenada e indireta.

Essa abordagem não só facilita o diálogo entre educadores e estudantes, como fortalece o próprio estado democrático e a educação cidadã.

O PESQUISADOR DANILO MARTUGCELLI, PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE PARIS-DESCARTES, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – SORBONNE, PERGUNTOU A UM ESTUDANTE PERUANO SOBRE SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À ESCOLA E AOS DOCENTES. ELE RESPONDEU: “QUANDO ELES FALAM PARA NÓS, QUE OLHE-NOS NOS OLHOS”.



RACISMO E EVASÃO: QUAL A RELAÇÃO?

“MAIS DA METADE DOS ADOLESCENTES E JOVENS QUE NÃO ESTAVAM ESTUDANDO EM 2010 ABANDONOU A ESCOLA SEM COMPLETAR O ENSINO FUNDAMENTAL, DE ACORDO COM O CENSO DEMOGRÁFICO. OS MAIS EXCLUÍDOS SÃO CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO, NEGROS, QUE MORAM NA ÁREA RURAL, VIVEM EM FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA E TÊM PAIS OU RESPONSÁVEIS COM POUCA ESCOLARIDADE.”

Fonte: “O enfrentamento da Exclusão Escolar no Brasil”, estudo do Unicef [Fundo das Nações Unidas para a Infância] e da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

A discriminação racial é uma das principais barreiras socioculturais. Em todas as faixas etárias, crianças e adolescentes negros estão em desvantagem em relação aos mesmos grupos da população branca no acesso e principalmente na permanência na escola.

De acordo com o Informe Brasil – Gênero e Educação, isso é resultado do racismo que ainda se manifesta na escola, tanto de forma explícita quanto implícita.

A discriminação e o preconceito racial prejudicam o desempenho das crianças e dos adolescentes negros, contribuindo para que eles abandonem os estudos.



O racismo no dia a dia da escola se expressa de várias formas.



LORENA, DE 12 ANOS, SOFREU DISCRIMINAÇÕES POR PARTE DE SEUS COLEGAS DA ESCOLA. A ALUNA RECEBEU ÁUDIOS DISCRIMINATÓRIOS DOS COLEGAS DA ESCOLA, ENTRE ELES, UM FAZIA REFERÊNCIA AO CABELO DA MENINA COMO “CABELO DE MOVEDIÇA, CABELO DE MIOJO, CABELO DE MACARRÃO”.

Fonte: Brasil: vítima de racismo em escola, menina é obrigada a pedir desculpas aos agressores, Global Voice.

QUESTÕES DE GÊNERO TAMBÉM TÊM IMPACTO NA TRAJETÓRIA ESCOLAR DAS MENINAS

As violência de gênero e a reprodução de estereótipos também acontecem na escola. Isso impacta na qualidade de vida das meninas, na saúde física, mental e emocional, além de influenciarem suas escolhas futuras.

Por que discutir gênero na escola? Ação Educativa

Na escola, as meninas podem viver situações de violência como a invisibilização, a culpabilização, assédio sexual e a desqualificação intelectual.

Além disso, fora do ambiente escolar, meninas são vítimas de violências como o abuso sexual, violência física, violência moral e psicológica, pornografia de vingança, entre outras.

"MUITO DA VIOLENCIA DOMÉSTICA ESTÁ ALIADA À PERSPECTIVA DE QUE O HOMEM É DONO DA SUA MULHER, FILHA, DA ENTEADA, DA SOBRINHA, DAQUELA MENINA QUE TÁ NO PONTO DE ÔNIBUS, NA ESCOLA... HÁ QUE SE TER EDUCAÇÃO DE GÊNERO E ISSO COMEÇA NA ESCOLA E PASSA PARA A FAMÍLIA, PARA QUE AS MENINAS SEJAM CONSIDERADAS SUJEITOS DE DIREITO E NÃO COISAS"

- Luiza Cristina Frischeisen, subprocuradora geral da República

Fonte: Educação de gênero na escola previne feminicídios, dizem especialistas - Agência Brasil.



Atitudes sexistas, como separar meninos e meninas para determinadas atividades ou por áreas de conhecimentos, reforçam estereótipos de gênero que são bases para a violência contra a mulher. A escola precisa se mobilizar, refletindo sobre o preconceito presente em escolhas cotidianas.

Da mesma forma, a escola reproduz comportamentos de uma sociedade sexista que pode intervir na forma como as meninas se enxergam e imaginam seus futuros.

Uma pesquisa do Ministério da Educação de 2010, revelou que aproximadamente **20%** dos estudantes passaram por situações ou presenciaram cenas em que alguma menina foi humilhada pelo simples fato de ser menina.

Para **52,6%** dos entrevistados (além dos estudantes, pais, professores e funcionários), lavar a louça e cuidar das crianças são tarefas que cabem somente à mulher.

Fonte: Machismo na escola: como esse comportamento interfere a vida adulta - Redação M de Mulher



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA ESCOLHA PROFISSIONAL



Dados do Instituto Unibanco (2015) mostram que as **mulheres representam 32,8%** das matrículas nos cursos de Engenharia, produção e construção, enquanto os **homens representam 67,2%**. Já nos cursos de Saúde e bem estar social a porcentagem de **mulheres matriculadas é de 75,4%** enquanto os **homens representam 24,6%**.

Segundo dados do IBGE (2010), as mulheres representam **83%** da população que concluiu o ensino em cursos da área de Educação, possuindo renda média de R\$1.979. Enquanto isso, somente **23%** dos concluintes de cursos de Engenharia, Produção e Construção são mulheres, área onde a renda média é de R\$ 5.149.

Fonte: Relatório Brasil, Desigualdade de Gênero [Setembro, 2017] - Instituto Unibanco

A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE

“EU QUERIA SER A MEDIADORA DELE, OU TRABALHAR NA MESMA ESCOLA QUE ELE ESTUDASSE. ESSE ANO AS COISAS MELHORARAM, PORQUE A PROFESSORA DELE JÁ TINHA EXPERIÊNCIA. QUANDO O AMBIENTE É PROPÍCIO E ACOLHEDOR PARA A CRIANÇA, ELA COMEÇA A FLUIR. SÓ QUE TEM QUE TER UMA PROFESSORA ASSIM. ESSE ANO EU DEI SORTE, MAS E NO PRÓXIMO?”

– Ana Kelly Oliveira, mãe de Miguel, diagnosticado com síndrome de Asperger

“ESSES JOVENS TÊM MEDO DE SOFRER REPREENSÃO, CRÍTICAS E JULGAMENTOS. ELES TÊM MEDO DE NÃO SEREM ACEITOS E TODOS NÓS QUEREMOS SER ACEITOS”.

– Sylvia Rabello, professora aposentada, sobre casos de LGBTfobia na escola.

Fonte: Crianças com deficiência são vítimas da exclusão nas escolas, O Globo

Fonte: 6 situações que todo jovem LGBT passa na escola e como combatê-las, Nova Escola.



Por isso é tão importante promover espaços de acolhimento e reconhecimento dos estudantes dentro do ambiente escolar.

É necessário organizar tempos e propostas educacionais que sejam capazes de receber as manifestações e demandas dos jovens.

Transformar a escuta e o diálogo com os próprios estudantes em uma ação estratégica de professores, técnicos e gestores de políticas públicas.

SEGUNDO O RELATÓRIO "EDUCATION AT A GLANCE 2017", DISPONIBILIZADO PELA ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE), 40% DA POPULAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 25 E 34 ANOS NÃO POSSUI O ENSINO MÉDIO COMPLETO.

Fonte: O gargalo do Ensino Médio: em busca da escola com sentido para as juventudes, Centro de Referências em Educação Integral



COMO CONSERTAR O ELEVADOR SOCIAL?

A pesquisadora Tatiana Roque, professora da pós-graduação em ensino e história da matemática da UFRJ, realizou um estudo que mostra a importância de **crianças e jovens mais pobres estudarem com filhos de famílias mais ricas**.

"ESTUDANTES EM DESVANTAGEM SOCIAL TENDEM A TER PIORES PERFORMANCES DO QUE OS ESTUDANTES COM CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS MELHORES. MAS ISSO NÃO SE DEVE SOMENTE AO FATO DE TEREM PAIS MENOS ESCOLARIZADOS, É TAMBÉM POR FREQUENTAREM ESCOLAS SEGREGADAS DAQUELAS FREQUENTADAS PELOS MAIS RICOS."

Para a professora, essa separação que acontece no sistema de ensino aumenta a desigualdade educacional e, conseqüentemente, a desigualdade social.

Assim, juntar estudantes de diferentes realidades sociais e econômicas ajuda a diminuir as barreiras da desigualdade. A mobilidade educacional contribui para a mobilidade social.



ESTUDANTES CRIAM GRUPO DE RAP E DIMINUEM EVASÃO ESCOLAR EM SANTA CRUZ DO SUL (RS)

O Grupo Swing Rap foi criado por quatro estudantes do 1º e do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Nossa Senhora da Esperança, em Santa Cruz do Sul (RS). A iniciativa chamou a atenção de duas professoras, que conversaram com a direção e transformaram o rap em projeto pedagógico.

“A PARTIR DAS OFICINAS E DO EMPENHO DOS INTEGRANTES DO SWING RAP, O GRUPO INSPIROU A DIREÇÃO PARA QUE AMPLIASSE AS ATIVIDADES, INCLUINDO AULAS SOBRE OUTROS ELEMENTOS DO HIP HOP COMO O BREAK E O GRAFITI, NÃO APENAS PARA MEMBROS DA ESCOLA, MAS PARA TODA A COMUNIDADE. O PROJETO FOI BATIZADO DE “PERIFERIA TEM TALENTO”. O SUCESSO DO GRUPO TROUXE, TAMBÉM, NOVOS ROSTOS PARA O AMBIENTE ESCOLAR, ALÉM DE 10 ALUNOS QUE VOLTARAM PARA ESCOLA.”

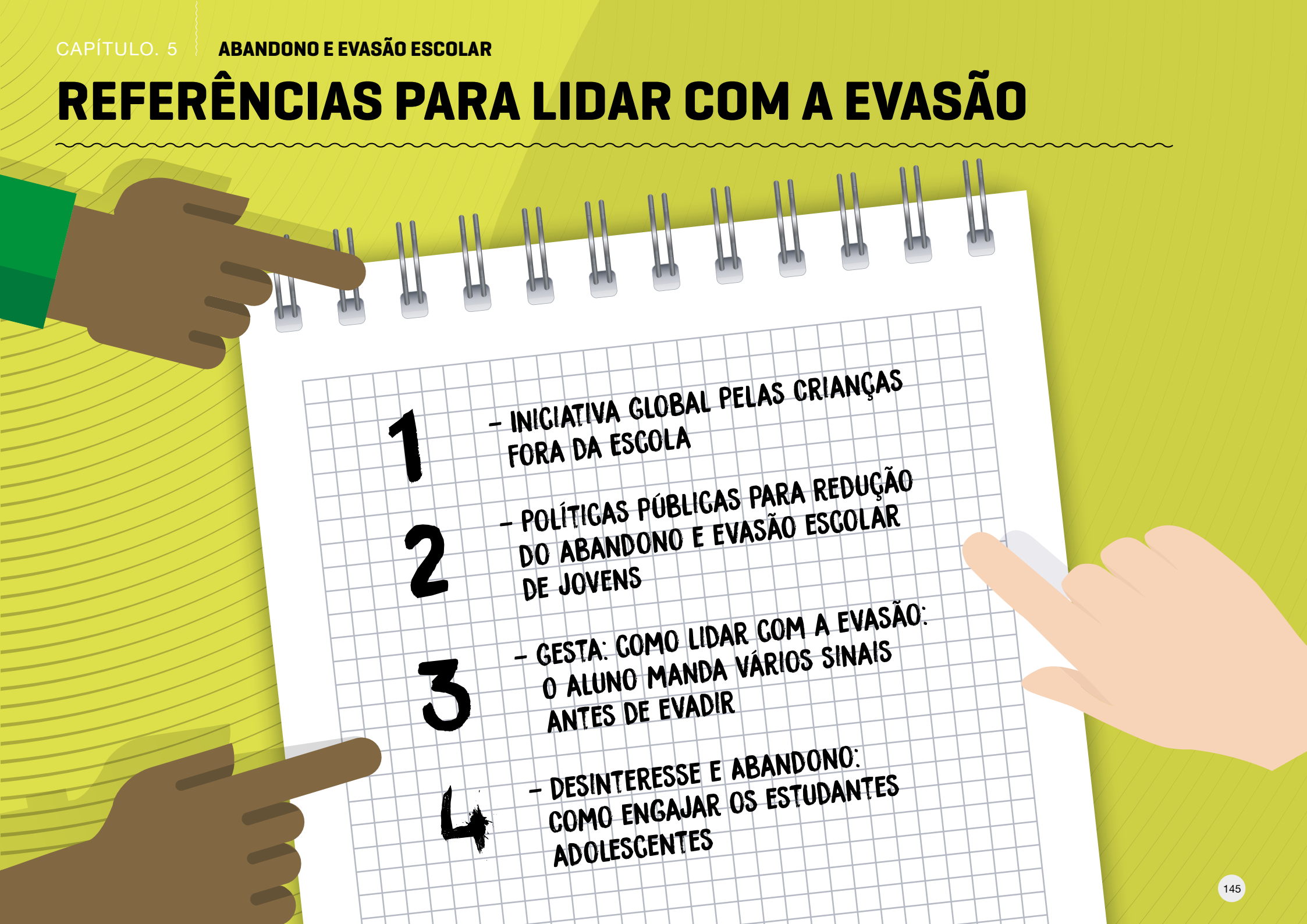
Fonte: Criativos da Escola

“É IMPORTANTE PORQUE ALÉM DE DAR VOZ É UM PROJETO EM QUE VOCÊ SE DESCOBRE”

– Anderson Souza,
membro do Grupo Swing Rap



REFERÊNCIAS PARA LIDAR COM A EVASÃO



1

- INICIATIVA GLOBAL PELAS CRIANÇAS FORA DA ESCOLA

2

- POLÍTICAS PÚBLICAS PARA REDUÇÃO DO ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS

3

- GESTA: COMO LIDAR COM A EVASÃO: O ALUNO MANDA VÁRIOS SINAIS ANTES DE EVADIR

4

- DESINTERESSE E ABANDONO: COMO ENGAJAR OS ESTUDANTES ADOLESCENTES

CAPÍTULO 6

PAPEL DA ESCOLA NO ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES, VIOLÊNCIAS E PRECONCEITOS



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

- Escola e a desconstrução de preconceitos
- Empatia e cidadania
- Cultura de acolhimento: a escola como um suporte aos desafios enfrentados pelos jovens
- Participação do estudante
- Práticas inspiradoras



A ESCOLA TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL NA DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS

Já falamos de como as discriminações de gênero, étnico-racial, homofóbicas e outras são produzidas e reproduzidas no ambiente escolar. Para mudar essa cultura de violência e preconceito precisamos de ações que promovam a reflexão individual e coletiva. E a escola é um terreno fértil para isso.

“(...) ACREDITA-SE QUE O PROFESSOR QUE RECONHECE AS DIFERENÇAS EM SUAS AULAS É CAPAZ DE RECONHECER O OUTRO E VALORIZÁ-LO DE ACORDO COM SUAS ESPECIFICIDADES E POTENCIALIDADES, ASSEGURANDO AOS ALUNOS A EQUIDADE, OU SEJA, IGUALDADE DE OPORTUNIDADES A TODOS PARA PODEREM SE DESENVOLVER DE ACORDO COM SUA REALIDADE, PROMOVER UMA EDUCAÇÃO QUE VALORIZA AS RAÍZES DE CADA CULTURA, OU SEJA, UMA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL.”

– Anabela Pereira, autora do livro Educação Multicultural, Teorias e Práticas

Fonte: Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica, Ivone Aparecida dos Santos, Universidade Estadual do Norte do Paraná

TROCASINSPIRADORAS

A Nova Escola selecionou 10 práticas para trabalhar temas como racismo, preconceito, cultura afro, cultura indígena e periferia em sala de aula.

ACESSE EM “10 PRÁTICAS INSPIRADORAS PARA ABORDAR OS POVOS OPRIMIDOS COM SEUS ALUNOS”



ACESSO À ESCOLA E DIREITO AO APRENDIZADO

O direito à educação vai muito além de garantir que os jovens estejam na escola. Tem a ver com o direito ao desenvolvimento pleno e integral dos estudantes. É importante mostrar que existe diferença entre o acesso à escola e o direito ao aprendizado.

É com esse olhar que a educação democrática e cidadã ganha mais força e sentido. Para se conectar com a realidade e com os jovens, a gestão escolar precisa propor a reflexão sobre diversidades.

“A ESCOLA NÃO É UMA ALIENÍGENA. ESTÁ INSERIDA NA SOCIEDADE, PORTANTO, TAMBÉM É UM ESPAÇO DESTAS DISPUTAS”

Lêda Gonçalves de Freitas, coautora do livro *Ser Menina no Brasil Contemporâneo – Marcações de Gênero em Contexto de Desigualdades*

Educadores são criadores da cultura de respeito e da garantia dos Direitos Humanos

“(…) É NA ESCOLA QUE CRIANÇAS E JOVENS PODEM SER, JUNTAMENTE COM OS PROFESSORES E AS PROFESSORAS, PROMOTORES E PROMOTORAS DA TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL”

– Gênero e Diversidade na Escola Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais

Fonte 1: Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos [IMS/UERJ]

Fonte 2: Cinco escolas que atuam no combate à homofobia, Carta Educação

Fonte 3: Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas, Centro de Referências em Educação Integral

EMPATIA E CIDADANIA: OS JOVENS E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em dezembro de 2017, é uma referência sobre como a escola pode ajudar os jovens a serem capazes de aplicar o que aprendem nas aulas ao seu dia a dia. E como podem fazer isso respeitando princípios universais, como a ética, os direitos humanos, a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

Veja o que dizem as competências 9 e 10 da BNCC sobre a formação de jovens autônomos que respeitem e acolham as diversidades

Competência 9 EMPATIA E COOPERAÇÃO

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Fonte: O que é a Competência empatia e cooperação, Nova Escola

Competência 10 RESPONSABILIDADE E CIDADANIA

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Competência Geral da BNCC prevê responsabilidade e cidadania, Nova Escola

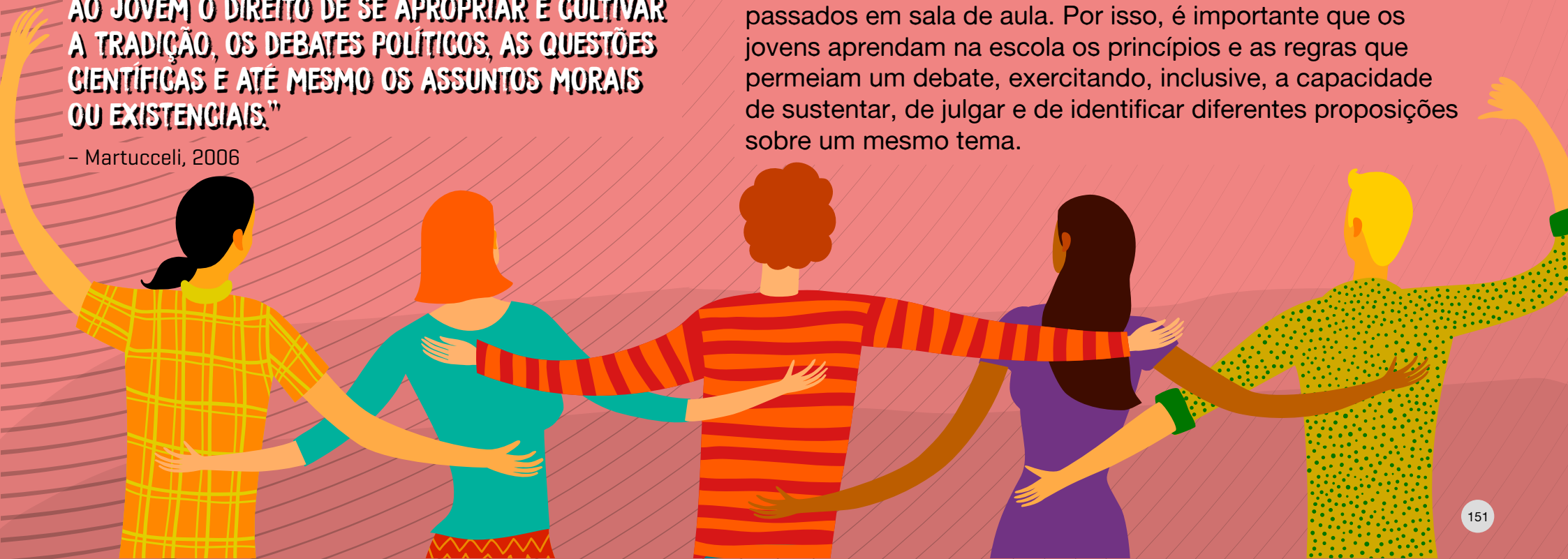


COMO PROMOVER A CULTURA DE ACOLHIMENTO DAS DIVERSIDADES E A FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA NA ESCOLA?

"A EDUCAÇÃO CIDADÃ É A PEÇA CENTRAL DO OBJETO DA ESCOLA, SEGUNDO MARTUCCELLI (2006). PARA O SOCIÓLOGO, A APRENDIZAGEM PERMANENTE, OS CONHECIMENTOS ESCOLARES E AS COMPETÊNCIAS CULTURAIS DIVERSAS CONFEREM AO JOVEM O DIREITO DE SE APROPRIAR E CULTIVAR A TRADIÇÃO, OS DEBATES POLÍTICOS, AS QUESTÕES CIENTÍFICAS E ATÉ MESMO OS ASSUNTOS MORAIS OU EXISTENCIAIS."

– Martucceli, 2006

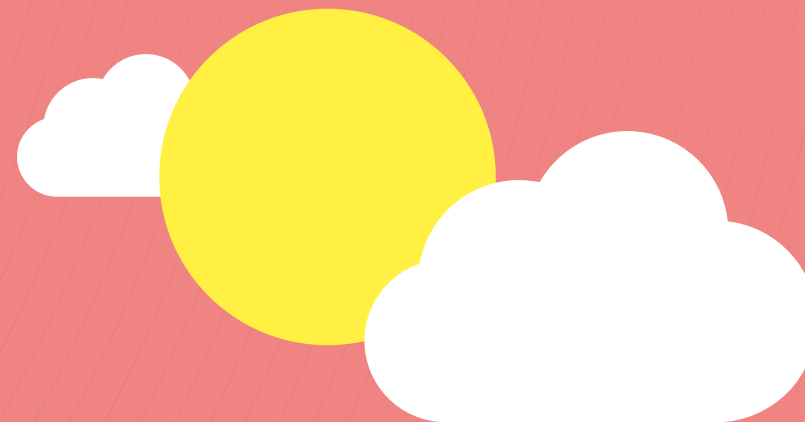
Na proposta da educação cidadã, a forma de transmitir conhecimentos é orientada pela participação dos estudantes em diversos tipos de exercícios e atividades. Assim, eles têm a chance de conhecer diferentes formas de compreensão de um mesmo fenômeno e também debater sobre elas. O debate é tão importante quanto aprender os conteúdos passados em sala de aula. Por isso, é importante que os jovens aprendam na escola os princípios e as regras que permeiam um debate, exercitando, inclusive, a capacidade de sustentar, de julgar e de identificar diferentes proposições sobre um mesmo tema.



PARTICIPAÇÃO MELHORA O CLIMA ESCOLAR

Além de ampliar o sentido de pertencimento do estudante na escola e combater a evasão, existem provas de que o estímulo à participação juvenil também pode melhorar o clima escolar.

Escolas com maior participação de estudantes e outros atores na gestão têm menos relatos de indisciplina, de acordo com estudo publicado pela Fundação Carlos Chagas em 2015. O levantamento é resultado de uma pesquisa internacional com professores feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

**1**

Organização de jovens em coletivos cria grupos de solidariedade e ajuda a diminuir a evasão

2

Maior participação dos estudantes permite identificar mais rápido o que acontece em sala de aula

3

Críticas e sugestões dos alunos devem ser entendidas como possibilidades de melhorar diálogo

Fonte: Aprendizagem em Foco, Instituto Unibanco, número 13/2016

SAIBA MAIS: ESTUDO FAZ SENTIDO - AMBIENTE DA ESCOLA - ARQUITETURA, INFRAESTRUTURA E CLIMA



“O INCENTIVO À PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS POSSIBILITOU IDENTIFICAR DE FORMA MAIS RÁPIDA E EFETIVA PROBLEMAS QUE POSSAM ESTAR ACONTECENDO EM SALA DE AULA, LONGE DOS OLHOS DOS GESTORES. NESSE PROCESSO, A VOZ DOS ALUNOS TEM QUE SER OUVIDA PARA VALER, E DE FORMA CONSTANTE, SEMPRE COM O OBJETIVO DE CONSTRUIR RELAÇÕES DE CONFIANÇA ENTRE TODOS POR MEIO DO DIÁLOGO RESPEITOSO E PERMANENTE.”

– Flavia Oliveira, coordenadora pedagógica da Escola Municipal Alcino Francisco da Silva, em Teresópolis (RJ)

A participação deve ser mediada pela direção para evitar que as ações que ampliam o protagonismo dos estudantes sejam confundidas com ferramentas de vigilância aos professores.

Foi o que aconteceu na Escola Municipal Alcino Francisco da Silva, em Teresópolis (RJ) e na Escola Estadual Maria Uchôa Martins, em Santarém (PA). As direções contam que foi fundamental conversar com os docentes para mostrar como as críticas e sugestões dos estudantes são possibilidades de melhor entendimento entre todos.

A escuta verdadeira e constante dos jovens deve ser feita sempre com o objetivo de construir relações de confiança entre todos por meio do diálogo respeitoso e permanente.

Fonte: Instituto Unibanco, Aprendizagem em Foco, número 13/2016



PRÁTICAS INSPIRADORAS

Permanência de Jovens com deficiência na escola

O Programa BPC na Escola foi criado para realizar o acompanhamento e monitoramento do acesso e da permanência de pessoas com deficiência à escola.

O objetivo é que a escola desenvolva as condições necessárias para o desenvolvimento da autonomia, participação social e emancipação dos estudantes com deficiência.

Para isso, o programa realiza anualmente o pareamento de dados entre o Censo Escolar INEP e o Banco do BCP para identificar os índices de exclusão escolar dos alunos beneficiários do programa. Também são realizadas formações de gestores estaduais para que sejam multiplicadores dos programas nos municípios.

SAIBA MAIS: PLATAFORMA GESTA



"AMIGOS NÃO CONTAM GROMOSSOMOS"

VOCÊ SABE QUAL É A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO NA VIDA DE CRIANÇAS COM E SEM SÍNDROME DE DOWN?

CONHEÇA A HISTÓRIA DE AMIZADE E COMPANHEIRISMO DE PEDRO E RODRIGO E VEJA COMO A INCLUSÃO PODE FAZER BEM A TODOS.

Vídeo: "Crescer com Síndrome de Down - Pedro e Rodrigo"



Projeto Equidade reduz pela metade evasão em 48 escolas de Curitiba

Em 2013, diante de um quadro de desigualdade de oportunidades educativas, a Secretaria de Educação de Curitiba realizou uma pesquisa para compreender a relação das desigualdades nos resultados do IDEB.

Um dos resultados da pesquisa foi o entendimento sobre a importância de se fortalecer a relação escola-família para aumentar o envolvimento das crianças no processo de ensino-aprendizagem. Também foi implementada formação docente contínua e mobilização das famílias.

Houve ainda a preocupação em garantir recursos extras para as escolas participantes do projeto, que recebem 10% a mais de verbas que a demais escolas da rede municipal, e em garantir um desenho único para a realidade de cada escola.

SAIBA MAIS: PROJETO EQUIDADE REDUZ PELA METADE EVASÃO EM 48 ESCOLAS DE CURITIBA, CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL

"AS FAMÍLIAS FORAM CONVIDADAS A ENTRAREM NA ESCOLA. FALAMOS PARA ELAS SOBRE O QUÃO IMPORTANTE ISSO É PARA A EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS E COM ISSO REVERTEMOS SITUAÇÕES DE BAIXA FREQUÊNCIA, POIS MUITOS PAIS ENTENDERAM A IMPORTÂNCIA DE IR À ESCOLA"

- Roberlayne de Oliveira Borges Roballo, Secretária de Educação



“DA EDUCAÇÃO INFANTIL À SUPERIOR, É ESSENCIAL CONHECER E RESSALTAR O PROTAGONISMO AFRICANO E AFRO-BRASILEIRO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, COMO DANDARA, ACOTIRENE, MILTON SANTOS, JOÃO JOSÉ REIS, MUNIZ SODRÉ, CONCEIÇÃO EVARISTO, CHIQUINHA DA SILVA, E RELACIONAR ESSES EXEMPLOS POSITIVOS A CADA UM DE NOSSOS ESTUDANTES NEGROS”

- Eduardo Oliveira, professor da UFBA em entrevista.

Cultura Negra nas paredes

O Centro Municipal de Educação Básica Mário Leal Silva em Aracruz, Espírito Santo, criou um projeto de intervenções individuais e coletivas contra o racismo na escola. Foi realizado um diagnóstico do perfil dos alunos e conversas com professores, familiares e funcionários sobre situações em que as pessoas vivenciaram ou presenciaram situações discriminatórias. Para aqueles que não se sentiam à vontade para falar, podia-se contar a história em uma folha de papel entregue posteriormente à direção. Em um segundo momento, foram realizadas intervenções pela escola através da exposição em murais de trabalhos realizados pelos alunos com temas da tradição africana e influências culturais da África no Brasil.

Combatendo o racismo entre os educadores

Buscando formas combater o racismo entre educadores, a diretora da CMEB Mário Leal Silva, Mônica Louvem, exibiu o filme O Triunfo, sobre as soluções desenvolvidas por um professor para acabar com o preconceito contra alunos negros, para debater soluções com os professores da escola.

O grupo também pensou em como introduzir temáticas da cultura africana no planejamento das aulas, através da análise de textos e pinturas e a criação de obras que foram expostas nos murais da escola. A ideia é refletir sobre as consequências do racismo em sala de aula para desconstruir preconceitos.

SAIBA MAIS SOBRE OS PROJETOS EM “COMBATENDO O RACISMO NA ESCOLA, ABORDAGENS POSSÍVEIS” - CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL



"A MINHA ESCOLA INCORPOROU A SEMANA DE ORGULHO NEGRO PROMOVIDA PELO GRÊMIO COMO UMA MATÉRIA INTERDISCIPLINAR QUE VALIA NOTA"

- Estudante do Ensino Médio



Jogos para a igualdade de gênero e a cultura da não-violência

A Coolabora, uma cooperativa de intervenção social de Portugal, elaborou o Coolkit - Jogos para a Não-Violência e Igualdade de Gênero.

O material apresenta atividades pedagógicas para crianças e adolescentes, separadas por perfil, e pode ser utilizado por qualquer pessoa em processos educativos.

As atividades têm o objetivo de promover a igualdade de gênero, a cultura de não-violência e temas como estereótipos de gênero, bullying, gestão de conflitos, entre outros.

FICOU CURIOSO? ACESSE O COOLKIT

Plataforma para a educação inclusiva

O Diversa é uma plataforma criada pelo Instituto Rodrigo Mendes onde são compartilhadas experiências e conhecimento sobre inclusão de estudantes com deficiências, transtorno do espectro autistas e altas habilidades. Educadores, gestores, familiares e outros profissionais podem buscar inspirações para o seu dia a dia na escola nas diferentes práticas da plataforma.

ACESSE O DIVERSA

Diversidade na Escola

O Centro de Ensino Fundamental 01 em Planaltina, Brasília/DF, criou o projeto Diversidade na Escola para promover reflexões sobre temas como homofobia, machismo, racismo e lesbofobia, e eliminá-las no cotidiano. A cada ano todo o corpo docente realiza rodas de conversa, debates e reflexões sobre filmes e outros instrumentos sobre a temática de diversidade, além da escola promover parcerias para a formação de toda a comunidade, além dos muros da escola.

Semana da Filosofia Brito sem homofobia

A Escola Estadual Professor Joaquim Luiz de Brito em São Paulo identificou que a escola precisava atuar no enfrentamento da homofobia entre seus estudantes. A instituição passou a promover ações específicas ao longo do ano como debates e discussões e também realiza a Semana sem homofobia, momento em que a escola oferece oficinas, exibe filmes e convida parceiros para falar sobre temas como Cultura da Paz.

SAIBA MAIS: SOBRE ESSAS E OUTRAS INICIATIVAS PARA O ACOLHIMENTO DE DIVERSIDADES? ACESSE A REPORTAGEM DA CARTA EDUCACAO

“A ESCOLA TEM UM PAPEL IMPORTANTÍSSIMO DE TIRAR ESTE TEMA DA INVISIBILIDADE. FORMAMOS PARA A CIDADANIA, OU SEJA, OS MENINOS NÃO PODEM OLHAR SÓ PARA OS SEUS UMBIGOS, PRECISAM OLHAR PARA O COLETIVO E TEREM CAPACIDADE DE INTERVIR, PROMOVER MUDANÇAS”

- Ana Paula Freitas Rodrigues,
diretora escolar





Professor apoia formação de coletivo feminista em escola

“EU ATUO NO COLETIVO ROSA ZUMBI E FUI PROCURADO POR ALGUMAS ALUNAS QUE ME PERGUNTARAM COMO ELAS FAZIAM PARA SE TORNAREM FEMINISTAS. ISSO POSSIBILITOU UMA DISCUSSÃO EM SALA DE AULA, ENTENDENDO QUE A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL PASSA NECESSARIAMENTE PELA LUTA DAS MULHERES. ENTÃO, PARA ALÉM DE ORIENTÁ-LAS A LUTAREM PELAS SUAS DEMANDAS, FUI PROCURAR COMO PODERIA AMPARÁ-LAS COM A MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA”, conta Eduardo Kawamura, professor de Língua Portuguesa para as turmas do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Eduardo Prado, na zona leste de São Paulo.

Com apoio da coordenação pedagógica, suas aulas vêm contribuindo para essas reflexões e também para a organização da pauta feminista dentro da instituição. **“ISSO SE DÁ SEMPRE EM DIÁLOGO COM AS ALUNAS E COM AS MULHERES DO COLETIVO; SÃO ELAS QUE ME DIZEM ATÉ ONDE POSSO IR, AFINAL, SOU HOMEM”,** compreende o docente.

Ele conta que não se trata propriamente de um projeto, mas de uma ação permanente que ganhou adesão de 20 estudantes, sendo 19 meninas e um menino dos 7º, 8º e 9º anos e é chamado de **Movimento Feminista na Escola (Movifemi)**.

Fonte: Professor apoia formação de coletivo feminista em escola, Centro de Referências em Educação Integral - 2016

Uma parceria inédita entre o Fundo ELAS, o Instituto Unibanco e a Fundação Carlos Chagas

Por mais acesso de meninas nas áreas de Ciências Exatas no Brasil

“O CAMINHO QUE ESCOLHEMOS PARA CAUSAR IMPACTO NESSES DADOS FOI INCENTIVAR PROJETOS QUE ESTIMULEM MENINAS A SE ENVOLVEREM COM AS CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS, SENSIBILIZANDO A GESTÃO ESCOLAR PARA TRANSFORMAR O CENÁRIO DE DESIGUALDADE DE GÊNERO EXISTENTE NO BRASIL.”

Fonte: Fundo Elas



Mulheres nas ciências

Internacionalmente no mês de outubro é comemorado o Ada Lovelace Day com o objetivo de celebrar e espalhar pelo mundo conquistas de mulheres na ciência, tecnologia, engenharia e matemática (a sigla em inglês é STEM), além de inspirar outras a seguirem carreiras nesta área.



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS



As referências estão separadas por capítulo, na ordem em que aparecem no estudo completo, para facilitar sua consulta. Portanto, como alguns materiais foram utilizados diversas vezes, eles serão indicados em todos os capítulos para os quais contribuíram.

Capítulo 1 - Introdução

FERNANDES, Elisângela. Participação já!

A escola aberta ao diálogo.

In Gestão Escolar Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/125/participacao-ja-a-escola-aberta-ao-dialogo>>

Acesso em 20/09/2018

Estatuto da Juventude.

In Portal da Juventude, Governo Federal Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/articles/participatorio/0005/9412/Estatuto_de_Bolso_Web.pdf>

Acesso em 21/10/2018

Centro de Referências em Educação Integral.

In: Cidade Escola Aprendiz

Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/>>

Acesso em 17/10/2018

UNESCO. Espaços seguros para jovens.

In: UNESCO Brasil Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/safe_spaces_for_youth_unesco_message_for_the_international/>

Acesso em 15/10/2018

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro . Evolução Hip Hop” reforça ligação entre rádio, rap e educação.

In: Portal Aprendiz. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/02/13/%E2%80%9CEvolucao-hip-hop%E2%80%9D-reforca-ligacao-entre-radio-rap-e-educacao/>>

Acesso em 20/10/2018

Educomunicação leva jovem a debater soluções para violência.

In: Porvir Disponível em: <http://porvir.org/especiais/participacao/educacao-leva-jovem-debater-solucoes-para-violencia/>

Acesso em 20/10/2018

Fomento à diversidade.

In: Observatório do PNE Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/12-ensino-superior/estrategias/12-5-fomento-a-diversidade>

Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. A escola brasileira como projeto de país.

Centro de Referências em Educação Integral.

In: Cidade Escola Aprendiz Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/a-escola-brasileira-como-projeto-de-pais/>

Acesso em 20/10/2018

Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

Educação é melhor que renda para reduzir desigualdade.

In: Valor Econômico Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/5336105/ocde-educacao-e-melhor-que-renda-para-reduzir-desigualdade>>

Acesso em 20/10/2018

Manual do Desenho Universal para Aprendizagem.

In: Movimento Down Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Manual-FINAL-bibliografia.pdf>

Acesso em 20/10/2018

MENDES, Rodrigo Hubner. O que é desenho universal para aprendizem?,

In: Diversa.org Disponível em: <http://diversa.org.br/artigos/o-que-e-desenho-universal-para-aprendizagem/>

Acesso em 20/10/2018

FAZ SENTIDO. Estudo Juventudes e o Ensino Médio,

In Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-JUVENTUDES-EM.pdf>> Acesso em 20/10/2018

As três gerações dos direitos humanos.

In: Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tres-geracoes-dos-direitos-humanos/> .

Acesso em 20/10/2018

Martin, Carla Soares. Os fundamentos das deficiências e das síndromes.

In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1384/os-fundamentos-das-deficiencias-e-sindromes>>

Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Estudo Juventudes e o Ensino Médio.

In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-JUVENTUDES-EM.pdf>>

Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Formação de Educadores.

In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-FORMACAOEDUCADORES-EM-1.pdf>>

Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Currículo e Práticas Pedagógicas.

In: Plataforma Faz Sentido. Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-CURRICULOSPRATICAS-EM.compressed.pdf>>

Acesso em 20/10/2018

Rodrigues, Cinthia. Pedagogia de alternância na Educação rural.

In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2924/pedagogia-de-alternancia-na-educacao-rural>> Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira.

In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-diversidade-se-traduz-em-desigualdade-na-escola-brasileira/>>

Acesso em 20/10/2018

DIAS, Tatiana. Cinco relatos que dão a dimensão do racismo no Brasil. In: Nexo Jornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/12/31/Cinco-relatos-que-d%C3%A3o-a-dimens%C3%A3o-do-racismo-no-Brasil-hoje>>

Acesso em 20/10/2018

Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

BRASIL. LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-norma-pl.html>>. Acesso em 20/10/2018

CAMPOS, Margarida Cássia, GALLINARI, Tainara Sussal. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. In: Revista FCT UNESP Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/4894/3688> . Acesso em 20/10/2018

TOKARNIA, Mariana. Quilombolas enfrentam barreiras para concluir ensino médio e entrar na universidade. In: EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/10/jovens-quilombolas-enfrentam-barreiras-para-concluir-ensino-medio-na-area-rural-de> Acesso em 20/10/2018

TOKARNIA, Mariana. No Maranhão, professores se dedicam a melhorar a vida de comunidades quilombolas. In: EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/10/no-maranhao-professores-se-dedicam-a-melhorar-a-vida-de-comunidades-quilombolas> Acesso em 20/10/2018

Educação Escolar Indígena. In: FUNAI. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena>. Acesso em 20/10/2018

Ensino confessional não deveria acontecer no Estado Laico. In: CBN. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/124435/ensino-confessional-nao-deveria-acontecer-no-estad.htm> Acesso em 20/10/2018

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. Escola é o espaço onde crianças de religiões afro mais se sentem discriminadas, afirma pesquisadora. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/05/12/escola-e-o-espaco-onde-criancas-de-religioes-afro-mais-se-sentem-discriminadas-afirma-pesquisadora/> Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. Os desdobramentos do ensino religioso confessional nas escolas públicas. In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desdobramentos-do-ensino-religioso-confessional-nas-escolas-publicas/> Acesso em 20/10/2018

Viver em São Paulo - Diversidade. In: Rede Nossa São Paulo. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/viver_em_sp_diversidade_apresentacao.pdf Acesso em 20/10/2018

Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016. In ABGLT. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf> Acesso em 20/10/2018

Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. In: Comfor UNIFESP. Disponível em: http://comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/GDE_Completo.pdf Acesso em 20/10/2018

Gênero e Educação para Todos. In: Relatório UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001324/132480por.pdf> Acesso em 20/10/2018

Capítulo 2 - Diversidade, desigualdade e equidade

TRAMONTINA, Mariana. Feminismo. In: UOL TAB. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/feminismo/>
Acesso em 20/10/2018

PAIVA, Thais. Quem é Malala Yousafzai?
A prêmio Nobel em suas próprias palavras.
In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em:
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/quem-e-malala-yousafzai-a-premio-nobel-em-suas-proprias-palavras/>
Acesso em 20/10/2018

BASILIO, Ana Luiza. ONU Mulheres lança currículo de gênero para conscientização em escolas.
In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em:
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/onu-mulheres-lanca-curriculo-de-genero-para-conscientizacao-em-escolas/>
Acesso em 20/10/2018

Atlas da violência.
In: IPEA. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf
Acesso em 20/10/2018

Mapa da violência.
In: Flacso Brasil. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/>
Acesso em 20/10/2018

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017.
In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>
Acesso em 20/10/2018

ATAL, Juan Pablo; ÑOPO Hugo; WINDER, Natalia. New Century, Old Disparities Gender and Ethnic Wage Gaps in Latin America. In: BID. Disponível em: <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=2208929>
Acesso em 20/10/2018

Professor apoia formação de coletivo feminista em escola. In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/professor-apoia-formacao-de-coletivo-feminista-em-escola/>

GROSSI, Patrícia; COUTINHO Ana Rita Costa. Violência contra a mulher do campo: desafios às políticas públicas. In: Serviço Social em Revista - UEL Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/download/32071/23366> >
Acesso em 20/10/2018

A urgência da Interseccionalidade. In: Cruzamento: raça e gênero. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em 20/10/2018

CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da Interseccionalidade. In: TED. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br>
Acesso em 20/10/2018

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma única história. In: TED. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>
Acesso em 20/10/2018

Capítulo 3 - Reconhecimento e representatividade na escola

AMADEO, Javier. Identidade, Reconhecimento e Redistribuição: uma análise crítica do pensamento de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser. In: Periódicos UFSC.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2175-7984.2017v16n35p242/34244>>

Acesso em 20/10/2018

HAMINE, Jacqueline; BEGUOCI, Leandro. O professor dos “perigosos”. In: Nova Escola.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/8694/o-professor-dos-perigosos>>

Acesso em 20/10/2018

Nossa Escola em Reconstrução. In: Especial Porvir

Disponível em: <<http://porvir.org/nossaescola/>>

Acesso em 09/09/2018

Silêncio na Escola. In: Instituto Unibanco.

Disponível em: <<http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/11/index.html>>

Acesso em 20/10/2018

LEI Nº 7.398, DE 4 DE NOVEMBRO DE 1985. Organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus.

Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%207.398-1985?OpenDocument>

Acesso em 20/10/2018

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>

Acesso em 20/10/2018

FERNANDES, Elisângela. Participação já! A escola aberta ao diálogo. In: Gestão Escolar

Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/125/participacao-ja-a-escola-aberta-ao-dialogo>>

Acesso em 20/09/2018

Participação dos estudantes na escola. In: Especial Porvir.

Disponível em: <<http://porvir.org/especiais/participacao/>>

Acesso em 20/10/2018

HADDAD, Ana. Como funciona a Escola de Notícias, que ensina comunicação – e cidadania – para jovens da periferia.

Disponível em: <<https://projetodraft.com/como-funciona-a-escola-de-noticias-que-ensina-comunicacao-e-cidadania-para-jovens-da-periferia/>>

Acesso em 20/10/2018

Capítulo 4 - Impacto das desigualdades na escola

Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

In: Comfor UNIFESP. Disponível em: <http://comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/GDE_Completo.pdf>
Acesso em 20/10/2018

Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais - E-Clam. Disponível em: <http://www.e-clam.org/downloads/GDE_VOL1versaofinal082009.pdf>
Acesso em 20/10/2018

As violências de gênero invisíveis diárias.

In: Das lutas. Disponível em: <<https://daslutas.wordpress.com/2016/08/16/as-violencias-de-genero-invisiveis-diarias/>>
Acesso em 20/10/2018

21 perguntas e respostas sobre o bullying.

In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>>
Acesso em 20/10/2018

ROCHA, Camilo. O que diz a lei brasileira sobre racismo e injúria racial.

In: Nexo Jornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/27/O-que-diz-a-lei-brasileira-sobre-racismo-e-inj%C3%BAria-racial>>
Acesso em 20/10/2018

Por que discutir gênero na escola?.

In: Ação Educativa Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao_porquediscutirgeneronaescola.pdf>
Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Formação de Educadores.

In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-FORMACAOEDUCADORES-EM-1.pdf>>
Acesso em 20/10/2018

Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas.

In: Plan International
Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-desigualdade-de-genero-se-manifesta-na-educacao-das-meninas/>>
Acesso em 20/10/2018

Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016.
In ABGLT.

Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>
Acesso em 20/10/2018

RAMOS, Mozart Neves. O drama do ensino médio noturno. In: Instituto Ayrton Senna, 2015

Disponível em: <http://www.institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/radar/O_drama_do_ensino_meacutedio_noturno.html>
Acesso em 20/10/2018

Capítulo 5 - Exclusão, evasão e abandono escolar

Relatório Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens. In: Instituto Ayrton Senna, Instituto Unibanco e Fundação BRAVA. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/Pol%C3%81ticas-pu%C3%81blicas-para-a-reduc%C3%A7%C3%A3o-do-abandono-e-evas%C3%A3o-escolar-de-jovens.pdf>> Acesso em 20/10/2018

Acesso em 20/10/2018

MATUOKA, Ingrid. Como a diversidade se traduz em desigualdade na escola brasileira. In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-diversidade-se-traduz-em-desigualdade-na-escola-brasileira/>> Acesso em 20/10/2018

Cenário da exclusão escolar no Brasil. In: Unicef 2017. Disponível em: <<https://buscataivaescolar.org.br/downloads/guias-e-manuais/busca-ativa-escolar-v10-web.pdf>> Acesso em 20/10/2018

Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Currículo e Práticas Pedagógicas. In: Plataforma Faz Sentido. Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-CURRICULOSPRATICAS-EM.compressed.pdf>> Acesso em 20/10/2018

Renault, Alain. O fim da autoridade. Brasil: Instituto Piaget. 2005 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2017. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149> Acesso em 20/10/2018

OLIVEIRA, Vinicius. Professor é fator decisivo contra a evasão escolar. In: Porvir. Disponível em: <<http://porvir.org/professor-e-fator-decisivo-contra-evasao-escolar/>> Acesso em 20/10/2018

PAIVA, Thais. Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas. In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-desigualdade-de-genero-se-manifesta-na-educacao-das-meninas/>> Acesso em 20/10/2018

Governo Federal. O Sus e A Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens no Brasil. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/pub_sus.pdf> Acesso em 03/10/2018

ONU Brasil. Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha/>> Acesso em 20/10/2018

FERREIRA, Paula. Crianças com deficiência são vítimas da exclusão nas escolas. In: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/criancas-com-deficiencia-sao-vitimas-da-exclusao-nas-escolas-20001960>> Acesso em 10/10/2018

PAIVA, Thais. O gargalo do Ensino Médio: em busca da escola com sentido para as juventudes. In: Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-gargalo-do-ensino-medio-em-busca-da-escola-com-sentido-para-as-juventudes/>> Acesso em 20/10/2018

Estudantes criam grupo de rap e diminuem evasão escolar em Santa Cruz do Sul (RS) In: Criativos da Escola. Disponível em: <<https://criativosdaescola.com.br/periferia-tem-talento/>> Acesso em 20/10/2018

Capítulo 6 - Papel da escola no enfrentamento das desigualdades, violências e preconceitos

SANTOS, Ivone Aparecida. Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>> Acesso em 20/10/2018

PERES, Paula. 10 práticas inspiradoras para abordar os povos oprimidos com seus alunos. In: Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/12139/10-praticas-inspiradoras-para-falar-sobre-povos-oprimidos-na-sala-de-aula>> Acesso em 20/10/2018

Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais - E-Clam. Disponível em: <http://www.e-clam.org/downloads/GDE_VOL1versaofinal082009.pdf> Acesso em 20/10/2018

BASILIO, Ana Luiza. Cinco escolas que atuam no combate a homofobia. In: Carta Educação. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/cinco-escolas-que-atuam-no-combate-homofobia/>> Acesso em 20/10/2018

BNCC NA PRÁTICA: Aprenda tudo sobre as Competências Gerais. In: Nova Escola Disponível em: <<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/vyJEu8Gj5ebaxTttfcm9UBuSHMJacVvAhJaQetT5SsRg5ZNtncwTq7aTGdM9/nova-escola-bncc-ed-competencias.pdf>> Acesso em 20/10/2018

Aprendizagem em Foco. In: Estudo Instituto Unibanco. Disponível em: <<http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/2/>> Acesso em 01/10/2018

Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas (GESTA). Disponível em: <<https://gesta.org.br/>> Acesso em 20/10/2018

Combatendo o racismo na escola: abordagens possíveis . In: Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/combatendo-o-racismo-na-escola-abordagens-possiveis/>> Acesso em 10/10/2018

Coolkit - Jogos para a não violência e igualdade de gênero. In: Coolabora. Disponível em: <<http://www.coolabora.pt/publicacoes/coolkit.pdf>> Acesso em 20/10/2018

Plataforma Colaborativa de práticas em educação inclusiva. Disponível em: <<http://www.diversa.org.br/>> Acesso em 22/10/2018

Elas - fundo de investimento social. Disponível em: <<http://fundosocialelas.org/>> Acesso em 13/10/2018



MUITO OBRIGADO!

Uma parceria:

